

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL DAS
CIÊNCIAS E DA SAÚDE



Casa de
Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

ROSÂNGELA COUTINHO DA SILVA

SOB A PELE DOS LIVROS DA COLEÇÃO PROFESSOR CELSO CUNHA

Rio de Janeiro
2018

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE

ROSÂNGELA COUTINHO DA SILVA

SOB A PELE DOS LIVROS DA COLEÇÃO PROFESSOR CELSO CUNHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde como requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luce Girão Soares de Lima

Rio de Janeiro
2018

CIP - Catalogação na Publicação

S586 Silva, Rosângela Coutinho da
 Sob a pele dos livros da coleção Professor Celso
 Cunha / Rosângela Coutinho da Silva. -- Rio de
 Janeiro, 2018.
 181 f.

 Orientadora: Ana Luce Girão Soares de Lima.
 Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa
 de Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em
 Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências
 e da Saúde, 2018.

 1. Coleção Professor Celso Cunha. 2.
 Diagnóstico de conservação. 3. Conservação
 preventiva. I. Lima, Ana Luce Soares de, orient.
 II. Título.

ROSÂNGELA COUTINHO DA SILVA

SOB A PELE DOS LIVROS DA COLEÇÃO PROFESSOR CELSO CUNHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde como requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Luce Girão Soares de Lima (Orientadora)
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - Casa de Oswaldo Cruz (COC)

Profa. Pós-Doutora Iceia Thiesen
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) –
Programa de Pós-Graduação em História

Profa. Dra. Alda Lúcia Heizer
Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Ana Paula Corrêa (Suplente)
Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/ UFRJ)

Profa. Dra. Laurinda Rosa Maciel (Suplente)
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - Casa de Oswaldo Cruz (COC)

In memoriam de meu avô, Damião, o poeta do sertão!

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa não se faz sem a colaboração de muitas pessoas. A escrita é individual, mas a construção é coletiva. Só foi possível a realização desse estudo porque muitos plantaram sementes de colaboração, de solidariedade, de estímulo, de compartilhamento de experiências, que germinaram contribuindo para conclusão deste trabalho. A estas pessoas expresso aqui a minha gratidão:

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, pelo conhecimento compartilhado, que muito contribuiu para construção teórica desta pesquisa. Em especial aos professores Renato Gama-Rosa, Carla Maria Teixeira Coelho, Laurinda Maciel e Alda Heizer.

À Ana Luce Girão Soares de Lima, pela segura orientação da pesquisa.

À Valéria Rodrigues Dias de Souza e à Christina Teixeira Rivas, queridas da secretaria acadêmica, que, com carinho e respeito, nos receberam como verdadeiras anfitriãs com requintes de amor e de cuidado.

Aos meus colegas do mestrado, pelo convívio, o meu agradecimento. Tenho orgulho de ter sido da primeira turma do programa. Dos amigos que fiz no convívio quase diário, levarei na lembrança os momentos alegres, tristes, angustiantes, partilhados durante o curso. De maneira especial agradeço à Maria de Fatima Carazza de Faria, à Giovanna Ermida Martire, à Rosana Soares Zouain, ao Tarcísio Pereira Bastos, ao Adroaldo Lira Freire, à Elen Cristina de Aguiar Gomes, à Patrícia da Silva Costa Gross, à Ana Roberta Tartaglia, à Eliane Monteiro de Santana Dias, à Raquel Aquino de Araújo, pela gentileza e colaboração que me deram durante o período de realização da pesquisa e pela amizade consolidada ao longo do curso.

Aos colegas da Secretaria dos Órgãos Colegiados da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ivan da Silva Hidalgo, Ana Rosa Santos Almeida e Marcos Gil Ferreira e Silva, o meu agradecimento pela gentileza com que me receberam para consulta documental nesta secretaria.

À Silvia Lhamas de Mello, pelo apoio e colaboração recebidos da Divisão de Gestão Documental e da Informação.

Aos colegas do Sistema de Bibliotecas da UFRJ (SiBI/UFRJ), em especial, à Paula Maria Abrantes Cotta de Mello, pela entrevista concedida e a colaboração para o andamento da pesquisa; e à Samantha Eunice de Miranda Marques Pontes, pela leitura atenta, em alguns momentos da escrita do trabalho.

Ao Prof. Dr. Nelson Maculan Filho, pela entrevista concedida, que muito colaborou para a reconstrução da trajetória de institucionalização da Coleção Professor Celso Cunha na UFRJ.

Às bibliotecárias que fizeram parte dessa história de institucionalização da Coleção Professor Celso Cunha na UFRJ, Maria de Fátima Pereira Raposo, Fátima Carvalho Corrêa, Selma Mendes Fontes Sodré, que gentilmente concederam-me entrevistas para que fosse possível conhecer como se deu esse processo na Universidade.

Aos Professores da UFRJ, Dinah Callou, Marta Alckmin, Ângela Faria, Leonardo Marcotúlio, Sonia Cristina Reis, Ana Paula Corrêa de Carvalho, Luiz Cláudio Pimentel, Leonardo Aragão e Célia Maria Paiva, a todos a minha gratidão pelos conhecimentos compartilhados que muito colaboraram para essa pesquisa.

Aos colegas da Faculdade de Letras o meu agradecimento, em especial ao Marcelo Jorge Genovese, Jorge Luiz Fernandes Barbosa, Victor Hugo C. dos Santos, Ubirajara Carvalheira Costa, Edmar Belarmino de Oliveira Filho, Hilda Regina Vasconcellos e Maria Alice Marques da Silva Costa, pela colaboração na consulta documental durante o andamento da pesquisa.

Ao professor Fabiano Cataldo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pela colaboração e por ter me apresentado um texto de Antônio Cândido sem o qual não seria possível construir a reflexão apresentada no segundo capítulo dessa dissertação.

À Cilene Pereira da Cunha que desde o início se colocou disponível para colaborar com essa pesquisa.

Ao Antônio Carlos dos Santos Oliveira, que com a sua experiência e conhecimento na área de monitoramento ambiental de acervos, colaborou para esse trabalho.

À Ana Cristina de Oliveira Garcia, pela leitura atenta e pelas sugestões feitas ao longo da pesquisa.

À Fátima Martins, por ter colaborado no início dessa pesquisa, mas que devido a problemas de saúde precisou se afastar.

Ao Edmar Moraes Gonçalves, da Fundação Casa de Rui Barbosa, pelo conhecimento compartilhado sobre as encadernações.

À Ana Renata Tartaglia, da Academia Brasileira de Letras, pela colaboração na consulta à documentação do arquivo da ABL.

Aos bibliotecários, funcionários e estagiários da Biblioteca José de Alencar, o meu agradecimento, em especial: à Cila V S Borges, à Carla dos Santos Martins, à Bruna Cajé, ao Lucas Silva Alves, à Maria Inez Maia Oliveto, à Rita de Cássia Ribeiro Mereb, à Maria

Aparecida Pinto Motta, ao Flávio Pereira Prado, à Bruna Martins, à Carla Evangelista, à Marcia Farias Lopes Silva, à Neide Do Carmo, à Natália Alves e à Cláudia Martins.

Aos amigos Melina de Brito dos Santos, Fernanda Lobo, Vagner Amaro, Eliane Vieira, Gisélia Marra, Inez Zini, Luciana Napoleone, Luciane Medeiros, Daiane Crivellaro, Jucimar Pimenta Vasconcellos, Maria Cláudia Santiago, Anna Paula Gonçalves da Silva, João Loureiro, Noemia da Silva Costa, Eliana da Silva Rodrigues, Vilma S. Silva e Cláudia Anjos, pelo apoio e colaboração.

Ao Alexandre de Oliveira Marques Pereira por ter me tirado de muitos apuros com um computador já bem cansado de trabalhar.

Ao casal mais colaborativo e solidário que conheci: Ana Cristina e Fernando Leme Dutra, o meu agradecimento pelo apoio recebido, inúmeras vezes, durante esses quase três anos.

Ao André da Cruz Oliveira pela nobreza de alma, pela colaboração durante todo o período do trabalho, com quem sempre pude contar.

À Amanda Barbosa Vilela, amiga-irmã que papai do céu trouxe para mim. Que habitou esse sonho junto comigo e fez dele também a sua morada.

À Maria Lucia dos Santos Guimarães, minha querida e eterna professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), agora não mais da Faculdade, mas da vida, que com o seu olhar atento viu sempre mais adiante que eu, melhorando o meu caminhar diante do passar da vida. Obrigada por ter estado sempre presente durante todo o processo.

Ao Nataniel Pereira Silva Júnior, meu amigo-irmão, sempre presente mesmo que distante, que muito contribuiu com suas reflexões sobre a memória social e suas indispensáveis traduções de textos franceses para construção da pesquisa.

Ao Diego Mendonça, pela cumplicidade de momentos partilhados de incentivo e força durante todo processo de escrita da dissertação, o meu agradecimento.

À família Lima, que esteve comigo durante todo esse tempo dando-me apoio e incentivo constante, em especial, ao Leonardo Lima e à Marize Lima.

À minha família, em especial, à minha mãe que mesmo não gostando de morar no Rio de Janeiro, aceitou ficar comigo uns tempos num momento conturbado da pesquisa, o meu agradecimento.

Enfim, quero agradecer a todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente, para que esse trabalho se realizasse. **MUITO OBRIGADA!**

Celso Cunha ama a nobre vestidura dos livros, e faz bem. Livro é criatura como gente, merece ser tratado com requintes de gosto e de cuidado.

Dedicatória de Carlos Drummond de Andrade ao Celso Cunha

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a diagnosticar o estado de conservação da Coleção Professor Celso Cunha, da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O diagnóstico do acervo é fator essencial para todas as coleções e materiais em bibliotecas ou outras instituições depositárias de herança cultural e, portanto, é utilizado aqui para a identificação dos entraves que interferem na preservação e conservação desta coleção. Pretende-se, com isso, identificar as condições de infraestrutura do ambiente de guarda do acervo e os aspectos de preservação das publicações. A partir do resultado das análises realizadas sobre o diagnóstico da infraestrutura do ambiente e da coleção, espera-se contribuir para a elaboração futura de um plano de conservação preventiva para a Coleção Professor Celso Cunha e para a implantação de ações de conservação e preservação da coleção. Espera-se, com o conhecimento gerado na fase de diagnóstico, adotarem-se, em caráter permanente, medidas de controle dos agentes de risco e deterioração da coleção, na intenção de salvaguardar esse patrimônio cultural.

Palavras-chave: Coleção Professor Celso Cunha. Diagnóstico de conservação. Conservação preventiva.

ABSTRACT

This research aims at presenting an accurate diagnostic evaluation of the conservation conditions of the Professor Celso Cunha Collection at the José de Alencar Library of Rio de Janeiro Federal University (UFRJ). The diagnostic assessment is a crucial activity for all collections in libraries or other cultural heritage institutions and, therefore, it is applied here to identify those factors which directly interfere on the preservation and conservation of the Professor Celso Cunha Collection. Storage environmental and infrastructural conditions as well as other damage and risk factors are then verified to identify those factors which impact the preservation of materials. It is hoped that the diagnostic data can be used towards the creation of a future preventive conservation plan for this Collection and for establishing conservation and preservation measures at once. It is also hoped that permanent measures are taken towards risk and deterioration factors in order to avoid loss and protect this cultural legacy.

Keywords: Professor Celso Cunha Collection. Conservation Diagnosis. Preventive Conservation.

LISTA DE QUADROS

	p.
QUADRO 1 – Quadro-resumo da produção científica do Celso Cunha	33
QUADRO 2 – Classificação dos agentes de deterioração.....	85
QUADRO 3 – Simulação no computador CONCLIMA.....	126
QUADRO 4 – Caracterização física das obras integrantes da amostra	133
QUADRO 5 – Relação de danos físicos, químicos e biológicos identificados na amostra	152

LISTA DE GRÁFICOS

	p.
GRÁFICO 1 – Representação das medições de temperatura e umidade relativa do ar do dia teste nos aparelhos Aeroqual e Sala de Consulta (B).....	116
GRÁFICO 2 – Médias mensais de temperatura e umidade relativa do ar (médias diárias) coletadas em (A) escritório, (B) consultas e (C) periódicos entre abril de 2017 e março de 2018. As barras inferiores e superiores em cada ponto demarcam, respectivamente, as médias diárias mínimas e máximas de cada parâmetro.....	119
GRÁFICO 3 – Média anual de temperatura da Biblioteca.....	121
GRÁFICO 4 – Médias mensais de temperatura do ar (A) máxima, (C) média e (E) mínima diária e de Umidade Relativa do Ar (B) máxima, (D) média e (F) mínima diária, coletadas na biblioteca e nas estações meteorológicas do Fundão e Galeão entre abril de 2017 e março de 2018.....	124
GRÁFICO 5 – Danos ao suporte	134
GRÁFICO 6 – Ataque biológico ao suporte e a encadernação.....	142
GRÁFICO 7 – Danos à encadernação.....	145
GRÁFICO 8 – Estado geral de conservação da amostra.....	153
GRÁFICO 9 – Medidas de conservação.....	153

LISTA DE FIGURAS

	p.
FIGURA 1 - Programa impresso do show musical em homenagem ao professor Celso Cunha.....	26
FIGURA 2 - Imagem do casamento de Cinira Figueiredo com Celso Cunha.....	28
FIGURA 3 - Celso Cunha na Biblioteca Nacional.....	34
FIGURA 4 - Celso Cunha na Assembleia Geral da UNESCO.....	35
FIGURA 5- Celso Cunha recebe título de Doutor <i>Honoris Causa</i> pela Universidade de Granada.....	37
FIGURA 6 - Dedicatória de Carlos Drummond de Andrade a Celso Cunha, 1987.....	38
FIGURA 7 - Marcas de leitura e anotações manuscritas.....	38
FIGURA 8 - Cartão de divulgação da exposição “Celso Cunha: dez anos de saudade”....	41
FIGURA 9 - Mapa de localização da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ	42
FIGURA 10 - Imagens da entrada da Biblioteca José de Alencar	43
FIGURA 11 - Imagens do ambiente e da Coleção Professor Celso Cunha.....	44
FIGURA 12 - Reprodução do gabinete do professor Celso Cunha	45
FIGURA 13 - Imagens do acervo móvel da Coleção Professor Celso Cunha.....	45
FIGURA 14 - O circuito da comunicação de Robert Darnton.....	64
FIGURA 15 - Níveis de proteção que envolvem o acervo.....	94
FIGURA 16 - Marcas de umidade na parede do subsolo da biblioteca.....	99
FIGURA 17 - Imagens do subsolo da biblioteca da Faculdade de Letras.....	102
FIGURA 18 - Imagens da área de guarda da coleção.....	105
FIGURA 19 - Equipamentos e objetos sem uso na biblioteca.....	106
FIGURA 20 - Imagens do ar condicionado central quebrado.....	106
FIGURA 21 - Insetos sobre o carpete.....	107
FIGURA 22 - Imagens do teto da Sala Professor Celso Cunha.....	108
FIGURA 23 - Teto com infiltrações e buracos.....	109
FIGURA 24 - Instalações hidráulicas expostas com vazamentos	109
FIGURA 25 - Imagens da Sala Professor Celso Cunha.....	110
FIGURA 26 - Marcas de ataque de cupim no mobiliário de madeira.....	113
FIGURA 27 - Localização dos espaços e equipamentos de aferições.....	114
FIGURA 28 – Imagem de satélite sobre a região de estudo, destacando os pontos das	

estações meteorológicas de superfície: Galeão (em azul), Fundão (em verde) e da biblioteca José de Alencar (em vermelho).....	122
FIGURA 29 - Mapa de localização dos problemas identificados na Sala Professor Celso Cunha	127
FIGURA 30 - Imagens de selos e adesivos de livreiros.....	131
FIGURA 31 - Imagens de sujidade nos cortes.....	135
FIGURA 32 - Manchas de umidade	136
FIGURA 33 - Área com mancha de oxidação	136
FIGURA 34 - Imagens de migração e oxidação da tinta de impressão.....	137
FIGURA 35 - Imagens de <i>foxing</i>	138
FIGURA 36 - Imagens de abrasão e desgaste	138
FIGURA 37 - Imagens de dobras e vincos	139
FIGURA 38 - Imagens de publicações com folhas amareladas, bordas quebradiças e rasgos.....	140
FIGURA 39 - Imagens de ondulações	141
FIGURA 40 - Ataque de roedor	143
FIGURA 41 - Imagens de ataque biológico	144
FIGURA 42 - Imagens de danos na encadernação	146
FIGURA 43 - Rasgos na lombada.....	147
FIGURA 44 - Danos de abrasão e oxidação na capa	147
FIGURA 45 - Imagens de descoloração.....	148
FIGURA 46 - Imagens de publicações com couro pulverulento.....	148
FIGURA 47 - Imagens de danos na encadernação.....	149
FIGURA 48 - Imagens de danos por ataque biológico na encadernação.....	151

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BC/CLA	Biblioteca Central do Centro de Letras e Artes
CCI	Canadian Conservation Institute
CCMN	Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza
CEG/UFRJ	Conselho de Ensino e Graduação da UFRJ
CENPES	Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Miguez de Melo, da Petrobras
CEPEL	Centro de Pesquisa em Energia Elétrica da Eletrobras
CETEM	Centro de Tecnologia Mineral
CFC	Conselho Federal de Cultura
CFE	Conselho Federal de Educação
CLA	Centro de Letras e Artes
CLIR	Conselho de Recursos em Biblioteconomia e Informação
CONCLIMA	Controle Climático de Ambientes
COOTRAM	Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos do Complexo de Manguinhos Ltda.
CPBA	Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos
CPBN	Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional
ETU	Escritório Técnico da Universidade
FCC/UFRJ	Fórum de Ciência e Cultura
FL	Faculdade de Letras
FNFfi	Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil
GCI	Getty Conservation Institute

ICCROM	Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais
IGEO	Instituto de Geociências
INL	Instituto Nacional do Livro
IP	Índice de Permanência
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor
MHN	Museu Histórico Nacional
NCE/UFRJ	Núcleo de Computação da UFRJ
OFINES	Oficina Internacional de Informação e Observação do Espanhol
PEN CLUBE do Brasil	Clube Internacional de Escritores
PILEI	Programa Interamericano de linguística e ensino de Línguas
PLANOR	Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras
PPGPAT/COC/FIOCRUZ	Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz
PRM	Partido Republicano Mineiro
PRODELIVRO	Coordenação do Núcleo de Preservação e Patologia do Livro
PROJETO NURC	Projeto da Norma Urbana Oral Culta
SiBI/UFRJ	Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro
UDF	Universidade do Distrito Federal
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade de Campinas
UR	Umidade Relativa do Ar

SUMÁRIO

	p.
1	INTRODUÇÃO..... 19
2	A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR CELSO CUNHA..... 23
2.1	Celso Cunha, Philobiblon..... 37
2.2.	A Coleção Professor Celso Cunha..... 41
2.3	Processo de institucionalização da Coleção Professor Celso Cunha na UFRJ..... 48
3	REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA PARTICULAR DO PROFESSOR CELSO CUNHA NA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ..... 57
4	DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO PROFESSOR CELSO CUNHA..... 79
4.1	Metodologia do diagnóstico de conservação da Coleção Professor Celso Cunha..... 88
4.2	Análise dos resultados..... 91
<i>4.2.1</i>	<i>Análise do monitoramento ambiental.....</i> 92
4.2.1.1	Análise do entorno: Ilha do Fundão e prédio da Faculdade de Letras..... 96
4.2.1.2	Análise do ambiente interno: Sala Professor Celso Cunha..... 103
4.2.1.3	Análise do monitoramento ambiental da Sala Professor Celso Cunha..... 114
4.2.1.4	Mapeamento de danos no acervo bibliográfico..... 127
4.2.1.4.1	Identificação dos danos nas obras que integram a amostra..... 132
5	CONCLUSÃO..... 155
	REFERÊNCIAS..... 158
	ANEXOS..... 177

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca não é a cidadela inóspita, situada por muros intransponíveis. É antes a cidade aberta desejosa de intercâmbios e parcerias promissoras.

Eduardo Portella.

Este estudo tem como objetivo diagnosticar o estado de conservação do acervo da Coleção Professor Celso Cunha da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), identificando as condições do seu espaço de guarda e os entraves existentes à preservação dessa que é uma das coleções especiais da Biblioteca e a única armazenada em espaço próprio.

O professor Celso Cunha lecionou por quase quarenta anos na Faculdade de Letras da UFRJ, dedicando-se ao estudo, à pesquisa e ao ensino da Língua Portuguesa. Como bibliófilo, formou uma das mais cobiçadas bibliotecas particulares do nosso país. Com o objetivo de proporcionar à comunidade universitária o estudo e a pesquisa em material bibliográfico especializado, a sua biblioteca foi adquirida pela Universidade. Destaca-se, nesse sentido, a importância desse acervo para as pesquisas acadêmicas realizadas por pesquisadores da área da Filologia e demais ciências literárias, que lidam com muitos percalços para encontrar manuscritos e primeiras edições dos textos de seu interesse.

Este trabalho justifica-se pela alta relevância da preservação desse acervo para a área das Letras, em especial para a Filologia e a Linguística, atendendo a estudiosos não apenas da cidade do Rio de Janeiro. Embora a importância do acervo seja inquestionável, deve-se observar, no entanto, que as condições de infraestrutura não são apropriadas para a sua preservação. Nesse sentido, por se tratar de publicações originais e únicas, em um suporte tão sensível como o papel, localizadas em um ambiente inapropriado, é premente a necessidade de ações voltadas à preservação desse patrimônio bibliográfico. Para que a instituição possa ter uma política de atuação permanente visando ao desenvolvimento educacional, é fundamental que seu sistema de apoio à Biblioteca possa garantir a constante manutenção desse acervo.

A coleção foi a biblioteca particular do professor Celso Cunha – nome representativo das Letras, no Brasil e no exterior, um dos brasileiros que melhor conhecia a Língua Portuguesa e as suas origens –, desejada pela raridade das obras que integram seu acervo e pelo preciosismo das suas encadernações. Certamente, a cada página consultada, estará sendo reverenciada a memória do professor Celso Cunha, também em seu desejo de que as obras reunidas ali pudessem estar à disposição de todos de maneira permanente e sem obstáculos a

seu acesso. Dado o seu valor bibliográfico, a coleção merece ser preservada por meio de ações de conservação preventiva.

Para ressaltar o valor das obras que integram essa coleção e a importância desta pesquisa, reproduz-se, abaixo, o depoimento de um pesquisador desse acervo, aluno da Faculdade de Letras da UFRJ, que fez questão de nos enviar um *e-mail* tratando da importância de obra descoberta na coleção e da sua preocupação com as condições do espaço de guarda:

[...] Empreendi desde o início de minha graduação uma pesquisa sobre o estilo barroco e, em meados do ano passado, iniciei uma verdadeira caçada ao tratado de literatura de Francisco Leitão Ferreira. A “Nova arte de conceitos” é, de longe, o tratado mais completo em língua portuguesa sobre os saberes e concepções da literatura dos séculos XVII e XVIII. Já sabia da importância de Leitão Ferreira para as Letras setecentistas, legível em alguns discursos e poemas disponíveis na Internet. Mas, um importante ensaio do Professor Christopher Lund foi fundamental para a compreensão e interesse pelo tratado. Resolvi ir atrás do tratado. Ele não está digitalizado, como outras centenas de obras de grande importância. Aconselharam-me a buscar em bibliotecas portuguesas. Dito e feito: havia dois exemplares disponíveis em duas diferentes bibliotecas, onde o Professor Lund ocupou seu tempo com a leitura do tratado. [E] na biblioteca de UFRJ. Saltei ao observar que constava um exemplar de cada volume da “Nova arte de conceitos” no acervo pessoal deixado pelo excelso filólogo e Professor Celso Cunha. Pude visitar a biblioteca e conferir os exemplares, cujas folhas gastas pela umidade poderiam comprometê-los de todo. O zelo e a pesquisa dos funcionários são as únicas ferramentas que mantêm o acervo de pé. Estava contente pelo achado e triste por observar que as condições de conservação poderiam vitimizar o único exemplar público no Brasil do importantíssimo tratado.¹

É nítida a necessidade de assegurar à comunidade acadêmica a preservação e conservação desse patrimônio cultural e, portanto, a implantação de ações preventivas para salvaguardar esse acervo é urgente. Nesse cenário, o “como” preservar o patrimônio bibliográfico da Coleção Professor Celso Cunha é o problema sobre o qual se debruçou esta pesquisa.

Na perspectiva de buscar meios eficientes para a conservação desse patrimônio acadêmico, propusemo-nos a diagnosticar o estado de conservação da Coleção e do seu espaço de guarda. Com o diagnóstico, foram também identificados os processos de deterioração da coleção e sua vulnerabilidade diante dos riscos aos quais está exposta, para, então, provocar o planejamento de medidas de controle em caráter permanente quanto a esses agentes causadores de perdas para o acervo.

Serão ainda abordados os elementos de representação da biblioteca pessoal de Celso Cunha na Biblioteca José de Alencar. Foram observadas as implicações da manutenção dessa

¹Depoimento de Phelipe de Oliveira, enviado por *e-mail* à Biblioteca José de Alencar, em 24 de março de 2016.

biblioteca, para o gerenciamento da coleção no contexto institucional, tal qual foi deixada por ele. Buscou-se compreender como a reprodução do escritório do professor Celso Cunha no espaço de guarda da coleção impacta a preservação e a conservação desse acervo.

Para a discussão da representação da biblioteca pessoal do professor Celso Cunha, partiu-se das abordagens das professoras Regina Abreu, apresentada no livro *A Fabricação do Imortal*; Tania Maria Bessone, na publicação *Palácios de Destinos Cruzados: Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro, 1870-1920* e da definição de memória institucional da professora Iceia Thiesen, apresentada na tese de doutoramento *Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*, além de publicações da área de Biblioteconomia relacionadas ao gerenciamento de coleções especiais em bibliotecas universitárias.

Para o diagnóstico de conservação da Coleção Professor Celso Cunha, foram utilizadas as metodologias de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), organizada pela professora Ingrid Beck. Além disso, aplicou-se a metodologia do ICCROM e do *Canadian Conservation Institute*, para a identificação dos riscos relacionados ao ambiente de guarda da coleção.

Os seguintes pressupostos embasaram a pesquisa e foram posteriormente confirmados depois da análise dos resultados: 1) as condições inapropriadas de infraestrutura do espaço de guarda contribuem para a deterioração da coleção e 2) reproduzir fielmente o escritório da biblioteca pessoal do professor Celso Cunha no espaço de guarda do acervo, na Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ, com o objetivo de criar a figura do imortal, tem implicado em dificuldades para o gerenciamento da conservação e preservação da coleção.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo, discorre-se sobre a trajetória do professor Celso Cunha e a composição de sua biblioteca, as suas escolhas temáticas e o modo como estava organizado o acervo em sua residência. Além disso, apresenta-se como se deu o processo de institucionalização dessa biblioteca pessoal na Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ. Mostra-se, por fim, a tipologia do acervo, como está organizado na Biblioteca José de Alencar, além da importância dessa coleção para a pesquisa acadêmica.

No segundo capítulo, discute-se a representação da biblioteca pessoal do professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. Os entraves no gerenciamento da coleção, criados a partir da imortalização dessa memória, na Biblioteca José de Alencar, ao se manter no espaço de guarda do acervo uma réplica do escritório da sua biblioteca pessoal, são

apresentados. Nesse momento, questiona-se o que isso representa no contexto institucional e quais são as dificuldades advindas dessa escolha para a gestão da coleção.

No terceiro capítulo, apresenta-se o diagnóstico do estado de conservação da Coleção Professor Celso Cunha. Mostra-se, então, o resultado do monitoramento ambiental do espaço de guarda e o mapeamento dos danos das publicações e apresentam-se os riscos identificados, aos quais está exposto o acervo em seu espaço de guarda.

O ano de 2017 marcou o centenário de nascimento de Celso Cunha e várias foram as comemorações realizadas por entidades como a Academia Carioca de Letras, a Academia Luso-Brasileira de Letras, o PEN CLUBE do Brasil (associação internacional de escritores) e a Academia Brasileira de Letras. Antes mesmo dessas instituições, a Academia de Ciência de Lisboa iniciou o ano comemorativo do seu centenário, na Europa. Acreditamos, no entanto, que a eliminação dos agentes de risco para essa coleção e um plano de conservação preventiva, isto é, a preservação da biblioteca pessoal do famoso mestre, em caráter de urgência, poderiam ser as maiores de todas as homenagens.

2 A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR CELSO CUNHA

Eu queria pegar na semente da palavra.
Manoel de Barros

Celso Ferreira da Cunha foi um estudioso da Língua Portuguesa, apaixonado pela palavra e pelos livros que reuniu em uma biblioteca pessoal ao longo de toda uma vida. Um observador dos fatos da língua e um revelador dos feitos da linguagem, ele tinha uma relação afetiva com a sua biblioteca, que o fazia adentrar pelo silêncio da noite até o raiar do dia, seduzido pelas palavras dos livros, na busca pelo conhecimento. Já com mais de 70 anos, em sessão da Academia Brasileira de Letras, em 1988², Celso Cunha revelou que estava escrevendo lentamente uma História da Língua Portuguesa no Brasil, que, no entanto, não pode ser concluída dada a sua morte em abril de 1989.

Edson Nery da Fonseca, em artigo publicado no *Jornal do Comércio* de Recife, destaca esse relacionamento afetuoso do filólogo com os livros:

Celso Cunha foi apaixonadamente bibliófilo. E embora medievalista, colecionava obras de autores modernistas, das quais possuía as primeiras edições em exemplares perfeitos. Seu apartamento da Rua Diógenes Sampaio, em Humaitá, era uma biblioteca cercada de salas e quartos (FONSECA, 1995, [não paginado]).

O professor, ao comentar sobre a sua biblioteca, caracterizava-a como uma biblioteca **funcional**, pois versava sobre temáticas e campos de seu interesse: Idade Média, poesia medieval, versificação, trovadores, português do Brasil – sendo dedicada, portanto, aos estudos sobre a formação da língua brasileira.

Nesse contexto, preocupava-se em preservar a unidade e o espírito formador da coleção dirigida para o trabalho no campo das letras. Ainda em vida, manifestou à família o desejo de que sua biblioteca fosse adquirida por uma universidade, de preferência do Rio de Janeiro, sem ser desmembrada. Investiu todos os recursos na formação e preservação desse acervo, de modo que sua biblioteca dispunha de isolamento especial contra a umidade, a fim de preservar os livros por mais tempo como fontes de estudos, pesquisas, produção e conhecimento, em geral.

Os livros da biblioteca particular de Celso Cunha foram reunidos a partir de escolhas pessoais, de maneira que exhibe uma articulação estruturante de sua produção acadêmica. Os

² REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, n. 155, 1988. p.116.

autores e os temas fazem parte de uma teia que permite ao pesquisador adentrar por infinitas possibilidades e que em tudo está interligada à trajetória do professor.

Cada biblioteca carrega uma história única de vida, “um exercício de dedicação e amor pela escrita do outro [...], de modo que sua importância não pode ser contabilizada pelo tamanho do acervo, mas pela vida que flui dentro dela. Independente de sua grandiosidade, as bibliotecas são sempre infinitas e insubstituíveis” (COELHO, 2017, p. 4).

Pode-se dizer, então, que a integralidade de sua biblioteca é essencial para o entendimento da formação e do percurso de Celso Cunha, graças à simbiose do colecionador com o seu acervo. Essa questão é destacada por outro acadêmico, Antônio Houaiss:

[...] uma das presenças físicas dele [Celso Cunha] é essa biblioteca que ele deixa e que será um crime se for mutilada ou esfacelada. Esse é um dos reptos de honra que uma casa de cultura como esta deve ter pela frente. Que ela se preserve como está, porque é extremamente seletiva. Os 20 mil títulos que encerra, ou para mais, são títulos inarredáveis daquele contexto. São títulos escolhidos, carinhosamente, com o máximo de critério possível, compondo um acervo importante da bibliografia brasileira, no interesse da Filologia e da Linguística. [...] Cada um desses foi, ao longo dos anos de vida de Celso Cunha, acarinhado e acariciado, como se filhos seus. [...] Creio que esse é um ponto de honra a que nos devemos empenhar. Se a Academia Brasileira de Letras pode ter algum prestígio em prol da cultura, deve empenhar-se para que a biblioteca não seja de modo algum esfacelada (HOUAISS, 1989, p. 63).

Nessa mesma perspectiva, Josué Montello reitera o assunto também em sessão na ABL:

Acho que deve partir da nossa Casa o propósito, a sugestão, no sentido de que não se retire do Rio de Janeiro a biblioteca de Celso Cunha. A Academia não pode ser indiferente a esse tesouro fundamental do saber literário e de saber linguístico, que é aquele patrimônio extraordinário, espelho e estuário de toda uma vida. [...] Celso Cunha [...] passou a vida debruçada sobre textos fundamentais da língua, com a preocupação, não tanto de ensinar, mas, sobretudo, de saber, porque ele tinha uma curiosidade intelectual permanente, cujo espelho e cujo testemunho é a sua extraordinária biblioteca (MONTELLO, 1989, p. 66).

Antônio Houaiss aponta, ainda, que Celso Cunha foi um homem de livros, provindo dos livros, dedicado aos livros e produtor de livros. Para ele, o filólogo considerou a Língua Portuguesa em termos holísticos, em toda a sua trajetória no tempo e amplitude no espaço:

Foi um erudito. Foi um intelectual do mais alto nível. Os ensaios mais generalizantes dele, a concepção de jargão, a concepção de dialeto, a concepção de língua, de cultura estão estudados com, às vezes, uma concisão lapidar, mas com aprofundamento exemplar. Nesse sentido, Celso Cunha não tem, talvez, até hoje, nenhum filósofo da língua, em português, tão atilado, tão profundo, tão exato quanto ele (IGLÉSIAS; HOUAISS, 1989, p.129-130).

Para Wilton Cardoso (1990), Celso Cunha, ao lado de Serafim Silva Neto, é o melhor exemplo de obra concluída dentro da perspectiva científica instalada no país com o ensino universitário das Letras.

Segundo Iglesias e Houaiss, o professor era considerado um admirável “causeur”:

Celso era discreto, refinado. De aparência frágil, era firme nas opiniões e sempre disposto ao trabalho, como se vê pela obra legada. Estudioso com algo de beneditino em seu ofício, não era alheio ao mundo e à vida. Acompanhava quanto acontecia em seu país e fora, como sabia partilhar de muitos prazeres. Gostava de conversar, era um admirável “causeur”; tinha senso de humor, sabia fazer e apreciar uma pilhéria. Amava a música popular, a boa mesa-conhecia como poucos as bebidas e os pratos finos. Elegante, cosmopolita, falava com seus pares na Europa e fazia pesquisas de dialeto no Brasil, dialogando com o povo das ruas ou dos campos. Cidadão do mundo estava bem em Paris, no Rio, em Belo Horizonte, em Teófilo Otoni (IGLÉSIAS; HOUAISS, 1989, p.134).

O amigo Portella lembra ainda:

[...] vivia rodeado de livros. Os livros eram o seu meio ambiente, a sua ecologia preferida. Entre ele e os livros se estabeleceu, desde cedo, um regime de intercâmbio permanente. A impressão que se tinha era a de que um não conseguia viver sem o outro. Por entre livros, no seu apartamento de Humaitá, circulavam desinibidamente colegas e alunos. Sempre tive dificuldade em concluir se a sua casa era a extensão da academia ou se, pelo contrário, era a academia que prolongava a sua residência-biblioteca (PORTELLA, 1999, p. 10).

Antônio Salles Filho, comentando a respeito do amor profundo de Celso Cunha por Minas Gerais e pelo Rio de Janeiro, bem como por Portugal, Espanha, Itália e França, relata que costumava brincar com ele, dizendo “Celso, você tem a cabeça em Paris, o coração no Rio de Janeiro e o estômago em Teófilo Otoni” (SALLES FILHO, 1995, p. LXVIII).

Além disso, o filólogo tinha amigos com quem falava todos os dias pelo telefone durante horas: Serafim da Silva Neto e Eduardo Portella. Como relata sua filha Cilene da Cunha Pereira, ele “não gostava de sair para visitas e passeios, pois preferia estar em casa e ausentar-se para viagem, que costumava fazer com muita frequência” (PEREIRA, 1995, p. XI-XII).

Outra face pouco conhecida dos que não desfrutaram de sua intimidade era a de boêmio. Era comum em seu cotidiano reunir os amigos, familiares, alunos, ex-alunos e professores para comemorar seu aniversário com rodas de samba, que aconteciam em seu apartamento no Humaitá, conforme relatam seus amigos mais íntimos e familiares:

Dia 10 de maio havia sempre em sua casa uma grande festa para comemorar o seu aniversário. [...] Houve épocas em que lá compareciam Heitor dos Prazeres, com

suas pastoras, Aaulfo Alves, Elizete Cardoso, e o samba rolava até o amanhecer. Todos cantavam, batucavam em caixinhas de fósforo e alguns arriscavam passos que ele timidamente buscava acompanhar (PEREIRA, 1995, p. XII).

Em 1982, para celebrar mais um aniversário, foi organizado o Pagode do Celso, um show musical com programa impresso (ver Figura 1), no seu apartamento, que abria suas portas à Velha Guarda da Portela, Nei Lopes e Wilson Moreira. O seu gosto pelas letras de sambas, em particular pelas de Noel Rosa e de Aaulfo Alves, Ismael Silva e Billy Blanco, era manifestado até em sala de aula, quando exemplificava um fato linguístico apoiado nos sambas de compositores brasileiros.

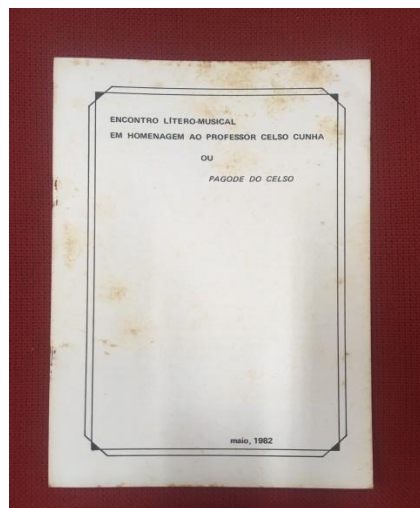


Fig. 1 - Programa impresso do show musical em homenagem ao professor Celso Cunha

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Celso Cunha também tinha suas crendices e superstições. Carregava no bolso um rosário da Irlanda, que se misturava a fitas do Senhor do Bonfim e a uma figa da Guiné: “o rosário da Irlanda, por ser o único país do mundo que ainda luta pela religião católica; as fitas do Senhor do Bonfim, por ser a Bahia o símbolo do sincretismo religioso brasileiro; e a figa de Guiné rememorava as vozes da mãe África que tanto divulgou entre nós” (PEREIRA, 1995, p. XIII). Nesse contexto, dedicava as sextas-feiras às decisões difíceis e melindrosas, pois, “segundo o dito por uma cigana em Paris, este era o seu dia de sorte” (PEREIRA, 1995, p. XIII). Além disso, tentava banir o número 7 (sete) da sua vida. De acordo com sua filha, a censura a esse número:

[...] vem de uma verdade colhida na voz do povo, de que José Américo de Almeida fora preterido em suas aspirações políticas por morar numa casa de número sete. Daí o repúdio ao sete e a tudo que somasse sete, como o caso do edifício em que morava de nº 16 – um mais seis igual a sete – ter sido renumerado pela prefeitura, depois de uma alentada argumentação que para tanto encaminhara (PEREIRA, 1995, p.XIII).

O professor era mineiro, nascido na cidade de Teófilo Otoni, em 10 de maio de 1917, e falecido, no Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1989, em decorrência de uma parada cardíaca provocada por uma hemorragia gástrica. Está sepultado no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Tinha sete irmãos e era filho primogênito de Tristão Ferreira da Cunha e de Júlia Versiani da Cunha. Seu pai foi professor de alemão do Colégio Pedro II e, também, professor de Economia Política do Colégio Universitário. Por Tristão Cunha ter sido sócio do Colégio Anglo Brasileiro, foi lá que Celso Cunha iniciou os seus estudos. Além disso, seu pai foi também deputado pelo Partido Republicano Mineiro (PRM) e Secretário de Estado de Minas Gerais por três governos. Já sua mãe, Júlia, era de uma família tradicional da região norte de Minas Gerais, filha do engenheiro ferroviário Pedro Versiani, de quem herdou o interesse pelos poetas latinos. De seu próprio pai, Celso Cunha herdou a predileção pelos poetas franceses e portugueses. Sua filha Cilene relata em artigo que Celso Cunha gostava de intercalar suas leituras filológicas e linguísticas com a de grandes poetas das literaturas brasileira, francesa e portuguesa.

O filólogo passou a sua infância e adolescência no Rio de Janeiro, onde permaneceu por toda a vida, ausentando-se somente para cumprir compromissos profissionais. Na juventude, praticava atividades físicas, quando morava na Avenida Niemeyer, hábito abandonado quando entrou para a universidade, na qual vivia uma vida sedentária de estudo e de leitura.

Casou-se em 1942 com Cinira Figueiredo (ver Figura 2), sua companheira de toda a vida. Teve cinco filhas, uma seguiu a carreira do pai, mantendo a tradição ancestral de uma das vertentes da família, a docência. Quando Celso Cunha faleceu, deixou onze netos.



Fig. 2 – Imagem do casamento de Cinira Figueiredo com Celso Cunha

Fonte: Imagem do arquivo pessoal de Celso Cunha

De acordo com Pereira, o plano de vida foi definido desde cedo, sendo ele:

[...] formar-se em Direito, para eventual carreira política (que seu irmão Aécio Cunha e seu sobrinho Aécio Neves vieram a realizar seguindo os passos do pai) e em Letras (para ser Professor do Colégio Pedro II e da Faculdade Nacional de Filosofia, seguindo também outra faceta paterna) (PEREIRA, 2011, p. 5).

Graduou-se, então, em Direito, em 1938, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas nunca exerceu a profissão. Em sua última aula ministrada na Faculdade de Letras da UFRJ, por ocasião da aposentadoria compulsória, Celso Cunha relata as razões que o levaram a desiludir-se com o Direito:

Desta Faculdade, guardo principalmente desilusões. Se nela pude conhecer a rara competência de um Hermes Lima, de um Arnaldo de Medeiros, de um Roberto Lira, de um Júlio Portocarreiro, de um Haroldo Valadão, também aí tive de assistir a aulas de alguns professores, certamente dos piores que existiram no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo, professores esses nomeados para substituir, em 1935, quatro eminentes mestres destituídos de suas cátedras sob acusação de comunistas: Edgardo de Castro Rebello, Hermes Lima, Leônidas de Resende e Luís Carpenter. Foi essa arbitrariedade [...] que fez ruir a minha crença na força do direito, contra o direito da força. E mais. Levou-me a seguir o rumo das Letras e a ingressar em 1937, na Universidade do Distrito Federal, a inesquecível UDF, o belo e malogrado sonho de Anísio Teixeira (CUNHA, 2004, p.420).

Dois anos depois de tornar-se bacharel em Direito, licenciou-se em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFfi), que absorvera, em 1939, a Universidade do Distrito Federal (UDF)³. Segundo Portella (1999, p.7), a universidade foi um divisor de águas na biografia intelectual de Celso Cunha, já que “[...] ele chega a ela para estudar, e regressa para ensinar, em plena vigência da filologia românica. A filologia é o seu solo, e a língua portuguesa seu horizonte”.

De acordo com Pereira, a geração de Celso Cunha foi marcada pelo surgimento do curso superior de Letras no Rio de Janeiro e por seu corpo docente:

[...] pela competência e dedicação de alguns excepcionais professores brasileiros – Antenor Nascentes, Sousa da Silveira, José Oiticica, Quintino do Vale, Ernesto Faria – e pela onda de ‘modernidade’ trazida por professores franceses e italianos emigrados da Europa em consequência da II Guerra – George Millardet, Eugène Albertini e Albert Cherel –, que ofereciam cursos sobre cultura clássica, história, linguística, filologia, mitologia, antropologia (PEREIRA, 2011, p.8).

Esse foi, pois, um grupo marcado pela mistura de elementos de formação universitária específica com autodidatas de sólidos conhecimentos linguístico-filológicos. Nesse sentido, Celso Cunha pertenceu a uma geração que moldou seu pensamento em conceitos de liberdade, de igualdade e de justiça, e que viu o nascimento de ideologias antagônicas. E foi a criação da Faculdade de Letras que propiciou a aquisição dos novos métodos de trabalho.

Na Faculdade de Letras, foi aluno de George Millardet, Jacques Perret, Jean Bourcier, Eugène Albertini, Albert Cherel, José Oiticica, Quintino do Vale, Ernesto de Faria, Antenor Nascentes e Sousa da Silveira, dentre outros. Ao falar de seus mestres no discurso de posse da cátedra de português do Colégio Pedro II, destaca:

[Dos] professores, lembram-me todos e de alguns não posso aqui omitir o nome, porque sinto a cada momento o que lhe devo. Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, didata notável e conhecedor profundo do idioma, foi meu mestre de filologia portuguesa. Com ele fiz todo o curso de bacharelado e, posteriormente, na Faculdade Nacional de Filosofia, o de doutorado. Ainda hoje, decorridos dez anos do último contato entre o professor e o aluno, em que leituras e pesquisas dele em parte me separaram, vejo a sua presença em hábitos e conhecimentos que não mais me abandonaram.

Antenor Nascentes, a quem, com outra propriedade, se poderia aplicar o título de ‘mestre de mestres e mestre de todos’, [...] iniciou-me nos estudos românicos e abriu-me ao conhecimento regiões linguísticas por mim desconhecidas. Foi por excelência ‘lo mio maestro e lo mio autore’, porque soube orientar-me aproveitando minhas inclinações naturais, ainda quando o terreno linguístico que palmilhava não era do seu agrado especial. [...] sou- e digo com orgulho - um dos seus discípulos mais devotados (CUNHA, 2004, p. 410).

³ Os cursos da UDF foram transferidos para a Universidade do Brasil, por meio do Decreto nº 1063, de 20 de janeiro de 1939.

Celso Cunha iniciou a carreira docente aos 17 anos de idade, no Colégio Pedro II, tornando-se professor catedrático do mesmo colégio, em 1952, quando substituiu Antenor Nascentes na cátedra de Língua Portuguesa, por concurso de provas e títulos. Em 1971, aposentou-se, tornando-se emérito em 1980:

[...] Menino e moço, como diziam os antigos, vinha substituir, numa turma suplementar, um professor que se licenciara. Não era a primeira vez que lecionava, pois que, desde a conclusão do curso secundário, para o magistério me enderecei guiado por uma vocação ancestral, mas era como se fosse. Durante dias, senti-me oprimido pelas tradições destas paredes, destas salas, destes corredores, que então me pareciam gigantescos, pelos professores de nomes míticos, símbolos que conhecera encimando meus livros ginasiais, e que supunha estarem escutando, e criticando, cada palavra, cada frase que pronunciava. Terminada a aula, saía imediatamente do colégio, temeroso de encontrar um dos catedráticos da matéria, que de ambos sabia histórias de dificuldades no trato e de rigorismos, nas inquirições de apavorar um neófito (CUNHA, 2004, p.408).

O desejo de conquistar essa cátedra por concurso público ascendeu quando Celso Cunha teve que deixar o cargo de professor suplementar contratado, em função de ter sido instituído o concurso de títulos para o exercício daquela função e ele não pode se inscrever, dada a falta de idade:

Ascende a essa época o desejo, que se tornou plano de vida [...] de ser um dia titular de uma das cátedras de português desta casa. Comecei então a preparar-me, com método, para conquistá-la e tornar-me digno dela. Matriculei-me, por isso, na Faculdade de Letras da Universidade do Distrito Federal [...] a fim de sistematizar e aperfeiçoar os conhecimentos que possuía. Mas o que essa universidade representou para mim foi à mudança radical de vida. Sua influência exerceu-se não apenas nos métodos de estudo. Despertou-me uma ânsia de saber, que não me excitara o curso de Direito e ensinou-me a tirar do estudo prazeres não suspeitados (CUNHA, 2004, p.409).

Na posse da cátedra de Português do Colégio Pedro II, em 22 de novembro de 1952, no Salão Nobre, foi saudado pelo professor Antenor Nascentes:

Há obrigações indeclináveis. Foi para mim uma delas a de vos receber no dia em que entrais a fazer parte da congregação desta centenária casa de ensino. Cumpro este dever com tanto mais prazer quanto sinto ao considerar-vos um dos meus mais diletos filhos intelectuais. Não fostes meu aluno; fostes meu discípulo. Aluno é quem aprende conosco simplesmente. Discípulo é quem, tendo aprendido conosco, se liga depois a nós pelos vínculos de uma estreita amizade e, se versando o mesmo ramo de saber, navega nas mesmas águas. Tudo isto fizestes; tudo isto fazeis (NASCENTES, 1952, p.5).

Em 1957, sucedeu, por concurso de provas e títulos, o professor Sousa da Silveira na cátedra de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi). Sobre assumir por concurso público as duas cátedras de maior prestígio e tradição no Rio de Janeiro:

[...] a providência divina nos excessos de sua liberalidade para comigo poderia cumular-me ainda com outros e honrosos cargos, mas que nenhum me renovaria o prazer daquela hora em que considerava plenamente atingido o ideal de minha vida, concluso o plano que lhe traçara quando frequentava os bancos universitários- e que acabava de cumprir sem desfalecimento-, plano cuja meta era simplesmente a conquista, pelas estradas largas e democráticas da competição pública, de duas das cátedras de maior responsabilidade do ensino da língua do país: a do Colégio Pedro II, a representar a tradição centenária enobrecida pelos filólogos do passado; a da Faculdade Nacional de Filosofia, a esperança no destino dos estudos do idioma na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. [...] fui alçado a altos postos no país e no estrangeiro, mas nunca mais senti igual plenitude e felicidade (CUNHA, 2004, p. 419-420).

Josué Montello, ao comentar sobre o grupo ao qual pertenceram ele e Celso Cunha, afirma que este possuía na geração literária dele a mesma posição que coube à Sousa da Silveira em uma geração anterior: “[...] a do mestre que conhecendo profundamente a língua portuguesa, nas suas minúcias e no seu conjunto, associou a esse saber admirável a sensibilidade de quem nascera para apreciá-la na condição de obra de arte” (MONTELLO, 1995, p. LVII).

Para Barbosa Lima Sobrinho, o que o caracterizava:

[...] era um rigor de cientista. Ele era um cientista da linguagem, um homem que sabia a fundo todos os segredos da formação do idioma. Gramático, filólogo e linguista, pesquisador literário guiado por um espírito científico. Estudou detidamente todos os dialetos que dele resultaram (LIMA SOBRINHO, 1989, p.30).

De acordo com Pereira (2011), o professor foi autor de obras importantes nas áreas de gíria e calão, da língua galego-portuguesa, da crítica textual portuguesa, da versificação medieval e renascentista, da revisão crítica, da camonística, da lexicografia, do crioulo de base portuguesa⁴, do português do Brasil, do ensino de língua portuguesa nos diferentes níveis.

A produção científica de Celso Cunha é, portanto, profícua e abrangente; seja como medievalista, gramático, dialetólogo, o interesse com os rumos da língua é constante. O primeiro trabalho acadêmico realizado por ele intitula-se *Em torno do conceito de Gíria e Calão*, publicado em 1941, na miscelânea em homenagem a Antenor Nascentes. Sua produção apresenta-se em três principais vertentes: a filológica, a linguística e a didática.

A primeira vertente de sua obra é dedicada à lírica trovadoresca: *O Cancioneiro de Paay Gómes Charinho*, trovador do século XIII, tese cuja aprovação lhe valeu o título de

⁴Os crioulos são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis. Chamam-se de base portuguesa os crioulos cujo léxico é, na sua maioria, de origem portuguesa. Ver, por exemplo, artigo de Dulce Pereira para o Instituto Camões. Disponível em: < <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/crioulosdebaseport.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

Doutor em Letras e Livre-Docente de Literatura Portuguesa da FNFfi da Universidade do Brasil, em 1947; *O Cancioneiro de Joan Zorro. Aspectos linguísticos texto crítico e glossário*, tese apresentada para provimento de uma das cadeiras de português do Colégio Pedro II, em 1952; e *O Cancioneiro de Martin Codax*, tese apresentada para a obtenção da cátedra de Língua Portuguesa da FNFfi da Universidade do Brasil, em 1957 (PEREIRA, 2011). Essas três obras foram reunidas em uma publicação póstuma, intitulada *Os Cancioneiros dos Trovadores do Mar*, publicada em 1999. Além da edição dos trovadores, integra essa fase um estudo sobre versificação galego-portuguesa medieval, intitulado *À margem da poética trovadoresca: regime dos encontros vocálicos interverbais* (1950).

A segunda vertente é dedicada à Linguística, ao estudo dos problemas da língua relacionados à norma, pelas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, e ainda pela situação da Língua Portuguesa no mundo e a dos crioulos de base portuguesa. Dedicou-se ao estudo da modalidade americana do português e foi apaixonado pela preservação da “unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade” (PEREIRA, 2011, p. 25).

A terceira vertente é dedicada à didática, fruto da preocupação de Celso Cunha com o ensino da Língua Portuguesa, sendo essa vertente a mais conhecida de sua obra. Escreveu uma série didática para o ensino médio, denominada *Manual de Português* e algumas gramáticas (ver Quadro 1).

QUADRO 1 - Quadro-resumo da produção científica do Celso Cunha

QUADRO-RESUMO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CELSO CUNHA
<p>1 ESTUDOS SOBRE VERSIFICAÇÃO E CRÍTICA TEXTUAL:</p> <p><i>O cancionero de Paay Gómez Charinho (1947), O cancionero de Joan Zorro (1952), O cancionero de Martin Codax (1957), Estudos de política trovadoresca (1961), Língua e Verso (1963), Estudos de versificação portuguesa: século XIII a XVI (1982), Significância e movência na poesia trovadoresca (1985).</i></p>
<p>2 LINGUÍSTICA:</p> <p><i>Jornalismo e Universidade (1954), Camões e a unidade da Língua (1957), O movimento simbolista em Portugal e no Brasil (1959), Uma política do idioma (1964), Língua Portuguesa e realidade brasileira (1968), Língua, Nação e alienação (1981), Conservação e inovação no português do Brasil (1986), A questão da norma culta brasileira (1985), Que é brasileiro? (1987).</i></p>
<p>3 DIDÁTICA:</p> <p><i>Gramática moderna (1970), Gramática do português contemporâneo (1970), Gramática da língua portuguesa (1972), Gramática de base (1979), Nova gramática do português contemporâneo (1984-1985), Breve gramática do português contemporâneo (1985), Minigramática do português contemporâneo (1996), Gramática do português contemporâneo, edição de bolso (2008).</i></p>

Fonte: PEREIRA, Cilene da Cunha. **Celso Cunha**: cadeira 35/ ocupante 4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2011.

Celso Cunha lecionou por 39 anos na Faculdade de Letras da UFRJ. Participou da comissão de criação dos cursos de pós-graduação dessa faculdade, juntamente com os professores Afrânio Coutinho, Eduardo Portella e Thiers Martins Moreira. Tinha a preocupação constante de formar um quadro de professores de alto nível, acrescido da presença de grandes especialistas estrangeiros, que vinham ministrar cursos nessa mesma faculdade.

Foi o primeiro decano do Centro de Letras e Artes (CLA) da UFRJ e ficou nessa função de 1969 a 1978. Além disso, foi Sub-Reitor de Ensino para Graduados e Pesquisa, Sub-Reitor de Ensino, Graduação e Corpo Discente e Sub-Reitor de Patrimônio, Finanças e Serviços Gerais da UFRJ. Por fim, foi chefe do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da mesma Universidade, em 1971.

A professora Ana Paula Corrêa de Carvalho relata, em sua tese de doutorado, a atuação do professor Celso Cunha em defesa do projeto de criação do Instituto Nacional de Restauero, durante as reuniões do Conselho de Ensino e Graduação (CEG/UFRJ). De acordo com essa pesquisadora, ele defendia a ideia de que a UFRJ tivesse um Instituto ou Centro voltado à conservação e à restauração. Além disso, conforme relatório da professora Samira Nahid Mesquita, o professor defendia a criação, na UFRJ, de um Instituto de Patologia do Livro, nos moldes dos que existem em Roma e em Madri (CARVALHO, 2018).

A preocupação com a cultura, com o livro e com o ensino levou Celso Cunha a ocupar relevantes cargos públicos. Foi Diretor da Biblioteca Nacional de 1956 a 1961 (ver Figura 3); Secretário de Educação e Cultura do Governo Provisório do Estado da Guanabara em 1960; membro do Conselho Federal de Educação, de 1962 a 1970, do Conselho Federal de Cultura, de 1986 a 1989 e do Conselho do Instituto Nacional do Livro, além de integrante da Delegação Brasileira à Assembleia Geral da UNESCO (ver Figura 4). Somado a isso, assumiu a Coordenação do Núcleo de Preservação e Patologia do Livro, PRODELIVRO, e foi membro da Comissão Nacional para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Materna (1985).



Fig. 3 - Celso Cunha na Biblioteca Nacional

Fonte: Imagem do arquivo pessoal de Celso Cunha



Fig. 4 – Celso Cunha na Assembleia Geral da UNESCO

Fonte: Imagens do arquivo pessoal de Celso Cunha

Este notório professor foi membro de várias academias e sociedades científicas do Brasil e do Exterior: Academia Brasileira de Letras (ABL); Academia Mineira de Letras; Academia Brasileira de Filologia; Círculo Linguístico do Rio de Janeiro; Academia das Ciências de Lisboa; Société de Linguistique de Paris; Société de Linguistique Romane; Association Internationale de Semiotique; Hispanic Society of America; Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina; Oficina Internacional de Información y Observación del Español (PEREIRA, 1995, p. VI); pertenceu ao Pen Clube do Brasil e foi patrono da Academia de Letras de Teófilo Otoni.

Em 1972, Celso Cunha foi Coordenador-Geral do projeto de estudo conjunto e coordenado da norma linguística oral culta de cinco das principais capitais brasileiras (Projeto NURC), que, desde janeiro de 1968, vinculava-se ao Proyecto de Estudio Coordinado de La Norma Linguística Oral Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica. Ligado à Oficina Internacional de Informação e Observação do Espanhol (OFINES), ao Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas (PILEI) e a várias universidades, o estudo objetivava estabelecer a norma urbana culta das principais cidades da Península Ibérica e da América espanhola e portuguesa (CARVALHO, 1996, p. 140).

De acordo com Carvalho:

Celso Cunha fez perpassar seu saber por inúmeras instituições, quer voltadas para a cultura (CFC), quer para a educação (CFE), quer para o ensino (colégio Pedro II, FNFi, FL, entre outros). Assim, acumulou vivência ímpar, uma vez que pode

trabalhar com seu objeto permanente de estudo, a língua portuguesa, como gestor e como agente, pois, ao lado do desempenho como profissional da área, professor de sala de aula, pesquisador e autor de livros didáticos, participou das decisões dos órgãos onde teve assento ou, até mesmo, delas se incumbiu solitariamente quando lhes exerceu a direção (CARVALHO, 1996, p. 204).

Convém ressaltar, ainda, que Celso Cunha recebeu vários prêmios e condecorações nacionais e internacionais, entre eles:

O Prêmio José Veríssimo de ensaio e erudição, conferido pela ABL, pelo livro ‘O Cancioneiro de Martin Codax’ (1956); o Prêmio Paula Brito (O homem público e o livro), da prefeitura do antigo Distrito Federal (1958); Prêmio Moinho Santista de Filologia (1983), pelo conjunto da obra; [Condecorações:] Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo (Brasil); a de Chevalier de La Légion d’Honneur (França); a de Oficial da Ordem de Sant’Iago da Espada (Portugal); a de Caballero com placa de La Orden de Alfonso X, El Sábio (Espanha); a Commendatore dell’Ordine Del Merito Italiano (Itália); Medalha de Honra da Inconfidência do Governo de Minas Gerais e a Medalha Barão do Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores (PEREIRA, 2011, p.28-29).

As atividades filológicas e linguísticas levaram-no, também, ao recebimento de vários títulos e à participação em congressos, seminários e conferências em universidades:

Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Granada (Espanha), em 1959 (ver Figura 5). Foi Leitor de ‘Études Brésiliennes’ e de ‘Philologie Portugaise’ na Universidade de Paris-Sorbonne (1952-1955), para onde retornou mais tarde na qualidade de professor associado de ‘Linguistique et Littérature Ibero-Americaine’ (1970-1972) e de ‘Linguística Portuguesa e Literatura Brasileira’ (1982-1983). Em 1966, foi professor visitante (GastProfessor) na Universidade de Colônia (Alemanha); orientador de seminários sobre ‘História da Língua Portuguesa do século XIII ao século XVI’, na Universidade Clássica de Lisboa (1986)” (PEREIRA, 2011, p. 18-19).



Fig. 5 - Celso Cunha recebe título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Granada

Fonte: Arquivo pessoal de Celso Cunha

Celso Cunha entregou-se por inteiro à docência, à pesquisa científica, à sua biblioteca. Participou de diversas instituições públicas e foi comprometido com a valorização e o ensino da língua portuguesa e tornou-se: “[...] o bibliófilo que com sacrifício construiu, manteve e sustentou a sua biblioteca, que invadiu todos os cômodos da sua casa, do chão ao teto, o que bem retrata a plenitude do seu saber não estreitado pelos limites da especialização” (PEREIRA, 1995, p. XIV).

Filólogo, linguista, bibliófilo, medievalista, literato, camonista, pesquisador, estudioso e professor da Língua Portuguesa, Celso Cunha foi um homem de livros, que viveu entre livros e dedicou-se a eles e à sua preservação e, assim, colecionou, organizou e cuidou de uma das bibliotecas particulares mais cobiçadas do idioma.

2.1 Celso Cunha, Philobiblon

A biblioteca do professor Celso Cunha revela também o bibliófilo de gosto apurado pela beleza do exemplar. Encadernava seus livros em couro de cabra e papel marmorizado francês, com o nome do autor e título da obra gravado em ouro na lombada. A sua fama de colecionador de obras raras estava envolvida por essa maneira peculiar de manter o seu acervo. Carlos Drummond de Andrade costumava, ao dedicar seus livros a ele, brincar com essa maneira de destacar as obras com encadernações: “Que surpresa, ver meu pobre gerente metido nesta fatiota elegante por artes de Celso Cunha”, referindo-se à encadernação bem feita de seu *O Gerente* no exemplar de Celso Cunha (ver Figura 6).

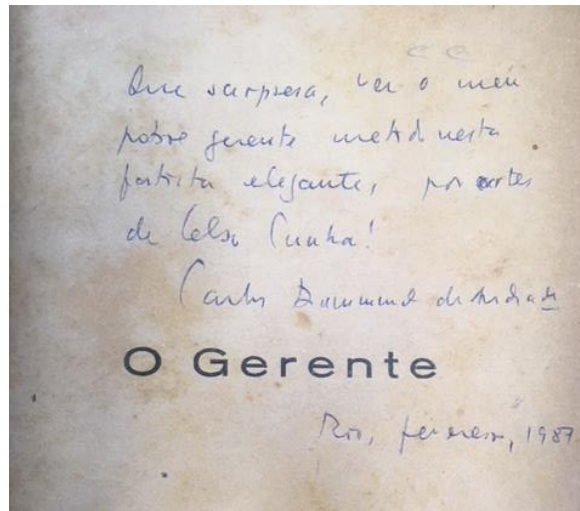


Fig. 6 - Dedicatória de Carlos Drummond de Andrade a Celso Cunha, 1987

Fonte: imagem do arquivo da autora

A biblioteca está montada em estantes de peroba trazida especialmente do Vale do Mucuri, em Minas Gerais. O professor, não gostava de anotar em seus livros, por isso a biblioteca é pouco anotada, “à margem fazia minúsculas anotações a lápis para não macular a obra” ou, como recorda a filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio, “para não enfeiar o livro” (PICCHIO, 1995, p. X) (ver Figura 7). Além disso, dizia que tinha memória suficiente para guardar os fatos que lhe poderiam vir a interessar como referência futura. Para Castro, a razão de não anotar era “para não reduzir o seu valor bibliográfico, o qual se empenhava em realçar com encadernações primorosas, usando peles compradas por atacado na Argentina e folhas de ouro trazidas de Paris” (CASTRO, 1993, p.23).

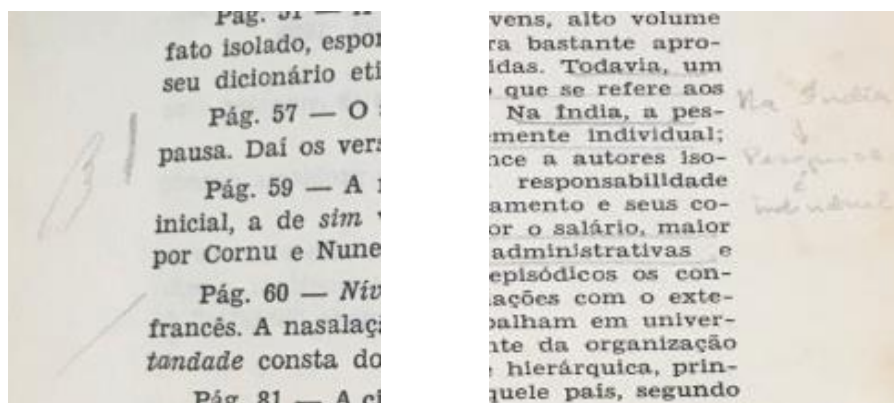


Fig.7 – Marcas de leitura e anotações manuscritas

Fonte: Imagens do arquivo da autora

Em entrevista ao jornalista Ricardo Lessa, do *Jornal do Brasil*, Celso Cunha afirma: “Eu tenho na minha coleção, só em encadernações em couro de cabra e papel francês Cr\$ 5 milhões de cruzeiros, e este é meu único patrimônio. Deixei de adquirir muitas outras coisas para comprar livros e é só isso que posso deixar para meus filhos” (LESSA, 1979, p.22)⁵. Seu cuidado era tanto que, segundo Luciana Stegagno Picchio, Celso Cunha, ao consultar um livro, pegava-o como se fosse joia rara:

O seu amor aos livros era sagrado sabia manuseá-lo, virar as páginas com propriedade. Gostava de mandar encadernar os seus em encadernador de talento, dando preferência por encadernações preciosas em pele de cabra, que procurava onde quer que fosse e estimando sem reserva papel francês nas encadernações. Deixou, assim, uma biblioteca inestimável (SALLES FILHO, 1995. p. LXVII).

Esse acervo colecionado ao longo de toda a vida adquiriu notoriedade no meio intelectual brasileiro. Castro (1993) dizia que Celso Cunha tinha todos os vícios de um bibliófilo vorazmente aquisitivo e colecionista. Sua biblioteca possuía mais de 25 mil volumes, que ocupavam sala, corredor e quatro quartos de seu apartamento. Algumas estantes, além de darem lugar para duas fileiras de livros, eram formadas por dois conjuntos: um colado à parede, outro corrediço na frente do primeiro, formando fileiras duplas (LESSA, 1979, p.22).

Segundo Pereira (2011), Celso Cunha nunca teve fichário, mas conhecia todo o seu acervo em detalhes. Vangloriava-se de ter memória suficiente para guardar o que lia e saber localizar qualquer publicação em sua biblioteca. Às vezes, no exterior e precisando consultar alguma obra, escrevia para uma das filhas solicitando tal indicação e fornecia detalhes sobre a localização da obra. De acordo com Araújo (1995, p. XLV), ele não pedia livros emprestados; pedia para examiná-los. Assim, passou a vida como *habitué* das livrarias.

Assinava as melhores revistas de sua especialidade. Afirmava que a “ciência do nosso tempo é divulgada através das revistas especializadas” (CUNHA, 1991a, p.2). Daí sua preocupação em assinar ou adquirir e manter completa e encadernada as coleções das principais revistas do mundo nas áreas da filologia românica, crítica textual, dialetologia, etnografia, poética, literatura e comunicação. Dentre elas, estava a revista *Zeitschrift für Romanische Philologie*, fundada por G. Gröber, dirigida posteriormente por K. Baldinger e publicada em Tübingen, desde 1877:

⁵ De acordo com o índice IPCA, em valores atuais o montante corresponderia a R\$ 1.176.764, 56.

[...] a biblioteca do Doutor Celso, previa tudo, todas as repartições, aqui as revistas filológicas, as antigas e as modernas, aqui as gramáticas, no corredor a literatura brasileira embora as preciosidades ficassem ali no escritório, sob contínuo controle do dono. E depois lá no alto as primeiras edições conquistadas pelo bibliófilo em lides cruéis com os amigos concorrentes.

Um bibliófilo não recua perante qualquer dificuldade. Tem fichário? – Lhe perguntavam os amigos. Teoricamente sim, respondia ele, mas como quem nunca precisaria de fichário, tanto menos, isto já em eras mais recentes, de informatização, pois os livros ele os conhecia a todos na intimidade, de apalpação amorosa; bastava que um mudasse de lugar e logo ele repararia (PICCHIO, 1995, p. X).

Sobre essa sedução bibliofílica de colecionadores que disputam raridades bibliográficas a qualquer preço, Edson Nery da Fonseca relata:

Em mais de uma ocasião, Celso Cunha me falou de suas aventuras de *book hunter* em livrarias antiquárias do Brasil e do estrangeiro. Ele e Serafim da Silva Neto viviam sempre disputando manuscritos e obras raras oferecidos por alfarrabistas europeus. Ficou evidente seu ciúme quando Serafim voltou um dia de Lisboa, exibindo os manuscritos medievais do Livro Das Aves e Dos Diálogos de São Gregório Magno. Quando Serafim foi para o hospital, no qual acabaria morrendo, quis levar os manuscritos. Sua mulher lembrou-lhe que estava proibido pelo médico de apurar a vista em leituras paleográficas e ele retrucou: “não é para ler e sim para evitar que Celso seja tentado a levá-lo”. Essa anedota mostra como os dois amigos tinham em comum a paixão por manuscritos e livros raros (FONSECA, 1995, [não paginado]).

Austregésilo de Athayde, falando a respeito dessa relação de Celso Cunha com o livro e com sua biblioteca, aponta que:

Desde muito moço, [...] passou a ver nos livros a companhia mais íntima, e compondo uma biblioteca que não terá na matéria outra que se lhe compare, não apenas pelo conteúdo dos conhecimentos excelsos, de dimensões variegadas, como pelo gosto e beleza com que os encadernava, uniformes, solenes, prestimosos, sempre ao alcance de sua mão, pois a todos conhecia de memória, no lugar onde se encontravam juntos o bibliófilo e o medievalista, aprofundado na crítica textual, valendo nesse altiplano da inteligência interpretativa do passado um padrão místico, pelo caráter transcendente e a formulação pessoal de original magnificência (ATHAYDE, 1989, p. 54).

O Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, em 1997, prestou homenagem aos 80 anos do professor Celso Cunha. Em 1999, foi a vez de a Biblioteca Nacional organizar uma exposição comemorativa dos 10 anos de seu falecimento, intitulada “Celso Cunha: dez anos de saudade” (ver Figura 8). Além da exposição, foi dado o nome de Celso Cunha à sala de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que, a partir daquela data, passou a se chamar “Sala Celso Cunha”. Para Pereira (1999), a homenagem maior que se poderia prestar àquele que viveu entre livros foi dar o seu nome a um espaço que lembre uma biblioteca.

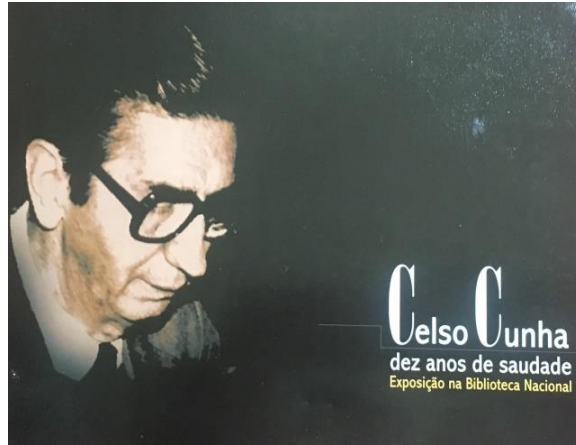


Fig. 8 - Cartão de divulgação da exposição “Celso Cunha: dez anos de saudade”

Fonte: Imagem de arquivo pessoal da autora

Além disso, foi lançado o livro *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, que Celso Cunha desejou publicar como fecho de suas pesquisas de literatura medieval galego-portuguesa, mas não conseguiu vê-lo editado. Publicado pela Imprensa Nacional e pela Casa da Moeda de Lisboa, reuniu os três cancionários editados anteriormente em separado e, agora, juntos nessa edição: *Paay Gómez Charinho, Joan Zorro, Martin Codax*.

Segundo o professor Elmer Barbosa, do Instituto Nacional do Livro (INL), “estamos homenageando um dos grandes nomes do ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira, que soube combinar disciplina, sensibilidade e empenho na sua trajetória como filólogo” (BARBOSA apud TEIXEIRA, 1999, [não paginado]).

2.2 A Coleção Professor Celso Cunha

A Coleção Professor Celso Cunha está localizada na Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das maiores bibliotecas de Letras da América Latina, quando se trata da importância e do número de acervos. Idealizada pelo professor Afrânio Coutinho, a biblioteca foi inaugurada em 9 de abril de 1969, no Pavilhão da Exposição Portuguesa à Avenida Chile e reinaugurada em março de 1985, no *campus* universitário da Ilha do Fundão (ver Figura 9).

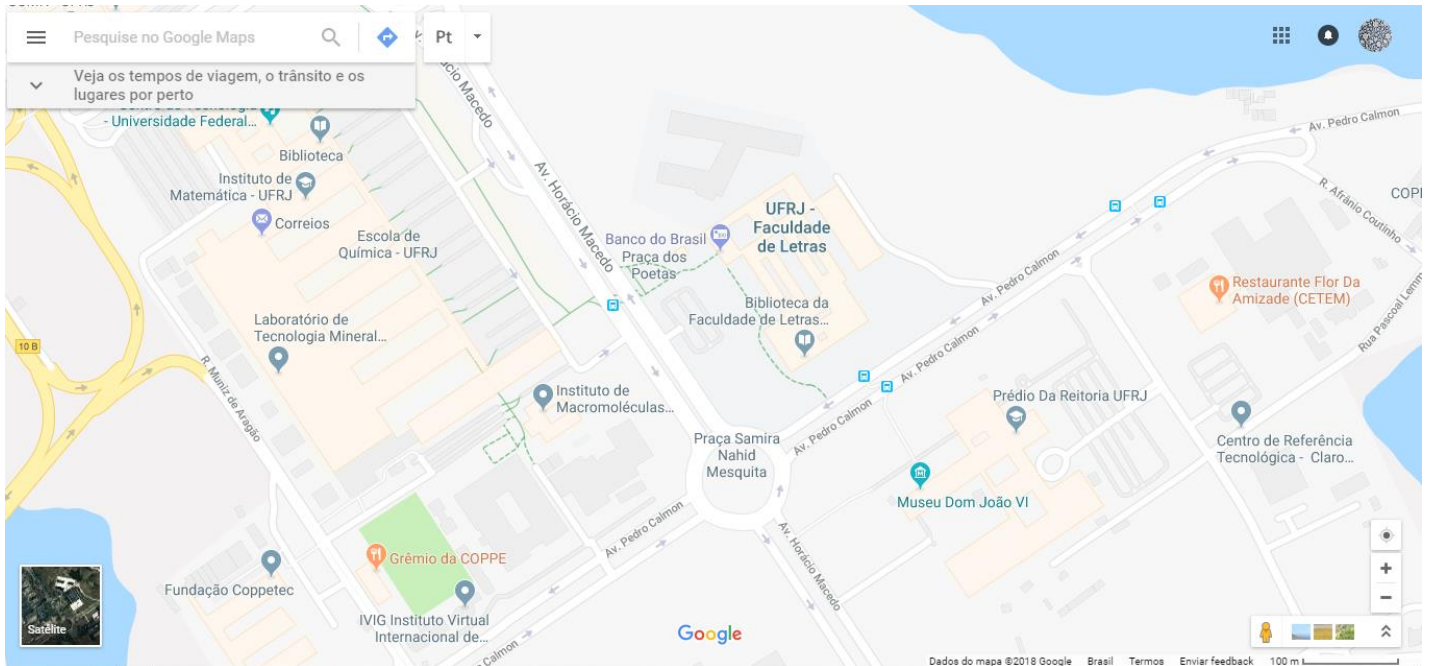


Fig. 9 - Mapa de localização da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ

Fonte: Google em: Maps. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Biblioteca+da+Faculdade+de+Letras/>>. Acesso 21 mar.2018

O acervo da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ é composto por, aproximadamente, 378.706 volume⁶, entre livros, periódicos, teses, dissertações e materiais especiais. Formado, ao longo dos anos, por doações e aquisições de coleções particulares da maior importância bibliográfica, destacam-se entre elas as que pertenceram a Afrânio Coutinho⁷, Celso Cunha, Serafim da Silva Neto⁸, Eugenio Gomes⁹ (Coleção Shakespeareana), Thiers Martins Moreira¹⁰ (Coleção Camoniana), Bastos Tigre¹¹, Adir Guimarães¹² (ABL), Arnaldo Faro¹³ (Eciana), entre outros (ver Figura 10).

⁶Dado retirado da base de dados estatísticos das bibliotecas da UFRJ (BAGER), referente ao ano de 2016. Disponível no site: <<https://docs.google.com/document/d/13F-o6uWtNw0h-NbPWt8PjeUwzb3ro8KQ9x9zBG8dMg/edit>>. Acesso em 24/06/2017.

⁷ Professor, crítico literário e ensaísta (1911-2000). A coleção Afrânio Coutinho inclui obras de ficção e estudos críticos de literatura brasileira e universal, poesia, periódicos e recortes de jornais. Foi adquirida pela Faculdade de Letras da UFRJ, em novembro de 1994.

⁸ Professor, filólogo e linguista brasileiro (1917-1960). A biblioteca particular de Serafim da Silva Neto reúne livros, periódicos e microfilmes e foi adquirida pela Reitoria, a pedido do Diretor da Faculdade de Letras, para integrar o acervo da Biblioteca José de Alencar.

⁹ Escritor e crítico literário (1897-1972). Sua biblioteca particular foi doada à Faculdade de Letras pelo Banco da Bahia, sendo seu presidente à época, Clemente Mariani. A coleção Shakespeareana é considerada por especialistas uma das mais completas coleções das obras de Shakespeare disponíveis no Brasil.

¹⁰ Professor catedrático de literatura portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia da UFRJ (1904-1970). Sua biblioteca foi doada à Biblioteca da Faculdade de Letras por um grupo empresarial financeiro, liderado pelo



Fig. 10 – Imagens da entrada da Biblioteca José de Alencar

Fonte: *Site* da Biblioteca José de Alencar. Disponível em: < <http://letras.biblioteca.ufrj.br/como-chegar/>>.
Acesso em: 21 mar. 2018

Entre essas coleções, a que pertenceu ao professor Celso Cunha, e objeto de estudo desta pesquisa, corresponde a um dos acervos mais raros e especializados do país para Filologia, Linguística, Medievalismo (lírica medieval), Dialectologia e Literatura. Sua coleção destaca-se, ainda, por possuir primeiras edições portuguesas e brasileiras, cancioneiros, filologia portuguesa e espanhola, crítica textual e dicionários, além de manuscritos (ver Figura 11). Foi adquirida para a Faculdade de Letras da UFRJ no dia 26 de julho de 1991, pelo valor de U\$ 550.000,00¹⁴ (quinhentos e cinquenta mil dólares norte-americanos). Possui 25.000¹⁵ volumes, entre livros, periódicos, folhetos, além de medalhas, diplomas, fotos e prêmios, que lhe descrevem a trajetória acadêmica e intelectual.

presidente da Light, Antônio Gallotti. Integra essa coleção obras de literaturas brasileira, francesa, espanhola e portuguesa, com destaque para as obras de Camões (Coleção Camoniana).

¹¹ Bibliotecário, jornalista, engenheiro, poeta e compositor (1882-1957). A coleção Bastos Tigre foi doada pela família, incluindo móveis e objetos de arte de uso do escritor em seu gabinete de trabalho. Manuel Bastos Tigre foi escolhido patrono da Biblioteconomia pela sua dedicação aos livros e à profissão. Comemora-se o dia 12 de março como o Dia do Bibliotecário, em sua homenagem.

¹² Militar, engenheiro e professor (1900-1966). A coleção Adir Guimarães de literatura brasileira foi transferida da Biblioteca Central da Reitoria da UFRJ para a Biblioteca da Faculdade de Letras. É constituída por obras de autoria dos membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) e considerada a terceira maior coleção de livros raros existentes no Brasil. Dela o governo da Austrália comprou 14 mil volumes, por cinco dólares cada, O que restou dessa biblioteca está disponível na Biblioteca Nacional e na Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ.

¹³ Engenheiro, escritor e crítico literário (1913-1968). A sua Coleção Eciana é constituída por obras raras de Eça de Queiroz ou sobre o grande autor português. Foi doada à Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ, em novembro de 1974.

¹⁴ Valor definido em cópia de contrato de compra e venda da Coleção Professor Celso Cunha, disponível no arquivo administrativo da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ. Hoje esse valor corrigido, com Base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de janeiro de 2018, corresponde a R\$ 3.040.451,19 (Três milhões quarenta mil quatrocentos e cinquenta e um reais e dezenove centavos).

¹⁵ Número de volumes informado na carta de apresentação da coleção ao Reitor Nelson Maculan Filho pelo Diretor da Faculdade de Letras da UFRJ, José Carlos Santos de Azeredo. A coleção está em processo de inventário para confirmação desse quantitativo. Pois, sofreu mais de um ataque biológico e depois disso não foi inventariada.



Fig. 11- Imagens do ambiente e da Coleção Professor Celso Cunha

Fonte: Imagens de arquivo pessoal da autora

A Sala Professor Celso Cunha foi inaugurada para o público em 13 de novembro de 1995. Separadas do acervo acadêmico em espaço próprio, as obras raras estão sediadas em uma réplica do seu gabinete, reconstituído com mobiliário de sua biblioteca pessoal, conforme estabelecia o contrato de compra e venda. (UNIVERSIDADE..., 1991i, p. 2) (ver Figura 12).





Fig. 12 – Reprodução do gabinete do professor Celso Cunha

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Integram-na livros, revistas e separatas – com parte substancial do acervo encadernada em couro-de-cabra e papel marmorizado francês, com o nome do autor e título da obra gravados em ouro na lombada –, manuscritos, mobiliário, indumentária, condecorações e diplomas, conforme imagens abaixo (ver Figura 13).



Fig. 13 – Imagens do acervo móvel da Coleção Professor Celso Cunha

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A Seção de Filologia compreende os principais cancioneiros galego-portugueses e provençais em edições crítica, diplomática e fac-similar, além de textos basilares sobre o português arcaico, a literatura e a estética medievais, tais como: *o Cancioneiro d'El Rei D. Diniz*, pela primeira vez impresso sobre o manuscrito da Vaticana, com algumas notas ilustrativas e prefácio histórico-literário de Caetano Lopes de Moura, publicado em Paris pela Aillaud, em 1847; e o *Cancioneiro da Ajuda*, edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em dois volumes de 1904. Abrange, ainda, obras de expoentes da filologia portuguesa, galega, espanhola, italiana, francesa, alemã e brasileira, dentre eles Gustav Gröber, Frederich Diez, Gustav Körting, Martín de Riquer, Adolf Kolsen, Carl Appel, Fritz Naudieth, René Lavand, Rupert J. Pickens, Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias, Gonçalves Viana, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira e Serafim da Silva Neto.

A Seção de Linguística conta com autores representativos das diferentes correntes dessa especialidade, tais como: Ferdinand Saussure, Edward Sapir, Leonard Bloomfield, Charles Bally, Albert Secheyaye, Albert Dauzat, Otto Jespersen, Louis Hjelmslev, Emile Benveniste, André Martinet. Reúne obras nas áreas da Dialetologia, Sociolinguística, *Patois*¹⁶, línguas em contato, bilinguismo, Crioulo, *Pidgin*¹⁷ e a coleção de atlas linguísticos brasileiros, europeus e sul-americanos. Além disso, há obras clássicas sobre versificação medieval, retórica e arte poética, dentre as quais se destacam as publicações *Mélanges Linguistiques*, por Mario Roques, publicada em Paris, em 1909; *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, de Michel Bréal, Paris, 1882; *Traité Général de Versification Française*, por L. Beeq de Touquières, Paris, 1879; *Essai sur les Principes de la Métrique Anglaise*, por Paul Verrier, Paris, 1909; *L'Évolution du Vers Français au dix-septième siècle*, por Maurice Souriau, Paris, 1893; e *Des Unités Rythmiques Supérieures au Vers*, por Raoul de la Grasserie, Paris, 1894.

A Seção de Literatura inclui edições dos principais autores das literaturas antiga e moderna, bem como estudos a elas pertinentes, sendo, portanto, de ampla e diversificada referência. Destacam-se as primeiras edições de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, publicadas sem o nome do autor, em 1854; *As primaveras*, de

¹⁶ Originalmente, termo utilizado por falantes franceses para fazer alusão aos dialetos tradicionais do francês. De forma genérica, *patois* pode ser utilizado para fazer referência a uma variedade local não *standard* de uma língua que não tem forma escrita. Ver Trudgill, Peter; Hernández Campoy, J. M. Diccionario de Sociolingüística. Madrid: Editorial Grados, 2007. p. 245.

¹⁷ Refere-se a uma variedade de língua sem falantes nativos que surge em situação de contato linguístico multilíngue e que opera como uma língua franca. Ibid., p. 246.

Casemiro de Abreu, 1859; *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, 1870; e *Tu só, tu, puro amor...*, de Machado de Assis, 1881.

Merecem referência, também, o conjunto de Miscelâneas nas áreas de Filologia, Linguística e Literatura, as coleções completas das principais revistas de Filologia Românica, Crítica Textual, Dialetoлогия, Etnografia, Poética, Literatura e Comunicação. Dentre os periódicos, destaca-se a revista clássica românica *Zeitschrift für romanische Philologie*, como mencionado anteriormente.

Destacam-se do acervo da coleção, ainda, os livros autografados por Carlos Drummond de Andrade a Celso Cunha: o exemplar nº 5 da obra *A Mesa*, de 1951 – dela foram publicados apenas 70 exemplares numerados e autografados por Drummond; o livro *Passeios na ilha*, com a dedicatória: “Para Celso Cunha, que tanto preza e honra a língua de nossa pátria, o abraço do seu Carlos Drummond. Rio, fevereiro de 1987”; além de obras raríssimas, como o livro de João de Barros *Ao muito alto e muito poderoso Rey de Portugal D. João III deste nome panegírico*; os *Códigos Espanoles-concordados e anotados*, publicados em Madri, compostos de vários volumes e datados de 1850; as *Cartas Espirituaes do Venerável Padre Fr. Antonio das Chagas*, uma publicação de 1687; e o original de *Cachoeira de Paulo Afonso*, de Castro Alves, de 1876.

A localização das publicações na Coleção Professor Celso Cunha se dá pelo número automatizado. Essa numeração foi criada pelo Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ (NCE/UFRJ) como parte de um processo de informatização dos acervos das bibliotecas da Universidade. A Biblioteca da Faculdade de Letras foi incluída na primeira fase desse projeto como uma das bibliotecas prioritárias devido ao grande número de publicações para catalogar e ao número reduzido de pessoal. Essa numeração segue uma sequência segundo a qual os três primeiros dígitos significam a biblioteca; os dois dígitos seguintes determinam o tipo de acervo e os números posteriores, sequenciados de forma crescente, representam a obra propriamente dita, como, por exemplo, 005-09-0009605-3.

Quando foi adquirida a coleção, a comissão chegou à conclusão de que o número automatizado para registro patrimonial do acervo seria a melhor opção, devido ao número de publicações, à falta de pessoal para tratamento técnico da coleção, e também à exigência contratual de reprodução do acervo tal qual estava disposto na casa do professor Celso Cunha. Dessa maneira, os livros receberam o número automatizado para ordenação nas estantes e os periódicos foram organizados por ordem alfabética de títulos. Não há empréstimo das publicações, somente consulta local, previamente agendada por e-mail.

2.3 Processo de institucionalização da Coleção Professor Celso Cunha na UFRJ

As negociações para que a biblioteca do professor Celso Cunha viesse a integrar os acervos da Faculdade de Letras da UFRJ iniciaram-se em novembro de 1990. Nesse período, a Congregação da Faculdade aprovou um documento, em nome do colegiado, manifestando o seu interesse na aquisição, para ser encaminhado ao Reitor da UFRJ, conforme consta da ata da 195ª sessão da Congregação, de 14 de novembro de 1990. O documento pleiteando essa aquisição foi encaminhado pelo Diretor da Faculdade de Letras, segundo consta em processo:

Recolhidos através de cerca de meio século, para embasar o exercício docente de seu proprietário, um aspecto relevante do acervo é a coleção de cerca de trinta revistas filológicas, miscelâneas, anexos e separatas, que antecipam muitos temas dessa área do saber à sua publicação em livro [...] O acervo Celso Cunha incorporou, através desses anos, centenas de teses estrangeiras de doutoramento, de cujas bancas examinadoras participou o saudoso mestre ou não, o que faz dela espaço privilegiado e único em um órgão produtor de conhecimento científico como é a proponente da aquisição em tela (UNIVERSIDADE..., 1990b, [não paginado]).

A Direção da Faculdade de Letras pretendia colocá-la em um espaço separado, vinculada à Biblioteca Central da Universidade e sob a guarda e controle de uma equipe de professores com mandato bienal para uso exclusivo de pós-graduandos e de docentes da casa, conforme consta no mesmo processo citado acima.

Em carta ao Diretor da Faculdade de Letras, datada de 21 de novembro de 1990, a viúva, Cinira Ferreira da Cunha, manifestava seu agrado em saber do interesse da UFRJ na compra da biblioteca do Celso Cunha:

Confesso-lhe que isso me agrada muitíssimo. Foi nessa universidade que ele se licenciou, se doutorou, tornou-se catedrático e professor emérito. Sempre teve um carinho todo especial por ela. Além disso, ao longo de sua vida, recebeu ele inúmeros convites para transferir-se para São Paulo, Brasília e mesmo para o exterior. Chegou algumas vezes a receber propostas irrecusáveis, mas dizia em tom de brincadeira, que pagava para viver no Rio e trabalhar na UFRJ. Daí nada mais natural que a sua biblioteca permaneça no Rio de Janeiro, e mais especificamente na UFRJ, para dessa forma honrar a sua memória e servir de apoio à pesquisa (CUNHA, 1990a, p.1).

De acordo com sua viúva, a filha, Cilene da Cunha Pereira, tinha a pretensão de transformar a biblioteca do pai no Centro de Estudos Linguísticos – Filológicos Celso Cunha, que também criaria grupos de pesquisadores nas áreas de interesse dele: Português do Brasil, Crítica Textual, Versificação. No entanto, “isso não passou de um sonho impossível de se realizar no Brasil de hoje.” Afirma, nesta mesma carta, que, apesar de saber que nos Estados

Unidos ou em alguns países da Europa o valor oferecido pela biblioteca seria muito maior do que o oferecido no Brasil:

[...] entendo que o lugar deste valioso acervo seja aqui, entre nós brasileiros, preservado sem qualquer tipo de desmembramento, na esperança de que a energia do Celso, que existe em cada estante, em cada livro, em cada separata, possa ajudar na formação de pesquisadores de alto quilate de que tanto a nação necessita (CUNHA, 1990a, p.1).

No mesmo período em que a UFRJ manifestou interesse em comprá-la, a Universidade de Campinas (UNICAMP)¹⁸ também o fez, propondo à família o respeito à sua integridade, informando que ela se localizaria no Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central, onde já se encontravam as bibliotecas do Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Cândido, Alexandre Eulálio e Paulo Duarte, em ambiente climatizado, aberta à utilização de usuários qualificados: “O projeto é reconstruir a biblioteca de Celso exatamente como está aqui em casa desde o seu falecimento: o acervo de livros e documentos, estantes e mobiliário do seu escritório, a exemplo de outras já adquiridas. A esse espaço dariam o nome de Celso Cunha” (CUNHA, 1990a, p.2).

Na mesma carta, Cinira Cunha informa que a biblioteca não está catalogada e que isso se deve à memória do professor Celso Cunha:

[...] acreditamos que seja constituída de perto de 25000 volumes, em excelente estado de conservação, com cerca de 70% encadernada em couro de cabra e papel marmorizado francês. Uma biblioteca altamente especializada em filologia românica, linguística, versificação, literatura brasileira, portuguesa, entre outras, como os professores da Faculdade de Letras bem a conhecem. Quando do inventário, foi ela avaliada em 500 mil dólares (CUNHA, 1990a, p.2).

Destaca, ainda, que a instituição que adquirir a Biblioteca Celso Cunha receberá da família, após exame cuidadoso, todos os seus manuscritos, documentos e, em particular, a sua correspondência trocada com os mais importantes linguistas e filólogos do mundo. Ademais, solicita maiores esclarecimentos sobre o interesse da UFRJ na biblioteca. Foi, então, convocada pelo Reitor uma reunião com os familiares do professor Celso Cunha, e a presença do Diretor da Faculdade de Letras (FL), do Coordenador do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), da Gerente do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SiBI/UFRJ) e da chefe da Biblioteca Central do Centro de Letras e Artes (BC/CLA). Nessa reunião, ficaram acertados os primeiros passos para a aquisição da Coleção.

¹⁸ De acordo com depoimento de Nelson Maculam Filho, o Reitor da UFRJ responsável pela compra da coleção, antes da proposta da Unicamp, a Universidade de Berkeley também manifestou interesse em adquiri-la. Depoimento concedido à autora em entrevista em 07 de maio de 2018.

Marcou-se uma visita técnica para a avaliação da Biblioteca, da qual participaram o diretor da Faculdade de Letras, a bibliotecária do CLA, a gerente do Serviço de Desenvolvimento Institucional do SiBI, a diretora da Biblioteca Central do FCC e a arquiteta que atuava na restauração do FCC. A equipe da UFRJ foi recebida por Cinira Cunha e uma de suas filhas, a professora Cilene da Cunha. Ao final da visita, foram feitos relatórios técnicos das bibliotecárias e da arquiteta, encaminhados ao Reitor, posteriormente. Cabe ressaltar que na pesquisa documental da dissertação esses documentos não foram localizados.

Na visitação, a família do professor Celso Cunha informou que, apesar de não ter tratado tecnicamente o acervo, as coleções eram mantidas em uma organização lógica adotada pelo professor. O parecer técnico das bibliotecárias que estiveram no apartamento com a equipe da UFRJ para avaliação da biblioteca foi favorável à aquisição, dado o valor de seu conteúdo e do estado de conservação das publicações. Entretanto, foram feitas algumas sugestões à Universidade, listadas abaixo em seu texto original:

- seja mantida a atualização das coleções periódicas;
- seja adotado o sistema de registro patrimonial para início do tratamento técnico das obras, o que permitirá a sua identificação e agilizará a divulgação e o acesso aos usuários. Este registro é um sistema desenvolvido pelo NCE e o SiBI e já está sendo aplicado em algumas bibliotecas da UFRJ;
- sejam conservados, dentro do possível, o padrão e a qualidade da encadernação do acervo; e
- seja feita à previsão do espaço para a acomodação da Biblioteca para 30.000 volumes, tendo em vista que as obras encontram-se arrumadas condensadamente nas estantes, por toda a residência da família do Professor;
- será necessário, ainda, para tratamento técnico do acervo, de pessoal extra ao quadro de profissionais existentes nas bibliotecas da Universidade, que poderia ser um grupo tarefa, sob a coordenação de um bibliotecário pertencente à UFRJ, preferentemente da Faculdade de Letras (UNIVERSIDADE..., 1990c, [não paginado]).

O relatório técnico da arquiteta destaca a importância da visita *in loco* e do registro fotográfico do estado da Biblioteca Celso Cunha à época, para sua preservação com o máximo de fidelidade possível, inclusive a nível espacial. Ela afirma que, dado o tamanho da biblioteca – aproximadamente 25000 volumes –, o acervo estava disperso em diversas dependências do apartamento. Esse fato determinou que a Biblioteca fosse acondicionada em estantes diferenciadas, estando inserida em diversos ambientes. Por exemplo, as estantes da sala são em madeira envernizada, as do corredor são pintadas de branco. Para a arquiteta:

[...] o escritório do Dr. Celso Cunha é um caso específico. Todo o conjunto segue uma linha homogênea razão pela qual merece ser preservado, além evidentemente do valor histórico deste patrimônio. Entretanto, o restante por não manter homogeneidade estilística, já que se espalha pelos diversos cômodos e acompanham o estilo de cada ambiente não necessitam ser preservados, podendo ser reciclados dentro de uma maior racionalidade espacial, adequada à sua nova função: biblioteca voltada para o público (UNIVERSIDADE..., 1990f, [não paginado]).

O Reitor também manifestou à viúva do professor Celso Cunha o interesse da UFRJ na aquisição da biblioteca: “comunico-lhe que é do interesse desta UFRJ a manutenção de tão valioso acervo nas dependências da Faculdade de Letras, e que estamos providenciando para que a referida biblioteca seja reproduzida sem qualquer alteração do seu original” (MACULAN FILHO, 1991, p.1). Na mesma ocasião, ele lhe informou sobre a solicitação do recurso para compra do acervo junto ao Ministério de Educação e Cultura.

A Biblioteca Celso Cunha foi, finalmente, adquirida pela UFRJ em 26 de julho de 1991, pelo valor de US\$ 550.000,00 ao câmbio do dia, considerando-se para conversão o valor do dólar comercial, pagos à sua viúva em uma única parcela. O recurso para a compra foi liberado pelo Ministro de Estado da Educação, senador Carlos Chiarelli, atendendo a uma solicitação do Reitor, Nelson Maculan Filho.

O termo de contrato de compra e venda da Biblioteca Celso Cunha firmado entre a UFRJ e Cinira Cunha foi assinado na mesma data de pagamento. Além disso, estabeleceu como obrigações da vendedora e da compradora, nas cláusulas quarta e quinta, os seguintes pontos:

CLÁUSULA QUARTA-OBRIGAÇÕES DA VENDEDORA

1. Entregar à UFRJ, contra o recebimento da importância estipulada na cláusula segunda, o acervo de livros, revistas e separatas que constituem o fundo bibliográfico;
2. Transferir, na mesma ocasião, à UFRJ o mobiliário: estantes, mesa de trabalho, máquina de escrever, sofá e cadeira que compunham o escritório de trabalho do Professor Celso Cunha;
3. Transferir à UFRJ, no prazo máximo de um ano, os manuscritos, a correspondência e outros documentos de caráter particular do Professor Celso Ferreira da Cunha, prazo necessário para o exame desse material, com direito de excluir dessa transferência documentos que, a seu exclusivo critério, não devem passar a domínio público.

CLÁUSULA QUINTA-OBRIGAÇÕES DA COMPRADORA

1. Reconstituir, na Faculdade de Letras, o ambiente de trabalho do Professor Celso Ferreira da Cunha, exatamente como estava em sua residência, quando de seu falecimento;
2. Preservar a integridade do acervo vendido, sem qualquer tipo de desmembramento;
3. Transportar o acervo vendido e depositá-lo em local próprio, climatizado, na Faculdade de Letras, em área que levará o nome do Professor Celso Ferreira da Cunha, destinada exclusivamente a tal fim;

4. Limitar a consulta, ao acervo, a pesquisadores qualificados, impedindo a retirada de qualquer peça da sala de consulta;
5. Impedir a reprodução xerográfica das obras que compõem o acervo vendido às quais possam vir a ficar danificadas ou inutilizadas com o referido processo de reprodução (UNIVERSIDADE..., 1991i, p.2-3).

Essas cláusulas contratuais foram estabelecidas a partir de cartas trocadas entre o Diretor da Divisão de Contratos e Serviços da Universidade e a viúva, datadas de 22 de março de 1991, em resposta à carta de 28 de fevereiro de 1991, solicitando algumas informações referentes ao acervo da biblioteca do professor Celso Cunha à Cinira Cunha, que esclarece os seguintes pontos:

Obriga-se a entregar como cessionária, na data de realização da compra: o acervo de livros, revistas e separatas que constitui o fundo bibliográfico. Cumpre destacar que a biblioteca é vendida como universalidade, que constitui o conjunto, de pleno conhecimento dessa universidade, que o examinou por seus representantes. A biblioteca tal como se encontra, não assumindo a cessionária responsabilidade pelo número de volumes a serem transferidos, nem pela sua individualidade; - o mobiliário –estantes mesa de trabalho, máquina de escrever, sofá e cadeiras- que integrava o escritório de trabalho, onde Celso Cunha escreveu a maior parte de sua obra, para que se reconstitua, na Faculdade de Letras, o seu ambiente de trabalho, exatamente como estava em sua residência, quando do seu falecimento (CUNHA, 1991b, p.1-2).

Cinira Cunha ressalta, ainda, que pretende transferir, em princípio, à UFRJ os manuscritos, a correspondência e outros documentos de caráter particular do Professor Celso Cunha, ressalvado o fato de que poderá excluir dessa transferência documentos que, a seu crédito, não sejam convenientes passar para domínio público. Essa transferência não representa, de nenhum modo, cessão de direitos autorais por parte da cedente, que os conserva em sua totalidade.

As obrigações da Universidade foram o pagamento estabelecido de comum acordo em dólares, além de todas as despesas cartoriais, impostos e taxas que viessem a incidir sobre a venda do acervo Celso Cunha. Nesse contexto, a viúva solicita que a Universidade:

[...] se comprometa a preservar a integridade do precioso acervo, sem qualquer tipo de desmembramento, para servir de apoio à pesquisa e para honrar a memória de seu titular, que dedicou à UFRJ cerca de cinquenta anos de sua vida. Para isso a Universidade deverá transportar e depositar o acervo em local próprio e climatizado, na Faculdade de Letras, numa área que levará o nome de Professor Celso Cunha, destinada exclusivamente para esse fim, e a sua utilização será restrita a pesquisadores qualificados por se tratar de uma coleção especial (CUNHA, 1991b, p. 2-3).

Ela também recomenda que a consulta ao acervo do professor Celso Cunha, em nenhuma hipótese, seja realizada fora da sala reservada. Lembra, além disso, que as edições dos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como as obras, com rica encadernação, que integram o

referido acervo, não deverão ser fotocopiadas, pois esse sistema deteriorará em pouco tempo tal patrimônio. Por fim, faz a recomendação de que a universidade adquira, em médio prazo, copiadoras especiais, que não danificam obras raras, de sorte a reproduzir não só as da Coleção Celso Cunha como também as da Biblioteca da Faculdade de Letras.

Esclarece, na mesma carta, que as obrigações solicitadas à Universidade:

[...] têm apenas o objetivo de preservar uma biblioteca altamente especializada, com um acervo único no país, em excepcional estado de conservação, cuja coleção de Revistas na sua especialidade é a mais completa existente no Brasil, sem contar as coleções- também únicas – sobre literatura medieval, filologia e linguística. Além disso, a Biblioteca representa a continuidade da presença física de quem a organizou, presença que a família gostaria de assegurar com a aquisição e preservação da biblioteca pela UFRJ (CUNHA, 1991b, p.3-4).

De acordo com a solicitação do Reitor no processo de aquisição, a família elaborou a descrição da biblioteca do professor Celso Cunha e enviou, juntamente, a planta de localização original da biblioteca no apartamento.

Com a finalidade de reconstruir o ambiente e o espaço de trabalho do professor Celso Cunha, foi constituída uma comissão para a instalação da Biblioteca na Faculdade de Letras da UFRJ. Essa comissão aprovou o projeto elaborado pelo Escritório Técnico da Universidade (ETU), que o encaminhou para a licitação da obra e, também, solicitou a contratação de uma empresa particular, para efetuar o encaixotamento e o registro das obras da coleção.

O Registro Patrimonial do acervo foi realizado pela empresa COLLECTA, na residência da família. O serviço foi iniciado em dezembro de 1991 e concluído em abril do ano seguinte. Foi utilizado, para catalogação da coleção, um número automatizado, desenvolvido pelo NCE da UFRJ.

De acordo com o relatório de transferência do acervo da Biblioteca Celso Cunha para a Faculdade de Letras, a mudança se deu em três etapas. As duas primeiras foram realizadas pela METROPOLITAN transportadora, cabendo a última etapa ao transporte da Decania do Centro de Letras e Artes (CLA). A empresa COLLECTA acompanhou todo o traslado, supervisionando e controlando a entrega até seu destino final, acompanhada por um bibliotecário do SiBI/UFRJ. Além disso, a primeira etapa, em 26 de fevereiro de 1992, compreendeu todo o acervo existente no apartamento da Rua Miguel Pereira e parte do existente no apartamento da Rua Diógenes Sampaio, o que totalizou 155 caixas com livros, periódicos e diversos. Já na segunda etapa, realizada em 6 de maio de 1992, foram transportadas 155 caixas com livros, periódicos, separatas e folhetos. A terceira e última, em

29 de setembro de 1993, finalizou a mudança do acervo com 51 caixas, contendo material bibliográfico, da sede da firma COLLECTA para a Faculdade de Letras da UFRJ.

O acervo foi colocado nas salas F204, F206 e F208 da Faculdade de Letras, já reservadas e preparadas para abrigá-lo organizado e encaixotado. A arrumação das caixas foi feita de modo a facilitar a localização dos registros e sua posterior organização nas estantes. Posteriormente, segundo Memorando nº 07/92, o material da sala F-204 foi transferido para a sala F-216.

A empresa COLLECTA elaborou um relatório final do registro e transferência do acervo da Biblioteca Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ, com uma descrição detalhada, incluindo planta baixa, com o desenho original das estantes, para facilitar a futura arrumação da coleção. Na pesquisa documental, esse relatório não foi localizado.

Permaneceram com a família a correspondência particular do professor Celso Cunha e o mobiliário do gabinete do professor (sofá, cadeiras, mesas, máquinas de escrever, alguns objetos pessoais e estantes), aguardando a transferência para a universidade. Essa mudança não foi prevista no contrato com a empresa COLLECTA.

Cabe ressaltar, ainda, que o Diretor do ETU e a bibliotecária do SiBI/UFRJ fizeram uma visita à residência da viúva de Celso Cunha, para verificação das condições em que se encontravam as estantes e o mobiliário do gabinete do professor que viria para a Biblioteca. Nessa visita, constataram que seriam necessários alguns reparos no mobiliário e a contratação de um marceneiro para realização do serviço. A viúva sugeriu a contratação do profissional Mário Coelho Neto, que já vinha lidando com as estantes há vários anos. Ele deveria desmontar, transportar, reparar e novamente montar na Biblioteca da Faculdade de Letras as estantes de madeira do gabinete do professor Celso Cunha.¹⁹

A Universidade, então, aceitou a sugestão, contratando, para os serviços de desmontagem, transporte e remontagem dos móveis do gabinete do professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras, a empresa na qual trabalhava o antigo marceneiro do professor, conforme consta na folha 5 do processo de nº 23079.014809/92-10 de contratação de serviços de desmontagem, transporte e remontagem dos móveis referentes à Biblioteca.

As obras de instalação da Coleção Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras tiveram início no dia 13 de abril de 1992, na antiga sala da Coleção Didática (CD) e da Coleção Reserva dessa Biblioteca. Entretanto, as obras foram paralisadas, várias vezes,

¹⁹ A desmontagem e remontagem das estantes de madeira na Sala Professor Celso Cunha custou na ocasião CR\$ 10.588.120,00, que, em valores atualizados, de acordo com o IPCA, corresponderia hoje a R\$ 32.647,82.

levando ao atraso na sua conclusão. Na ocasião, a Madser Engenharia pediu rescisão de contrato e novo processo licitatório foi realizado. O projeto terminou sendo executado pela Caledônia, segunda colocada na licitação, já que a primeira pediu dispensa, e foi desmembrado em três módulos: obras, material permanente e teto²⁰. A obra foi concluída em novembro de 1994.

Durante a realização da reforma do espaço reservado para a instalação da coleção, foi verificada a existência de goteiras no teto da Biblioteca. O Diretor Adjunto de Administração e Finanças solicitou ao Diretor do ETU, de acordo com o memorando 254/90, de 03 de maio de 1990, uma vistoria técnica do telhado da Faculdade de Letras e da Biblioteca, para solucionar o problema.

Em 23 de julho de 1992, o Vice-Diretor responsável pela Biblioteca escreve ao Diretor da Faculdade de Letras, manifestando suas preocupações em relação ao telhado da Biblioteca:

As telhas (danificadas) são um problema, mas não o maior; as calhas e as áreas não cobertas é que é o grande problema; o escoamento da água por debaixo da laje e por cima do acervo é simplesmente inadmissível. Dada a alta variação de temperatura nunca se sabe quando haverá rachaduras seja nos canos seja na sua fixação na laje. A impermeabilização não resolve, pois, segundo informações do ETU, a sua durabilidade é em torno de cinco anos. Vamos deixar o acervo exposto a esse ciclo de perigos, sabendo como é difícil alocar verbas para a manutenção? Senhor Diretor tendo em vista tudo isso, é uma real temeridade expor o precioso e caro acervo da Biblioteca Celso Cunha a esses perigos. O projeto de modificação do telhado prevê, APENAS, a transformação da cobertura com telhas. A parte mais perigosa ficará intocável. Para salvaguardar futuras responsabilidades, solicito que faça chegar ao conhecimento das autoridades competentes estas preocupações (CASTRO, 1992, p. 2).

Criou-se, nesse momento, uma comissão permanente, composta por cinco membros: dois professores, dois bibliotecários e um representante discente da pós-graduação, para a elaboração do regulamento e posterior acompanhamento das atividades referentes à coleção. As normas foram elaboradas de acordo com as recomendações descritas na folha 13 do processo nº 23079-042479/90-55, em que a viúva escreve ao Diretor da Divisão de Contratos e Serviços, disponibilizando-lhe algumas informações referentes ao acervo da Biblioteca.

O acervo, no entanto, ficou quatro anos encaixotado na Faculdade de Letras, em péssimas condições de conservação. Por isso, a chefe da Biblioteca solicitou a desinfestação e fumigação das obras da Coleção Celso Cunha, em março de 1994:

²⁰ As despesas relacionadas às obras da Sala Professor Celso Cunha totalizaram um montante de CR\$ 31.061.692,47, que, corrigido para valores atuais, de acordo com o índice do IPCA, corresponderia a R\$ 679.865, 15.

Mais uma vez chamamos a atenção para a forma inadequada de armazenamento da Coleção e o perigo que representa para o acervo. As obras da Sala da Coleção Celso Cunha precisam ser concluídas com urgência. Solicitamos a colocação do acervo da Coleção Celso Cunha em ambiente próprio e armazenamento em estantes adequadas para possibilitar a higienização, a desinfestação e a fumigação. As providências devem ser tomadas com urgência para evitarmos a perda do acervo (UNIVERSIDADE..., 1994u, p.1).

No ano seguinte à sua inauguração, a Coleção Celso Cunha realizou o primeiro Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, no período de 21 a 25 de outubro de 1996.

Em maio de 1997, foi feita uma homenagem póstuma aos 80 anos do professor Celso Cunha, realizada em conjunto com o Departamento de Vernáculos da Faculdade de Letras da UFRJ. Nessa ocasião, foi descoberta uma infestação por cupins na coleção Celso Cunha. Logo depois, ela foi fechada para tratamento de desinfestação e higienização do acervo.

Foram chamados para uma visita técnica restauradores da Biblioteca Nacional, que apresentaram uma série de medidas a serem tomadas. Após o tratamento do cupim de solo que ocupou várias estantes, o acervo foi higienizado folha por folha, no período de janeiro a maio de 1998. Houve várias baixas na coleção decorrentes de ataques de cupins e vazamento no teto. Por isso, resolveu-se inventariar a coleção para identificação do quantitativo de publicações após esse ataque.

No primeiro semestre de 1998, a Coleção Professor Celso Cunha foi reaberta ao público para consulta. No ano seguinte, participou da exposição “Celso Cunha: dez anos de saudade”, organizada pela Fundação Biblioteca Nacional, de 18 de novembro a 18 de dezembro de 1999 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na qual foram expostas algumas obras do acervo.

No próximo capítulo, serão abordados a representação da biblioteca pessoal do professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ e seus entraves para o gerenciamento da coleção.

3 REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA PARTICULAR DO PROFESSOR CELSO CUNHA NA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ

Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e de esquecimento [...]
Sou como você
feito de coisas lembradas
e esquecidas [...]
Ferreira Gullar

A bibliotecária e professora Ana Virginia Pinheiro, chefe da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em entrevista concedida ao jornalista Arnaldo Bloch no jornal *O Globo* afirmou que “livros morrem. São como pessoas. Carecem de proteção. O trabalho que faço é garantir que o livro de que cuido alcance a próxima geração. Para que sobreviva a ataques. Doenças. Que amadureça. Dê frutos. Sabem que vão morrer, mas que vão sobreviver a nós” (PINHEIRO, 2014). Esta é uma preocupação que gestores manifestam ao pensar o gerenciamento de acervos sob sua custódia: como preservar coleções em sua integralidade para gerações futuras.

As coleções particulares reúnem verdadeiros tesouros. Em tempos de escassez de recursos para aquisição de acervos bibliográficos nas bibliotecas universitárias, elas se colocam como alternativas para a atualização e complementação dos acervos. Para referir-se a esse processo, Pinheiro (2011) utiliza o termo “biblioteca antropofágica”:

Uma biblioteca não emerge apenas da iniciativa de comprar livros e salvaguardá-los. Toda biblioteca resulta de um processo sistêmico que imbrica ações de acolhimento-compra, doação, permuta, depósito legal e, em alguns casos, tomada de bens e depósito fiel. Nesse contexto, a associação dos conceitos de antropofagia e biblioteca ratifica uma circunstância que, desde sempre, alicerçou a formação e o desenvolvimento de acervos bibliográficos: toda biblioteca surge da incorporação de outras bibliotecas- no todo ou em parte. No âmbito da sua incorporação por outra biblioteca, num processo natural ou involuntariamente provocado, a biblioteca despedaça-se e espalha-se, transformando-se em parte de outra sem, no entanto, perder sua identidade. Transformada em segmento de outra biblioteca, a biblioteca ‘devorada’ será, sempre, testemunho material daquilo que foi - ou que continua a ser, mas aos pedaços... As diferentes origens das coleções que compõem uma biblioteca, certamente, multiplicam seus exemplares. Mas, particularmente, criam o precedente de um fazer histórico que vai além da descrição de eventos, porque cada fragmento de biblioteca é parte de um todo coeso, explícito ou implícito que é a coleção original (PINHEIRO, 2011, p.28 apud FONSECA, 2014, p.25).

As bibliotecas particulares fomentaram o desenvolvimento dos acervos das universidades. Na biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ, elas constituíram grande parte de seu acervo formador. De acordo com Faria e Pericão (2008, p. 104), a biblioteca particular

define-se como aquela “criada e sustentada por um particular ou instituição para seu uso exclusivo, com ausência de recursos públicos”.

Segundo Azevedo e Lino, no artigo o “Inventário da Biblioteca Lélío Gama”, diante de uma biblioteca particular de um proprietário já falecido:

[...] tem-se a certeza de que os livros são mais fortes e soberanos que nós próprios, mas longevos de fato. O proprietário passa e eles ficam - quase que de maneira irônica, pode-se dizer - como um descendente daquele que ao longo da vida a gestou, alimentou e a criou. Vivo, o colecionador dominava, tinha o poder do acervo; com sua morte, vivem em e por seus livros. Esses, então, assumem um papel de prolongamento da memória do ente que a concebeu, pois permanece na coleção a essência dele. Com isso, ela irá ao longo dos anos perpetuá-lo (AZEVEDO; LINO 2010, p.226).

Durante o inventário da Coleção Professor Celso Cunha, identificamos vestígios desse pertencimento quando localizamos papéis avulsos com anotações manuscritas dentro de seus livros, fotos esquecidas, bilhetes, cartões postais, marcas de leitura, rastros dessa convivência íntima e silenciosa com a sua biblioteca particular.

Tânia Bessone, ao se referir às bibliotecas particulares no texto *A Biblioteca de Rui Barbosa: origens e preservação*, afirma que:

[...] uma biblioteca não é simplesmente o somatório de livros. O fato de um indivíduo ter escolhido determinados temas e autores, entre tantos outros, o hábito de preservar os livros em casa, guardá-los em móveis especialmente construídos com esse fim, tudo isso demonstra uma preferência, uma forma de atribuir determinado valor a esses objetos, não apenas por suas qualidades implícitas, mas por apreciar seu toque, seu cheiro, sua encadernação. Essa seleção, seja por escolha profissional, afetiva, ou mesmo por status, define uma razão que ajuda a estabelecer a diferença entre livros esparsos e espalhados e uma biblioteca, mesmo que pequena (FERREIRA, 2007, p.29).

Por isso, uma biblioteca particular representa os interesses de seu colecionador, já que reúne objetos de acordo com percepções subjetivas de seu possuidor. Portanto, constituindo-se como uma memória individual, essa coleção pode narrar a trajetória intelectual do indivíduo e versar sobre temáticas de interesse do proprietário.

Para Antônio Cândido, os acervos das bibliotecas particulares são importantes fontes de estudo para a investigação da formação das mentalidades em um dado momento histórico:

A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através desta cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa. [...] estudar a formação de uma cultura pessoal por meio da biblioteca, vista como estratificação de sucessivas camadas sedimentadas ao longo do tempo de uma vida, que pode servir de índice para o conhecimento da época (CÂNDIDO, 1990, p.82-83).

Segundo o mesmo autor, destarte, os períodos de entrada de livros contariam como marcos que caracterizariam as mudanças, a maturidade e as novas exigências do leitor.

Na obra *Palácios de Destinos Cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*, Tânia Bessone fala sobre a constituição de acervos particulares e as relações que se estabelecem nesses espaços privados:

Eram bibliotecas pessoais domésticas e profissionais, além de coleções de livros, postas em estantes ou armários, de pessoas que cultivavam a leitura ou amavam os livros, retomando antigos significados das palavras *bibliótheke*: caixa, simples estante, ou estante em cujas prateleiras colocavam-se rolos ou conjunto de rolos. [...] Logo percebi que seria possível cruzar os destinos de homens e livros. As bibliotecas que formaram, tanto as de uso público como privado, são referências importantes para conhecer suas ambições como indivíduos e como homens públicos. Alguns chegaram a ultrapassar os limites de criação de um pequeno acervo e construíram ou ajudaram a construir locais especiais, onde ficariam bem guardadas milhares de obras. Frequentei esses espaços públicos e privados e os vi, sempre, como ‘palácios de destinos cruzados’, bibliotecas importantes, nas quais esses homens puderam - e outros podem até hoje - desfrutar do convívio com seus livros. Destinos cruzados em ambientes que ajudaram a aprofundar relações sociais, intelectuais e afetivas entre homens que liam, e que para melhor proteger os livros, para suas leituras e de outros, no futuro, construíram bibliotecas que tornaram possíveis duradouros encontros, entre homens e livros, bibliófilos, colecionadores e mecenas (FERREIRA, 2014, p.23-25).

É nessa perspectiva de “destinos que se cruzam e se entrelaçam” que esses acervos vêm integrar as coleções especiais das bibliotecas universitárias em espaços públicos. Isso abre múltiplas possibilidades de pesquisa e uso a partir do acesso público.

Essas relações são importantes para a compreensão da trajetória de vida do possuidor das bibliotecas particulares. Pierre Bourdieu, em seu texto *A Ilusão Biográfica*, afirma que:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurda quanto explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 2005, 189-190).

Assim, Bourdieu entende a construção da noção de trajetória de vida como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Dessa maneira, buscou-se retratar, no capítulo anterior, a trajetória de Celso Cunha: descrevendo os acontecimentos significativos a partir de sua relação com os livros, de sua atuação acadêmica e profissional e dos depoimentos das pessoas que conviveram com ele, retratando a vida como uma estrada, um caminho, com suas encruzilhadas.

Percebe-se um ponto de convergência entre a citação de Bourdieu e as anteriores, de Antônio Cândido e de Tânia Bessone. Todos compreendem o entendimento da mentalidade de uma época histórica ou de uma trajetória de vida a partir de uma linearidade, cronológica, ordenada por eventos sucessivos por um agente em determinado campo.

Na mesma perspectiva, Figueiroa, referindo-se às trajetórias individuais, afirma que a vida tem um lugar em um contexto histórico que a autoriza:

[...] a reconstituição de suas trajetórias de vida individual, seguida dos devidos intercruzamentos - numa abordagem de certa forma prosopográfica, reconstruindo redes de atores, objetivos e estratégias individuais e grupais, relações individuais e institucionais no Brasil e no exterior, entre outros aspectos -, permitiria esclarecer muitos pontos dos processos de institucionalização das ciências no Brasil (FIGUEIROA, 2001, p.246).

Assim também, a Biblioteca do professor Celso Cunha reflete a trajetória acadêmica, de pesquisador, de educador e de gestor de políticas públicas em defesa da Língua Portuguesa de seu dono. Percebemos isso na formação da sua coleção, durante a realização do inventário, uma vez que, ao identificarmos a procedência de seus livros, vimos que muitos deles foram adquiridos nos países em que o professor esteve a trabalho por um tempo. Reconstituindo a circulação do acervo bibliográfico, por meio das etiquetas localizadas nas obras, observamos que muitos foram comprados em livrarias de Lisboa, Porto, Madri, Paris, Colônia, na Alemanha, Galiza, Florença, Bogotá, Buenos Aires, entre outras cidades, em países a que ele viajava frequentemente por conta de compromissos profissionais. Além disso, notamos obras de assuntos relacionados a funções e cargos públicos que ele exerceu e, obviamente, temáticas relacionadas às suas linhas de pesquisa e estudo.

Não houve desmembramento da Biblioteca, atendendo ao que foi acordado, ela foi reproduzida na Faculdade tal qual era disposta na casa do professor. Manteve-se sua fisionomia própria, em um espaço apartado dos demais acervos da Biblioteca da Faculdade de Letras, no qual foi reproduzido o seu escritório, inclusive com o mesmo mobiliário e alguns objetos pessoais de sua casa. Uma coleção particular, quando mantida da mesma forma que a deixou o seu possuidor, vai conservar os valores que o colecionador lhe atribuiu. Nesse caso, predomina “a sua dimensão testemunhal, destinada a evocar determinada memória e a cumprir funções, que ultrapassam tanto o âmbito material quanto o funcional” (GUIMARÃES, 2012, p.231).

De acordo com a mesma autora, uma coleção se define segundo:

critérios de pertencimento e de continuidade, o que lhe confere um caráter artificial. Tal como um “lugar de memória”, no sentido em que a expressão foi cunhada por

Pierre Nora, para designar um espaço físico ou simbólico, criado com o propósito de garantir a sobrevivência de fragmentos do passado (GUIMARÃES, 2012, p.229).

A Sala Professor Celso Cunha não é apenas o lugar físico onde se guardam os livros que lhe pertenceram. Para, além disso, ela constitui-se como um lugar de memória, de testemunho da subjetividade de quem a constituiu. De acordo com Nora, os lugares de memória:

[...] são simples e ambíguos, naturais e artificiais, abertos às experiências mais sensíveis e ao mesmo tempo alvos de complexas elaborações abstratas. São lugares nos três sentidos do termo: material, simbólico, funcional, porém, simultaneamente de graus diversos. Mesmo um ambiente de aparência apenas material só vem a constituir um lugar de memória quando a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA apud GUIMARÃES, 2012, p.230).

As bibliotecas são vistas como lugares de memória, pois materializam situações, vivências e ações, por meio de acervos. Cada vestígio mantido leva o indivíduo à reconstrução da sua memória e de sua identidade. Dessa forma, o conhecimento registrado em qualquer que seja seu suporte material, disponível nas instituições de memória, pode ser encontrado como vestígio perdido, esquecido ou, por outro lado, pode ser protegido contra o esquecimento:

Lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira (JACOB, 2006, p.9).

Bibliotecas, arquivos e museus, como instituições voltadas para a salvaguarda e preservação do que é considerado patrimônio, têm o poder de decidir o que lembrar e o que esquecer. Institucionalizando certa memória do passado, elas ajudam a promover a comemoração desse passado (lembrança coletiva) enquanto celebração, articulando-se com a memória permanentemente construída e reconstruída no presente. Dessa maneira, as bibliotecas, por suas funções de dar acesso e preservar acervos culturais, no âmbito público ou privado, adquirem a função de alicerçar memórias coletivas, como “lugar simbólico” em que essa memória coletiva carrega-se de sentidos, expressa-se e se revela. Elas têm, então, a missão de prover a sociedade com informações científicas, técnicas, factuais, históricas, entre outras.

Segundo Thiesen,

[...] a memória é elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento. Há um processo seletivo que

se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição (THIESEN, 1997, p. 145).

Nessa perspectiva, a conscientização do patrimônio cultural que se encontra nas bibliotecas deve ser não só preservada, mas também estimulada para uso das futuras gerações de leitores: “[...] afinal, em todas elas se encontra material que permite evocar fatos e dar a eles significado de modo a atender à fluidez e ao dinamismo de diferentes demandas sociais, inclusive aquelas voltadas especificamente para a construção do conhecimento” (CAMARGO; GOULART, 2015, p. 19).

Guimarães (2012) afirma que a memória – individual ou coletiva – é dialética, sempre aberta à lembrança e ao esquecimento, da qual se pode inferir que a prática museal constitui um exercício contínuo de construção, de problematização e de reconstrução da memória. A par disso, qualquer acervo incorpora sentidos e acepções aos elementos que o compõem. O mesmo item pode ganhar significados distintos nos diferentes espaços.

A necessidade de pertencimento social do homem leva a humanidade a registrar suas memórias para, posteriormente, recorrer a elas. Os objetos despertam as memórias individuais. Então, como construir um sentido para além da memória individual? Como fazer para que seu conteúdo informacional se torne memória coletiva? O objeto/símbolo é capaz de marcar a memória através do seu arranjo em coleções? Essas são questões levantadas por Crippa, em seu texto *Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação*. Segundo a pesquisadora, a memória se constitui como princípio de todo fundamento e transmissão cultural: “[...] a forma de seleção, organização e disseminação das coleções se constitui memória implícita na narrativa dos objetos, que representam um conjunto documentário, memória de formas de conhecimento ligadas a registros frequentemente institucionais” (CRIPPA, 2010, p.108).

A identidade é construída socialmente a partir desses objetos. Insere-se em um processo contínuo e se altera permanentemente. Trata-se de uma elaboração social em permanente construção. Contudo, sabemos que não há identidade sem memória, de modo que a memória muda, revive, atualiza e dá valor ao patrimônio. Diante de memórias conflitantes no mesmo espaço, precisamos pensar o patrimônio cultural de maneira integradora.

Memória e patrimônio são mediados por objetos informacionais nas bibliotecas. Os conceitos de memória e patrimônio estão vinculados à construção e à preservação da informação que, por sua vez, está implícita nas expressões culturais e bens patrimoniais.

A passagem do âmbito da biblioteca privada para a esfera pública terá de encontrar solução para a diversidade do saber. As coleções no espaço institucional distinguem uma

biblioteca de outra. Não são apenas lugares onde se guardam os livros, mas um espaço de descoberta, de criação de conhecimento, de circulação de ideias.

Para Cabral (2013), a coleção em uma biblioteca representa a organização e simboliza o desenvolvimento racional de um manancial informativo em permanente acumulação, a serviço de um objetivo, ao longo do tempo. À volta de uma coleção, a biblioteca define-se e cresce para servir um determinado público.

Na esfera privada, uma biblioteca particular obedece à lógica de ordenação do seu possuidor; na esfera pública, ela deve apresentar consistência e sistematização para ser usada:

Ao centrar-se sobre o desenvolvimento da coleção, a biblioteca deixa de ser um espaço fechado para deleite de seu possuidor; de certa forma, o seu possuidor perde o controle sobre aqueles livros e documentos, a biblioteca passa para o domínio público e a instituição adquire interesse e estatuto de utilidade coletiva. A figura do possuidor esbate-se e o seu lugar é progressivamente ocupado pela figura do bibliotecário, um sistematizador a quem o tempo e as necessidades da função deixarão perceber que ele é apenas o centro de uma rede (com outras bibliotecas, com colecionadores, com o mercado livreiro) se quiser prosseguir com brio e eficácia o seu trabalho (CABRAL, 2013, p.307).

A Coleção Celso Cunha representa a memória do professor na universidade, constituída de forma particular e, após a sua morte, institucionalizada na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. A reprodução dessa memória individual em um espaço coletivo tem suas implicações no gerenciamento da coleção. Assim, a biblioteca particular de Celso Cunha, agora em um espaço institucional de memória coletiva, assume outras características: é uma coleção especial de uma biblioteca universitária.

Ao recebermos uma coleção privada em um órgão público, com a incumbência de reproduzi-la da mesma maneira que era na casa do seu possuidor, deparamo-nos com vários problemas resultantes da necessidade dessa reprodução. A formação de acervos orienta-se por uma política de coleções que favorece algumas formas de representação, enquanto, por outro lado, exclui certas categorias de materiais. Selecionar implica eleger o que conservar. Com isso, a montagem dos conjuntos não é aleatória.

É necessário compartilhar a coleção: permitir que um número maior de pessoas usufrua daquilo que um dia foi um exercício solitário, muitas vezes confundido com o simples acumular. “Sente-se também a necessidade de dar um novo sentido ao acervo, que vá além da mera contemplação. Ele deve disseminar e gerar conhecimento, ampliando sensivelmente a sua presença no mundo, junto a novos públicos” (GUTIERREZ, 2012, p.254).

As bibliotecas particulares mantêm uma dimensão humana, são mantidas sob certo controle por seus donos, constituídas por livros escolhidos, outras vezes herdados, impregnados das principais preocupações intelectuais e vaidades de seus possuidores. Já as

bibliotecas em espaço público devem ser norteadas por uma política de formação e desenvolvimento de coleções, de modo que seus acervos devem ser planejados de acordo com essa política. Segundo Tânia Bessone (2014, p.78):

[...] o livro guardado no espaço privado contrapõe-se, em situação, ao livro para uso em espaço público. O primeiro pode ser instalado na desordem e sobreviver, o outro era instalado na ordem e na classificação, que se buscava aperfeiçoar, como no caso das bibliotecas para uso público (FERREIRA, 2014, p.78).

Em palestra proferida por Ivani Di Grazia Costa e Luciana Maria Napoleone *Olhares que constroem coleções*, na Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foi sugerido aos presentes que tentassem refletir as coleções privadas dentro do circuito da comunicação de Robert Darnton, para a análise dos acervos das bibliotecas particulares. O exercício dessa reflexão sugerida é o que veremos abaixo.

Circuito de comunicação

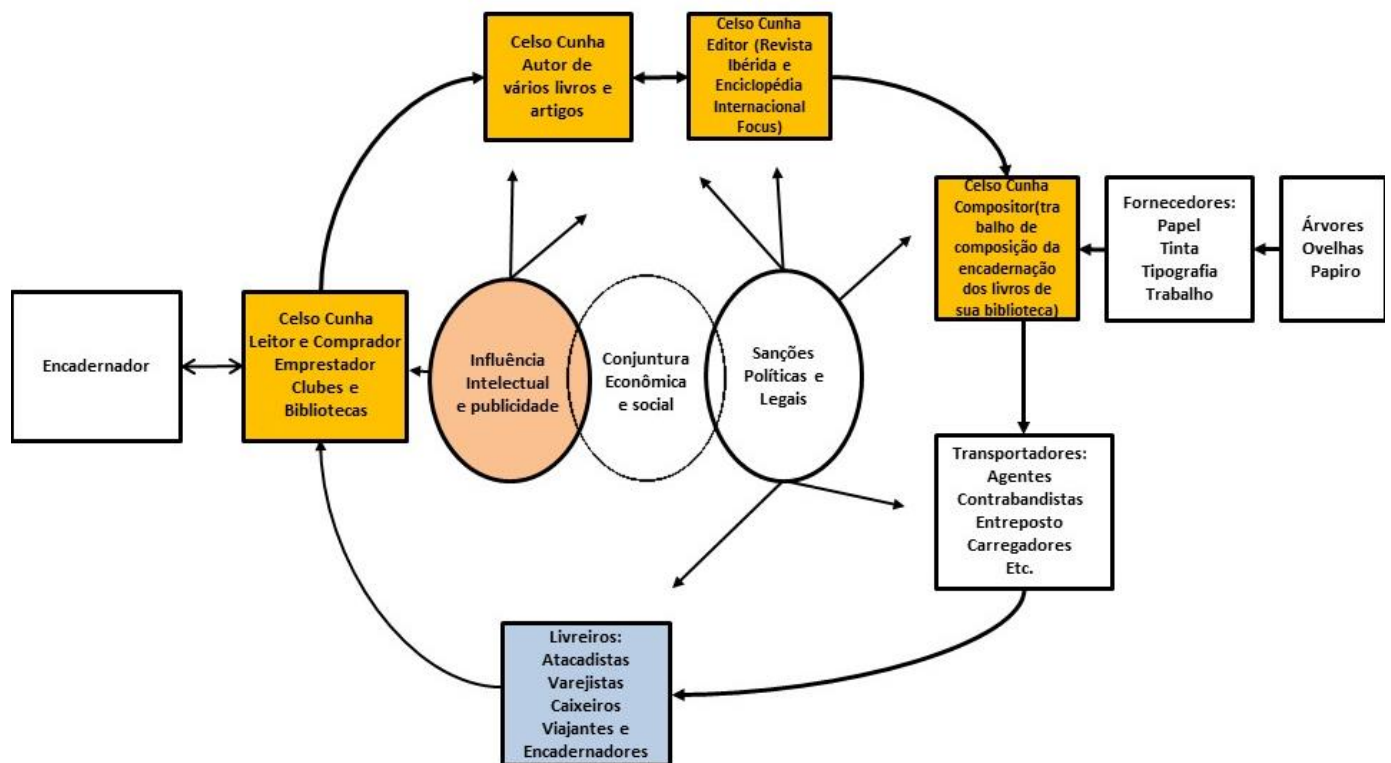


Fig. 14- O circuito da comunicação de Robert Darnton

Fonte: Adaptado pela autora (2018), a partir de: DARNTON, Robert. O circuito de comunicação, 1982.²¹

²¹ DARNTON, Robert. O que é a história do livro? : revisitado. ArtCultura, Uberlândia, v.10, n.16, p.155-169, jan./jun.2008. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/R_Darnton.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017

Robert Darnton ao explicar o circuito da comunicação na história do livro, dá ênfase às pessoas envolvidas no processo. Essas são colocadas como eixo principal ao abordar a história do livro através de seus atores, autor, editor, livreiros, leitores, etc. Nesse contexto, ele ressalta a importância de estudar as pessoas ligadas ao livro, a fim de entender a história dos livros.

Foi nessa perspectiva que se considerou o olhar do colecionador para analisar a formação de sua biblioteca. Desse modo, a partir do olhar do bibliófilo, pesquisador, professor, editor e leitor Celso Cunha, refletiu-se sobre o processo de formação de sua coleção, para representar as relações estabelecidas nesse circuito.

No entanto, como apresentado por Ivani Di Grazia Costa e Luciana Maria Napoleone no evento *Olhares que constroem coleções*, precisa-se pensar na perspectiva da institucionalização dessas coleções nas organizações, bem como compreender a funcionalidade e a representatividade da coleção privada em uma instituição pública.

A biblioteca particular, quando institucionalizada e exposta ao público, apresenta duas importantes relações: a relação do indivíduo criador e sua coleção, somada à relação existente entre a coleção e a instituição, voltada para o sentido organizacional. A primeira representa o seu colecionador, a ordenação pessoal dos objetos da coleção, como suporte informacional de seu proprietário em áreas específicas do conhecimento de sua preferência, levando em consideração a subjetividade do possuidor. A segunda refere-se a uma recontextualização do acervo em outro tipo de cultura organizacional, de modo que o objetivo quanto ao uso do acervo é alterado, assim também quanto ao tipo de usuário e à maneira como servirá para estudo. O acervo passa a atender a alunos, docentes, técnicos-administrativos e à comunidade em geral, obedecendo a uma ordem de guarda específica, desenvolvendo as áreas de maneira uniforme e dando suporte para a abertura de múltiplas possibilidades de pesquisa.

Nesse contexto, a Coleção Professor Celso Cunha – entendida como um lugar de memória assim como os livros que a integram como objetos –, apresenta essa dupla relação de um acervo particular institucionalizado em um espaço público, mas que mantém preservados os esquemas mentais lógicos da organização do colecionador. Isso ajuda na compreensão do significado dessa coleção.

De acordo com Pinheiro, sobre o processo de reunir coleções particulares em bibliotecas,

Numa abordagem mais genérica, a leitura genealógica das coleções que compõem uma biblioteca, permite resgatar elementos que consolidam a consciência de uma memória comum, partilhada por todos os espaços de guarda que fizeram parte da história de cada item da coleção. O crescimento ininterrupto de uma biblioteca e o volume de segredos que encerra (coleções por identificar) ressaltam o papel dos

bibliotecários, que delineiam seu ‘mapa’ estrutural. Os patronos dessas coleções, colecionadores do passado e do futuro, que jamais pensaram (e não pensam) que suas escolhas estariam (e estarão) perpetuadas em estanterias de acesso coletivo, deram (e dão) inquestionável – mesmo que involuntária- contribuição à prevenção da memória bibliográfica, atribuindo ao acervo, que incorporou sua coleção, a condição de referência cultural e parada obrigatória do pesquisador que busca uma biblioteca rara, única e preciosa (PINHEIRO 2011, p.28 apud FONSECA, 2014, p.25).

As bibliotecas particulares têm contribuído para a melhoria dos acervos das bibliotecas universitárias, dada a escassez de recursos financeiros para a aquisição de publicações nas instituições de ensino superior. Além da dificuldade para a compra de materiais esgotados ou edições raras, valoriza-se ainda mais a incorporação dessas coleções na universidade como fontes importantes de pesquisa que podem ser exploradas em diversos campos do conhecimento.

As bibliotecas universitárias funcionam como um órgão de apoio informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão, com acervo geral ou especializado. Têm a função de prover informações referenciais e bibliográficas específicas, necessárias ao ensino e à pesquisa. Seus usuários são estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores, professores, funcionários – a comunidade acadêmica em geral. De acordo com Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, essa biblioteca define-se como:

A que é mantida por uma instituição de ensino superior e que atende às necessidades de informação dos corpos docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto de pesquisa e extensão. Pode ser uma única biblioteca ou várias organizada como sistema ou rede (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.53).

A Biblioteca da Faculdade de Letras integra o Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SiBI/UFRJ). Esse sistema consiste em órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), que gerencia quarenta e cinco bibliotecas da UFRJ e tem por principal objetivo:

[...]a interação de suas bibliotecas à política educacional e administrativa da Universidade, servindo de apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, [fomenta] a colaboração e a produção técnico-científica, cultural, literária e artística, através do desenvolvimento de serviços e produtos de informação. [O] SiBI está subdividido entre Coordenação, Secretaria, Centro Referencial, Desenvolvimento de Bibliotecas, Processamento Técnico e Memória Institucional (SISTEMA..., 2017, [não paginado]).

Algumas bibliotecas que integram o SiBI/UFRJ possuem em suas coleções acervos raros oriundos de suas unidades: a Escola Nacional de Belas Artes, a Escola de Música, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito, Museu Nacional, Escola Politécnica, Faculdade de Educação, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e a Faculdade de Letras. De

acordo com Mello, são esses os critérios adotados pela UFRJ para definição de raridades bibliográficas:

Impressões dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII; Obras editadas no Brasil até 1900; Primeiras edições até o final do século XIX; Edições com tiragens reduzidas com aproximadamente 300 exemplares; Edições de luxo; Edições clandestinas; Obras esgotadas, especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas, críticas, definitivas e diplomáticas; Obras autografadas por autores renomados; Obras de personalidades de projeção política, científica, literária, artística e religiosa; Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias); Obras científicas e históricas que datam do período inicial da ascensão de cada área do conhecimento; Edições censuradas; Edições populares, especialmente romances e folhetos literários (cordel, panfletos); Edições de artífices renomados; Edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas; Teses defendidas até o final do século XIX; Teses e dissertações defendidas na UFRJ; Periódicos estrangeiros dos séculos XV ao XIX; Primeiros periódicos brasileiros técnico-científicos (MELLO, 2010, p.346).

A Coleção Professor Celso Cunha está incluída nessa categoria, sendo uma coleção especial de acervo raro especializado na área de Letras.

Na literatura biblioteconômica, a *coleção especial* pode referir-se àquela coleção mantida em separado do acervo geral em razões de suas características de formato físico, temático ou data de publicação, além de outras características (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 92), como também àquela considerada especial pelas instituições de custódia, em decorrência do valor do conjunto em seu todo, tendo em vista a trajetória de quem a reuniu, bem como a importância de seu conteúdo, como é o caso da Coleção em foco neste trabalho. Segundo Pinheiro (2015), por exemplo, o conceito de coleção especial refere-se a diferentes formas de registro, segmentadas em coleções distintas, conforme sua materialidade – o conjunto dessas diferentes coleções especiais constitui um acervo especial. Essas coleções são consideradas preciosas por sua raridade, valor monetário ou associação com importantes figuras e/ou instituições históricas, culturais, políticas, científicas ou artísticas (ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES, 2003 apud PINHEIRO, 2015, p.34).

Nas bibliotecas, a formação e o desenvolvimento de suas coleções são norteados por uma política que, segundo Lima e Figueiredo (1984 apud DIAS; PIRES, 2003, p.20), consiste no conjunto de diretrizes e normas que visam a estabelecer ações, delinear estratégias gerais, determinar instrumentos e delimitar critérios para facilitar a tomada de decisão na composição e no desenvolvimento de coleções, em consonância com os objetivos da instituição, dos diferentes tipos de serviços de informação e dos usuários do sistema.

A ideia é nortear o planejamento global da coleção e seu crescimento com essa política, que deve ser discutida na biblioteca com toda a comunidade acadêmica. Esse documento serve de diretriz para a formação e o desenvolvimento de coleções na biblioteca

universitária, para avaliar os serviços de uma maneira formal e sistemática, definindo critérios para a avaliação das coleções a serem incorporadas mediante compra, doação, permuta, apontando quando e sob quais condições o material poderá ingressar no acervo. Assim, o gerenciamento dos acervos especiais universitários dá-se a partir dessa política. Entretanto, na Biblioteca da Faculdade de Letras, ainda não se elaborou uma política de formação e desenvolvimento de coleções.

Nas universidades, o patrimônio é a produção de conhecimento e o saber científico construído no âmbito de suas atividades acadêmicas de pesquisa, ensino e extensão. Nesse sentido, como instituições que concentram a produção de conhecimento, as universidades são historicamente lugares de formação de coleções. O saber e o poder sempre conduziram ao surgimento de coleções. As universidades figuram como um dos mais destacados lugares de ocorrência da prática do colecionamento.

Além disso, a materialidade de uma coleção pode revelar um potencial informativo para a pesquisa acadêmica. São, então, questões importantes para a valoração desse patrimônio os espaços onde foram recolhidas e onde estão localizadas. A importância das coleções especiais no contexto das universidades para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão é indiscutível.

Para Casper, uma ampla e apropriada biblioteca para pesquisa é condição *sine qua non* de uma universidade forte, pois:

A principal tarefa da universidade tem sido questionar e pôr à prova pressupostos e práticas fundamentais; assim, favorece mudanças sempre que aqueles se revelem equivocados. Entretanto, a universidade se direciona para o conhecimento e a pesquisa, não se vincula a um conteúdo em particular ou a resultados específicos (CASPER, 2002, p.50).

Decorre então que o acesso à informação disponível nas unidades de informação é fundamental para essa construção:

Cada leitor é levado a desenvolver estratégias de apropriação e de memorização, através das quais o saber extraído dos livros é reelaborado, classificado, pronto para ser novamente mobilizados na escrita de novos textos, instrumentos de pesquisa, de reflexão e de compreensão do mundo. (JACOB, 2006, p.12).

A biblioteca é um lugar, uma instituição (JACOB, 2006). De acordo com Icléia Thiesen, em seu livro *Memória Institucional*,

[...] toda instituição só existe em processo e é da sua natureza comportar uma face instituída e outra instituinte. Ambas as faces são, na realidade memórias e saberes, que interagem nas relações sociais, institucionais, inter-institucionais. [...] A instituição é um corpo e, como tal, necessita que suas células trabalhem solidárias

para que o funcionamento seja padronizado (passível de se repetir) e criativo (que possa contemplar a diferença) (THIESEN, 2013, p.269).

As bibliotecas universitárias são espaços privilegiados de memórias às vezes conflitantes que circulam na universidade e na própria instituição biblioteca, por meio de suas coleções. Esses saberes e memórias integram a memória institucional da universidade, que perpassa gerações posto que vão se reconfigurando a cada novo tempo: “uma memória institucional em permanente elaboração, pois é função do tempo” (THIESEN, 2013, p.283).

Aos objetos selecionados para compor uma coleção, é agregado um novo valor: o valor documental. Isto significa que eles passam a ser considerados documentos, fontes de informação. No entanto, para que possam ser utilizados na produção de conhecimento, é imperativa a organização e análise dessa informação.

Na coleção Professor Celso Cunha, esses objetos se colocam como mediadores da memória, fontes que quando utilizadas contribuem para a produção de novos conhecimentos.

Segundo Rossi, toda vez que tocamos no tema da memória, somos chamados também para o tema do esquecimento. É o esquecimento que suscita a memória e permite voltar-se para o esquecido. “No cotidiano somos lembrados constantemente do que não devemos esquecer, ambientes carregados de significados são construídos com o intuito de nos fazer lembrar” (ROSSI, 2010, p.20).

Guimarães diz-nos que lembrança e esquecimento caminham juntos como processos ativos e necessários à vida social. A lembrança, como parte do esforço imaginativo, assim como o esquecimento, são atos fundamentais engendrados ativamente pelas sociedades como forma de se constituir (GUIMARÃES, 2007, p. 27-33).

Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses,

[...] a coleção privada, com efeito, é a forma, senão exclusiva, pelo menos dominante, pela qual objetos pessoais, em nossa sociedade, expõem-se à esfera pública. Mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõem, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático. Na coleção fica patente esse caráter de interlocução, de ato em que está em jogo a subjetividade em diálogo (MENESES, 1998, p.96).

De acordo com Meneses, a coleção é um suporte de interação, faz-se sempre em relação ao outro. Está vocacionada ao espaço público:

Apesar dessa ambiguidade e flexibilidade de escala entre o pessoal e o público, é verdade que os contextos institucionais típicos – em particular a exposição museológica – ressemantizam o objeto profundamente, depositando crostas de significados que se cristalizam em estratos privilegiados, em detrimento dos demais (MENESES, 1998, p.98).

Regina Abreu, ao analisar o processo de doação e instalação da Coleção Miguel Calmon ao Museu Histórico Nacional (MHN), no livro *Fabricação do Imortal*, traz alguns elementos que corroboram para a discussão da representação dos acervos privados em espaço público. Assim, a autora relata que a viúva de Miguel Calmon foi quem fixou as condições precisas da exposição dos objetos da Coleção Miguel Calmon no MHN. A coleção exposta no espaço público do museu manteve, dessa maneira, as características de um bem privado, com a intenção “[...] de fazer com que o público do museu [apreciasse] a grandeza dos serviços que ele prestou à nação, celebrando-o e immortalizando-o de maneira muito mais enfática do que erguendo uma placa com seu nome [...]” (ABREU, 1996, p.15). Alice da Porciúncula procura, com isso, “[...] celebrar e fazer celebrar a memória do seu marido, [e] assegurar-lhe um lugar entre os imortais” (ABREU, 1996, p.16-18).

O lugar de destaque favorecia a valorização simbólica da coleção. Ao mesmo tempo, associava-se à nação e tornava-a pública. Em segundo lugar, a manutenção da coleção indivisa e destacada garantia a Alice da Porciúncula o poder de continuar a zelar pelos bens doados. A coleção, assim, ingressava num espaço público, mantendo ainda certas características de um bem privado (ABREU, 1996, p.35-36).

O processo de institucionalização da Coleção Miguel Calmon no MHN se assemelha, em alguns pontos, à maneira que se deu a instalação da Coleção Professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. Por isso, abordaremos alguns elementos, por similitude, levantados por Regina Abreu, na obra *Fabricação do Imortal*, para discussão da representação da memória do Celso Cunha nesse espaço institucional.

Na busca dessa construção teórica, utilizar-se-á a definição de Krzysztof Pomian para coleção, definida como “[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeito a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (POMIAN, 1984, p.53).

Segundo Pomian (1984), os livros são tratados enquanto objetos, que para se tornarem peças de coleção terão somente valor de troca e não terão valor de uso. Todas as coleções cumprem uma mesma função: a de permitir aos objetos que as compõem desempenhar o papel de intermediários entre os espectadores, quaisquer que sejam eles. Para que um valor possa ser atribuído a um objeto por um grupo ou indivíduo, é necessário e suficiente que esse objeto seja útil ou que seja carregado de significado, é o seu significado que funda o valor de troca das peças de coleção:

[...] uma coleção compõe-se de semióforos, que diferentes das coisas, dos objetos úteis, são objetos destituídos de valor de uso. Singulares, não servem para serem usados, mas para serem expostos ao olhar. Considerados preciosidades, são dotados de um valor de troca fundamentado no seu significado. Os semióforos são, portanto, pontes entre o mundo visível e o mundo invisível, são suportes materiais de ideias (ABREU, 1996, p.43).

Desse modo, para Pomian (1984), o valor do item está agregado à sua representatividade, pois sua função é ser exposto. A Coleção Professor Celso Cunha, entendida como um semióforo, serve como elo entre uma lembrança e o indivíduo, pois podem evocar lembranças e fatos. Assume um valor simbólico, na medida em que o objeto perde a sua utilidade ou o seu valor de troca, para se tornar portador de sentido (“semióforo” ou portador de significado).

De acordo com Abreu (1996, p.67), “No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados fundamentalmente a partir das construções póstumas [...] as homenagens póstumas recriam a pessoa no templo da memória.”. Em outras palavras,

[...] Após ter ingressado no museu, o objeto permaneceria, desse modo, associado ao possuidor original e/ou ao doador, como representação particular da pessoa além da morte, uma relíquia. O doador, nesse contexto, seria, também, um primeiro conservador, pois, percebendo certo valor simbólico no objeto, teria decidido conservá-lo, para, mais tarde, depositá-lo num museu de sua confiança, uma instituição capaz de conservá-lo para a eternidade. A relação entre museu e doador seria de confiança recíproca, e, com a conservação dos objetos, procurar-se-ia assegurar a conservação daquilo que eles estariam simbolizando (ABREU, 1996, p.186).

A Coleção Professor Celso Cunha representa um testemunho de sua trajetória acadêmica e intelectual na universidade, da sua atuação como educador e pesquisador da Língua Portuguesa. Possui um valor simbólico e de troca, pois carrega a subjetividade do Professor que a constituiu e o representa em sua materialidade e imaterialidade. A ordenação estabelecida pelo filólogo para o acervo bibliográfico foi mantida na biblioteca da Faculdade de Letras. Assim, os livros mantiveram sua funcionalidade e também foram considerados enquanto objetos com significados subjetivos. Dessa maneira, as obras que integram a coleção podem despertar lembranças, pois refletem o seu possuidor e podem tornar-se um elo com um passado individual e coletivo.

A evocação dessa representação da memória do professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras se dá, em seu aspecto tangível, por meio de objetos – museológicos (medalhas, placas, vestuário, chapéus, estatueta, móveis, máquinas de inscrever); arquivísticos (diplomas, certificados, cartas, fotos, documentos); e bibliográficos (livros, periódicos, folhetos, atlas linguísticos, desenhos) – e, no aspecto intangível, a evocação ao passado fica implícita, por meio de objetos que rememoram a trajetória intelectual e acadêmica do

bibliófilo – durante o manuseio do exemplar ao se perceber a rede de relações interpessoais do Professor através das dedicatórias, marcas de propriedade, dos livros intonsos²², das marcas de leitura, das recordações coletivas, considerando-se que o professor lecionou na Faculdade de Letras por muitos anos e que hoje muitos de seus ex-alunos são professores desta faculdade e frequentaram essa biblioteca na casa do filólogo antes de ser adquirida pela UFRJ.

Na institucionalização da Coleção Professor Celso Cunha, levou-se em consideração a relevância do acervo para a Faculdade de Letras da UFRJ, que é a segunda maior do Brasil. Possui seis programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado): Ciência da Literatura, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Vernáculas, Linguística e Interdisciplinar em Linguística Aplicada; além de cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização), em diversas áreas de estudos da faculdade, e treze cursos de graduação, oferecidos por oito departamentos. O corpo discente conta com seis mil e quinhentos alunos matriculados, mais cento e oitenta e cinco professores e cem técnicos-administrativos. O que favoreceu a recomendação de compra da coleção pelo colegiado da faculdade foi o fato de as áreas temáticas de cobertura do acervo estarem relacionadas com as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação e graduação da faculdade, contribuindo a importância das obras para a área de Letras e o estado de conservação das publicações.

Nessa perspectiva, a biblioteca particular do professor veio contribuir para a melhoria do acervo da biblioteca da Faculdade de Letras. Por isso, a institucionalização da biblioteca do Professor Celso Cunha na UFRJ valoriza o conhecimento da área de Letras disponibilizado para pesquisa de toda a comunidade acadêmica, aproximando as informações dos alunos e pesquisadores dessas áreas.

As bibliotecas são depositárias do conhecimento registrado, são espaços de convivência com a informação e de promoção de autonomia ocasionada pelo estudo. A disponibilização da Coleção Professor Celso Cunha ao público acadêmico em uma biblioteca universitária, além de dar o acesso a um número maior de pessoas, busca fomentar as pesquisas, sobretudo nos cursos de pós-graduação. Ao ficar separada do acervo geral, reservada em local próprio e destinado especialmente a esta coleção, ganha status de local de celebração, construído para permitir a evocação da memória do Professor Celso Cunha na Faculdade de Letras. Assim, esse local de guarda da coleção tornou-se um espaço de

²² Livro não aparado, aquele em que as folhas não foram cortadas pela guilhotina, de modo que, para ele ser lido, têm que ser cortadas por uma faca; até esse momento diz-se que o livro está por abrir. (FARIA ; PERICÃO, 2008, p. 468.).

celebração da memória do professor, onde o conhecimento foi preservado e está disponível para a evolução de quem o absorve e ali comemora a oportunidade de fazê-lo.

Dada à diversificação de materiais o gerenciamento da coleção exige a participação de profissionais de diferentes áreas de atuação: Biblioteconomia, Museologia, Arquivologia, Conservação, Letras e História, já que seus objetos possuem características e tratamento técnico diferenciado. O trabalho demanda entendimento e diálogo com saberes especializados para a melhor gestão do acervo. Esse olhar transdisciplinar é entendido por Lia Motta em uma gestão compartilhada de avaliação da importância da salvaguarda do patrimônio cultural como:

[...] o saber técnico institucional como o ofício dos servidores das instituições públicas dedicadas à preservação do patrimônio cultural, que produzem conhecimentos especializados para a valoração dos bens culturais como patrimônio. Um saber desenvolvido na vida diária, quando são enfrentadas as questões relacionadas ao campo de preservação e se dá a interação com o saber de outras instituições e de grupos sociais que participam da construção do valor de patrimônio. Trata-se de um saber que exige reflexões críticas e atualizações, tendo em vista que o patrimônio cultural é uma construção social e historicamente determinada que se transforma ao longo do tempo, sujeito a disputas, tensões e negociações (MOTTA, 2011, p.183-184).

A Faculdade de Letras, ao adquirir a Coleção Professor Celso Cunha, assume um compromisso de gestão, no qual são despendidos recursos humanos, financeiros, de tempo e de responsabilidades no processo de incorporação e no decorrer de sua permanência na instituição. É necessário cumprir o papel de salvaguardar a memória escrita e, ao mesmo tempo, disponibilizá-la à pesquisa, valorizando-a através de seu uso e preocupando-se com a capacidade de dar condições adequadas de guarda e disponibilidade desse material a longo prazo, dada a escassez de recursos para atender a exigência de familiares.

O regulamento que estabelece as regras de acesso à coleção foi elaborado pela mesma comissão responsável pela sua instalação na Faculdade de Letras. As regras criadas a partir da institucionalização do acervo são fundamentais para gerir a guarda e a segurança do acervo, por meio de métodos de preservação e controle de acesso.

Através do catálogo automatizado da base Minerva da UFRJ, disponível para consulta aos acervos da universidade via *web*, é possível ter acesso ao conteúdo da Coleção Professor Celso Cunha. Desde o segundo semestre de 2017, algumas obras da coleção estão disponíveis também no Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN), desenvolvido pela Biblioteca Nacional através do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR). Trata-se de um catálogo coletivo que reúne obras dos séculos XV ao XIX, com a função de não só reunir e difundir acervos raros brasileiros mas também de possibilitar a salvaguarda da

propriedade patrimonial destes em caso de sinistros, extravios ou outras ações que possam colocá-los em risco.

A Coleção Professor Celso Cunha, avaliada em seu conjunto bibliográfico, possui um potencial valor de pesquisa para a Universidade e, em especial, para a Faculdade de Letras. Esse acervo traz, em seu conjunto de formação, a representatividade de ter pertencido a um docente da faculdade, respeitado como um dos maiores filólogos da Língua Portuguesa. Possui obras raras, com características especiais, esgotadas, exemplares autografados, manuscritos etc. Como os objetivos de uma biblioteca são coletivos, quem se beneficiou com essa aquisição foi a comunidade acadêmica da instituição.

Como exemplo do potencial de pesquisa da coleção na universidade, destaca-se a publicação *Gregório de Matos: poemas atribuídos*. Códice Asensio-Cunha em quatro volumes, de autoria de Gregório de Matos e Guerra, João Adolfo Hansen, Marcelo Moreira, publicados em 2014 pela Editora Autêntica. Essas obras foram publicadas a partir de estudos realizados no Códice Asensio-Cunha ou Códice Manuel Pereira Rabelo da Coleção Professor Celso Cunha, que serviu de base para a elaboração desses livros, uma publicação resultante de um desdobramento de pesquisa realizada neste acervo. Assim, a partir da consulta desta coleção, muitas outras pesquisas ainda poderão ser desenvolvidas, gerando outros patrimônios para a própria universidade e para outras instituições.

A literatura biblioteconômica que aborda o desenvolvimento de coleções não recomenda aceitar acervos com exigências para recebimento. Todavia, para que a Coleção Professor Celso Cunha fosse instalada na Faculdade de Letras, a UFRJ precisou aceitar as recomendações feitas pela família para o seu recebimento na instituição.

A família do professor Celso Cunha participou de todo o processo de institucionalização da coleção na universidade, integrando a comissão de preparação de instalação do acervo na Faculdade de Letras. Estabeleceu que fosse reservado um local para a guarda do acervo e que este não fosse desmembrado; quem teria acesso à consulta e como seria feita a reprodução do acervo bibliográfico; qual público a quem se destinava. Além disso, indicou o marceneiro que faria a desmontagem e remontagem das estantes na biblioteca para a reprodução do escritório do Professor; separou a documentação arquivística e o acervo museológico da coleção para exposição na área de guarda do acervo. Semelhante ao que se deu com a Coleção Miguel Calmon no MHN, a família separou os objetos de uma memória familiar que desejavam tornar pública.

As fotos que integram o acervo arquivístico enfocam eventos relacionados à carreira acadêmica e ao exercício de funções públicas. De sua intimidade, há somente algumas fotos

de seu casamento com Cinira Cunha e algumas fotos de amigos e familiares no aniversário de comemoração dos seus setenta anos. Essas imagens deverão ser analisadas em um estudo futuro.

Além das fotos, incluem-se nesse fundo arquivístico diplomas, certificados, condecorações, que refletem o enaltecimento de um saber institucional, acadêmico; a valorização do conhecimento adquirido nas escolas e universidades, demonstrando para o público o grau de saber alcançado e indicando seu espírito letrado; a competência técnica do indivíduo, demonstrando a capacidade individual responsável por seu sucesso pessoal. Essa documentação refere-se às áreas de formação científica, a entidades científicas, associações e entidades internacionais, homenagens de alunos, funcionários de instituições em que exerceu funções públicas e premiações.

O acervo museológico está relacionado também à trajetória acadêmica e intelectual do professor, identificadas por indumentárias com que o filólogo recebeu o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade de Granada, chapéus, estatueta, medalhas e placas de homenagens de alunos e colegas de instituições onde trabalhou. Além disso, há móveis e máquinas de escrever, que compõem a reprodução do escritório de trabalho do Professor na faculdade de letras.

O acervo bibliográfico compreende livros, periódicos, folhetos, atlas linguísticos, obras de referência, que foram adquiridos pelo professor Celso Cunha no percurso de sua vida. Apenas alguns poucos exemplares foram herdados de seu pai, Tristão da Cunha.

Desse modo, a Coleção Professor Celso Cunha gera a possibilidade de rememoração ao reter o passado e remeter a fatos e eventos da vida do sujeito que a reuniu. Aquele que contempla a coleção no espaço público necessita da materialidade para voltar ao passado ou, pelo menos, acredita nisso. O espaço destina-se a guardar e expor as relíquias da trajetória do Professor, cultuando a lembrança dele. Esses objetos nos conduzem ao universo material e mental do bibliófilo, acadêmico, estudioso e pesquisador da Língua Portuguesa.

Ao se expor em espaço público essa coleção, altera-se sua tipologia, pois ela deixa de ser uma biblioteca particular e passa a ser uma biblioteca de consulta pública. Assim, começa a ser valorizada como patrimônio cultural pesquisável, pois seus objetivos quanto ao uso são redefinidos em outro tipo de cultural organizacional.

Para Halbwachs (1990), a memória é um fenômeno socialmente construído e que se manifesta no contexto social. Nessa perspectiva, os vínculos que os atores sociais podem manter e constituir, em âmbito tangível e intangível, pode evocá-la. Assim, a coleção Celso Cunha como repositório de memória do Professor, enquanto um local que representa o

ambiente em que ele produziu a maior parte de sua obra, que demonstra sua trajetória intelectual e acadêmica e mostra suas escolhas, pode levar a lembrar a memória dele na faculdade onde lecionou por muitos anos.

Nesse sentido, valorizar a memória do professor Celso Cunha em um espaço constituído para abrigar a sua biblioteca é valorizar a trajetória de intelectuais da própria instituição, que durante anos construíram sua vida e seu pensamento entre os muros dessa universidade. É, além disso, reconhecer que o acervo que um intelectual constrói continua interagindo após sua morte com aqueles que deste acervo se servem, para a produção de conhecimento científico.

O patrimônio tem valor atribuído pela sociedade. O processo de patrimonialização está em transformação, desde o monumento aos valores. Por isso, faz-se necessário criar um novo diálogo, um novo valor. É preciso pensar o patrimônio como um valor simbólico informacional. A materialidade das coleções, os espaços onde foram recolhidas e onde estão localizadas são questões importantes para valoração desse patrimônio. De acordo com Motta (2011, p.188-189), “a preservação do patrimônio cultural dependerá de estudos para a atribuição de valor [...] a fundamentação do valor e sua explicitação são a base de todos os trabalhos de preservação”.

Para Meneses (2009, p.31-32), o patrimônio cultural tem como suporte sempre vetores materiais: “[...] pois, se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial, tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se”. Atuar no campo do patrimônio cultural é defrontar-se com a problemática do valor. E o valor é sempre uma atribuição. De acordo com o mesmo autor, os valores culturais (os valores, em geral) não são criados pelo poder público, mas pela sociedade:

O patrimônio é antes de mais nada um fato social. As práticas sociais é que é o ventre gerador dos valores: principais componentes do valor cultural: valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos. [...], porém, vale acentuar que tais componentes não existem isolados, agrupam-se de forma variada, produzindo combinações, recombinações, superposições, hierarquias diversas, transformações, conflitos. O campo dos valores não é um mapa em que se tenham fronteiras demarcadas, rotas seguras, pontos de chegada precisos. É, antes, uma arena de conflito, de confronto- de avaliação, valoração (MENESES, 2009, p.35-38).

O patrimônio vai representar o que identifica uma nação. No caso das universidades, representará a produção de conhecimento, o saber científico formado no âmbito das atividades acadêmicas de pesquisa, ensino e extensão destas instituições.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, define como patrimônio cultural brasileiro:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo-se neles as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas- culturais e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, p.21).

Desse modo, podemos compreender o patrimônio cultural como um conjunto de bens que possui valor próprio, considerado de interesse relevante para a identidade da cultura de um povo e a herança do passado para gerações futuras. Sendo assim, o principal papel do patrimônio cultural é o da manutenção, construção ou reconstrução da memória e da identidade coletiva:

O principal motivo pelo qual preservamos é garantir a memória; assegurar que teremos registro de acontecimentos dos quais participamos ou que julgamos importantes por alguma razão; perpetuação de experiências vividas, de conhecimentos produzidos e de feitos coletivos ou individuais. As memórias de um grupo familiar bem como a de uma nação são essenciais para a caracterização, valorização e orientação de cada membro e do grupo como um todo. Preservamos fragmentos da informação aos quais atribuímos valor de testemunho do pensamento e da ação que se projetaram para além da época e das intenções que os geraram (CABRAL 2002 *apud* CONWAY, 2001, p. 45).

Segundo Napoleone; Beffa; Maria; Jastwebski (2016, p.203), ao analisarem os textos legais relacionados à preservação de bens culturais,

Livros e bibliotecas não estão expressamente incluídos como elemento de patrimônio cultural no ordenamento jurídico nacional e em convenções internacionais. Essa lacuna tem consequências na gestão de acervos bibliográficos e na preservação da memória institucional e histórico-cultural. O livro é conceituado no Art.º 2 da Lei nº 10.753/2003. Porém a biblioteca não tem conceituação expressa na legislação nacional (AMARAL, 1995; BEFFA, 2016), exceto biblioteca escolar (Lei nº12. 244/2010, art. 2º) (NAPOLEONE; BEFFA; MARIA, JASTWEBSKI, 2016, p.203).

Diante disso, faz-se necessária uma ampla discussão sobre a invisibilidade das bibliotecas no ordenamento jurídico enquanto patrimônio bibliográfico cultural a ser preservado.

A preocupação de preservar as bibliotecas particulares enquanto patrimônio – que, nas instituições públicas universitárias, assumem nova identidade e passam a integrar a memória institucional ao serem transformadas em coleções especiais na biblioteca universitária, como fonte de estudos e pesquisas – é de extrema relevância. Nesse contexto, encontramos traços de toda uma vida que nos permitem retomar a trajetória de formação e criação do colecionador.

Para Pinheiro, na biblioteca ideal, os livros não são guardados e protegidos, como fragmentos memoriais do que essa biblioteca foi um dia; cada livro partilha a construção de

uma coleção argumentativa e controversa, de pensamentos múltiplos, capaz de transcender as fronteiras do tempo, provocando, continuamente, sua própria reconstrução como coleção de caráter especial (PINHEIRO, 2015, p.41).

Nessa perspectiva, Heymann (1997), ao discorrer sobre a monumentalização da memória e as instituições de guarda, afirma:

[...] da mesma forma que nos processos de memorização (tanto mental quanto através da guarda de fragmentos materiais), as ações constituidoras dos corpus documentais também se baseiam em seleção e esquecimento entendidos aqui como os critérios que avaliam a 'relevância histórica' dos documentos e definem o zelo descritivo que merecem. Este processo sugere que devemos levar em conta instâncias distintas de retenção e esquecimento que se sucedem: instância individual (privada) e instância coletiva (pública). Ignorar a complexidade dessa 'produção', oriunda de motivações pessoais mais submetida a uma série de interferências de natureza social, é não perceber que estão em jogo, e muitas vezes em disputa, diferentes visões de mundo. Significa tomar como dado o que na realidade é resultado de um longo processo de negociação (HEYMANN, 1997, p.52).

Em síntese, na literatura biblioteconômica não localizamos publicações que discutam a musealização de coleções particulares no espaço de guarda de acervos das bibliotecas. Por isso, buscamos fundamentação teórica em outras áreas para a construção dessa reflexão.

Apresentaremos, no próximo capítulo, as condições de guarda dessa coleção, bem como a identificação das condições físicas dos suportes, do estado de conservação das publicações, na perspectiva de identificar os riscos aos qual o acervo está exposto, para que, a partir desse diagnóstico, sejam estabelecidas recomendações para evitar a perda da memória bibliográfica dessa coleção e, com isso, possa ser preservada para toda a comunidade de pesquisadores que desejem seguir produzindo conhecimento.

4 DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO PROFESSOR CELSO CUNHA

Eu tenho um problema.

É o seguinte: quanto tempo duram as coisas? Se eu deixar uma folha de papel num quarto fechado ele atinge a eternidade?

Clarice Lispector

A preservação do patrimônio cultural não se dá espontaneamente, ela necessita do estabelecimento de políticas e estratégias da sociedade para que possa cumprir seu papel: a sobrevivência nas melhores condições. A proteção desse patrimônio justifica-se:

1. Para garantir o exercício da memória e da cidadania; 2. Para garantir a continuidade das manifestações culturais; 3. Para garantir o produto intelectual, a acumulação do conhecimento e do saber pelo homem, no decorrer da história; 4. Para garantir a manutenção dos elementos da natureza e do meio ambiente (GUIMARÃES, 2012, p.74).

De acordo com Kühl (2008), a motivação para a preservação se dá por questões de cunho cultural, científico – pelo conhecimento que as obras transmitem em vários campos do saber, tanto para as humanidades quanto para as ciências naturais – e ético – por não ter o direito de apagar os traços de gerações passadas e privar as gerações futuras da possibilidade de conhecimento de que os bens são portadores.

A preservação do patrimônio cultural, então, passa por

[...] conhecê-lo, através dos mecanismos de identificação e avaliação como, inventários, diagnósticos, cadastros e pesquisas realizadas pelos órgãos de preservação, em conjunto com os profissionais e a comunidade; e protegê-lo, utilizando-se de atos como o registro, o tombamento e o estabelecimento de normas adequadas de acesso, uso, guarda e preservação [...] (GUIMARÃES, 2012, p.75).

Nessa perspectiva, define-se preservação como “uma ação global que vai permear todas as outras atividades necessárias ao combate da deterioração física e química dos acervos culturais e com isto retardar e prolongar a sua vida útil” (GUIMARÃES, 2012, p.79). Destina-se, pois, a salvaguardar e proporcionar a permanência aos diferentes suportes que contêm qualquer tipo de informação. Incluem-se todas as medidas de gerenciamento administrativo-financeiro que visam ao estabelecimento de políticas e planos de preservação; à melhoria do local de guarda das coleções; e ao aprimoramento do quadro de funcionários e das técnicas para combater a deterioração dos suportes.

De acordo com Guimarães (2012), faz-se necessário, para o sucesso do programa de preservação, o estabelecimento de estratégias e práticas fundamentadas no conhecimento e na

avaliação do valor intrínseco e histórico do acervo; em diagnósticos, que informem o estado de conservação (suporte, tinta e/ou pigmentos invólucros, entre outros) e em quantitativos das coleções (número exato de documentos, fotografias, gravuras, pinturas, plantas arquitetônicas, negativos, entre outros), que devem ser realizados em formulários específicos e direcionados para ações.

No gerenciamento de coleções em bibliotecas, a preservação é um dos aspectos de sua administração. A responsabilidade do gestor da coleção é assegurar para o acervo a mais longa vida útil possível. Para isso, um programa de preservação deve fundamentar-se em uma política de acervo coerente e bem definida: a preservação preventiva, que trata da deterioração do acervo e medidas corretivas de preservação para melhorar a deterioração física ou química. E qualquer planejamento deve traduzir-se em um programa de ação que tratem essas duas vertentes (OGDEN, 2001, p.7).

O gerenciamento da preservação da coleção, então, necessita de dados confiáveis sobre as dimensões do problema de preservação, tais como:

[...] informações sobre a extensão e os tipos de deterioração presentes sobre as condições ambientais em que os materiais estão armazenados e utilizados e sobre os sistemas, detecção e supressão de incêndio e medidas de segurança que protegem as coleções contra os danos, a destruição ou a perda (OGDEN, 2001, p.8).

Além disso, instrumentos especializados são desenvolvidos para o planejamento da preservação, na perspectiva de auxiliar bibliotecários, arquivistas e curadores da coleção na avaliação das necessidades de preservação e decisão sobre as prioridades do acervo.

É importante coletar dados sobre as condições dos acervos (proporção de papel ácido, extensão de volumes com papéis quebradiços, deterioração de textos, imagens, lombadas, costuras ou capas danificadas e falta de invólucros protetores), para se verificar conformidade com os padrões nacionais e utilizá-los como material ilustrativo ao se preparar um projeto para financiamento.

Também se faz necessária a obtenção de dados sobre o ambiente em que as coleções estão armazenadas, para elaboração de um programa de monitoramento. É preciso medir e registrar tanto a temperatura como a umidade relativa do ar, a fim de se obter um perfil de suas flutuações durante o dia e ao longo do ano.

Ainda no âmbito da preservação, encontram-se três atividades importantes, que são:

[...] atividades ligadas ao tratamento dado ao ambiente da biblioteca e nas maneiras de torna-lo ideal a seus conteúdos; atividades relativas aos esforços para prolongar a vida física através dos métodos de restauração e encadernação; e atividades que envolvem a migração do conteúdo intelectual ou informativo de um formato para outro (CAMPOS, 2006, p.42 apud SANTOS; SANTOS, 2017, p.142).

Aqui encontramos aquelas ações políticas que determinarão as prioridades entre categorias de material a ser preservado; o uso de técnicas aceitáveis e o tipo dos materiais para conservação-restauração; as diretrizes sobre a exposição dos documentos; as orientações quanto ao armazenamento das coleções; a implantação de regulamentos relativos ao acesso e uso; as ações a serem implementadas em caso de sinistros (incêndio, inundações, vendavais); os planos de segurança e, finalmente, o treinamento do pessoal da biblioteca e a conscientização dos usuários no manuseio adequado dos documentos (FEATHER, 1996). Constituem-se, ainda, como medidas preventivas todas aquelas relativas ao ambiente físico da biblioteca, especialmente a ventilação e os controles de temperatura, da umidade relativa do ar e dos níveis de iluminância a que estão sujeitas as diversas coleções. A aplicação dessas ações ocorre no âmbito da conservação dos documentos, que se constitui uma atividade de rotina dentro de uma biblioteca. Sem uma conservação adequada, não há possibilidade de se dispor de uma biblioteca em caráter permanente (FEATHER, 1996 apud SANTOS; SANTOS, 2017, p.142).

Sendo assim, a conservação preventiva pode ser considerada como “uma política de manutenção que faz uso de estudos técnico-científicos, com o objetivo de prolongar a vida dos acervos culturais” (SILVA apud GUIMARÃES, 2012, p.86), consistindo em um rol de ações necessárias para tratar o acervo como um todo único:

Estes procedimentos devem ser mantidos constantemente, após a realização de diagnóstico de situação e de riscos, que vão indicar as medidas que devem ser aplicadas para a proteção física dos acervos. Estas medidas e ações devem ter como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas e não devem interferir nos materiais e nas estruturas dos bens; como também, não devem modificar a sua aparência (GUIMARÃES, 2012, p.79).

A conservação preventiva, entendida como um conjunto de ações que visa a manter a integridade física dos acervos por meio do controle de agentes de degradação ou a retardar a deterioração dos objetos (BECK, 2006), fundamenta-se, então, no cuidado preventivo das coleções, na pesquisa e no tratamento:

[...] tem como campo de ação preferencial o ambiente, os lugares ou espaços onde estão essas coleções, o comportamento das pessoas e as manipulações que podem ser efetuadas tanto nos objetos quanto no ambiente. Em termos práticos, o manejo, o armazenamento e a administração das coleções, incluindo o planejamento para emergências, constituem elementos básicos de uma estratégia dessa natureza (VAILLANT CALLOL, 2010, p.78).

A conservação preventiva engloba ações de armazenamento, acondicionamento, manuseio e transporte, controle das condições ambientais, entre outros, a partir de levantamentos e estudos de dados quantitativos e qualitativos. Assim, o programa de

preservação constituir-se-á da integração, de forma sistemática, de procedimentos de caráter preservacionista nas atividades rotineiras para proteger e prolongar a vida dos acervos, tendo como meta a racionalização dos recursos financeiros e humanos da instituição (GUIMARÃES, 2012).

De acordo com Beck, a partir da década de 1980, houve um aprofundamento de questões relacionadas à conservação de materiais e ao seu ambiente de preservação. Cientistas da área refletiam sobre a relação de custo/benefício existente entre a escolha pela restauração de itens individuais ou a preservação de acervos em seu conjunto, de forma continuada, com ações abrangentes de conservação preventiva:

A conservação preventiva é um velho conceito no mundo dos museus, mas só nos últimos 10 anos ela começou a se tornar reconhecida e organizada. Ela requer uma mudança profunda de mentalidade. Onde ontem se viam artefatos, hoje devem ser vistas coleções. Onde se viam locais de guarda devem ser vistos edifícios. Onde se pensava em dias, agora se deve pensar em anos. Onde se via uma pessoa, devem ser vistas equipes. Onde se mostram ações cotidianas, devem ser vistos programas e prioridades. A conservação preventiva significa assegurar a sobrevivência das coleções (GUICHEN, 1995, p.2 apud BECK, 2014, p. 16).

Entre 1997 e 2001, o projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA) foi desenvolvido, em cooperação com o CLIR (Conselho de Recursos em Biblioteconomia e Informação), com o objetivo de ampliar o conhecimento e a preservação dos acervos documentais, por meio de um programa de informação e intercâmbio. Idealizado em 1994 (Beck, 2001), por profissionais preocupados com a conservação de acervos documentais brasileiros, em 1997, foram publicados 53 títulos pelo CPBA, que norteiam, até hoje, práticas de conservação preventiva em Bibliotecas e Arquivos, deixando clara a necessidade de se desenvolver um amplo processo de informação e conscientização sobre a importância da conservação preventiva. Essas publicações foram distribuídas gratuitamente para instituições brasileiras e, atualmente, estão disponíveis em várias páginas virtuais de acesso universal.

Para Carvalho, a conservação preventiva é um marco ético na preservação do patrimônio cultural:

[...] porque a desaceleração da marcha da deterioração permite que os objetos sejam transmitidos com autenticidade material para o futuro. A autenticidade material é uma das questões mais importantes na transmissão do legado de épocas passadas para o futuro, porque é o que estabelece novas possibilidades de interpretação do passado gerando, com isto, o crescimento cultural, porque a autenticidade material não é um valor de referência abstrato mas o valor precioso do objeto que sobrevive no tempo (CARVALHO, 1998 apud GARCIA, 2012, p.42).

O diagnóstico é uma ferramenta essencial para elaboração de um plano de conservação preventiva. Segundo Beck (2014), o diagnóstico tem como objetivos identificar e quantificar danos; avaliar a conservação de uma coleção a partir do ambiente em que ela está inserida, físico ou institucional; analisar as condições de segurança e envolver a equipes de trabalho na orquestração das melhores soluções para os problemas encontrados.

O diagnóstico concentra informações sobre o estado de conservação do edifício, avaliação estrutural e avaliação ambiental, buscando estabelecer relações de causa e efeito entre os problemas identificados e os agentes de deterioração (COELHO, 2017, p.40). Cabe ao diagnóstico caracterizar a vulnerabilidade das coleções, os riscos ambientais do uso da coleção e do edifício que abriga o acervo, entre outras tarefas.

A partir da análise de dados levantados pelo diagnóstico realizado, espera-se conseguir a identificação dos riscos aos quais a Coleção Professor Celso Cunha está exposta. Além disso, ao final do diagnóstico, pretende-se que a análise produzida subsidie a elaboração do plano de conservação da coleção. Esse plano, contudo, não foi objetivo desta pesquisa. Aqui serão apresentadas recomendações ou diretrizes que podem vir a compor o plano de conservação.

Para a realização do diagnóstico de conservação, faz-se necessário a formação de um grupo de trabalho multidisciplinar. A esse grupo, caberá avaliar os aspectos organizacionais das atividades desenvolvidas, com o propósito de assegurar a preservação de longo prazo, além de verificar as condições de preservação relacionadas ao edifício, ao clima, ao acondicionamento e a seu mobiliário.

Para analisar a instituição que abriga as coleções, o primeiro passo é a leitura do documento que estabelece a sua missão, assim como a averiguação do compromisso da instituição com a salvaguarda das coleções, identificando-se se já existe uma política ou diretrizes de preservação de acervo (BECK, 2014). O diagnóstico do ambiente organizacional avalia se a instituição possui procedimentos escritos para orientar atividades de preservação:

[...] essas instruções, detalhadas passo a passo, servem para aferir a qualidade das condutas voltadas para a organização, o armazenamento, o gerenciamento ambiental, a segurança e a preparação para emergências. A estrutura organizacional precisa ser avaliada quanto à sua coerência em relação à missão institucional e à distribuição, à quantificação e, especialmente, à qualificação das equipes institucionais com atribuições específicas (BECK, 2014, p.26).

O diagnóstico de conservação facilita a identificação abrangente de riscos e fornece dados qualitativos e quantitativos sobre a atual vulnerabilidade do acervo aos diferentes agentes de deterioração. O diagnóstico pode estar alinhado à metodologia da análise de riscos,

relacionando a magnitude do risco e o impacto esperado em termos de perda de valor para o acervo, estimando o potencial de danos e perda de valor futuros, caso nenhuma melhoria seja realizada. Igualmente, estabelece-se uma relação entre o valor ou a significância do acervo para a definição de níveis de prioridade de preservação. Isso quer dizer que, quanto mais relevantes ou valiosos forem os bens culturais afetados, maior será o impacto ou consequência do risco para o acervo e a instituição responsável. Importa ressaltar, ainda, que a relevância é a medida da importância que as coleções têm para a biblioteca e a comunidade.

O diagnóstico verifica as áreas de risco e as prioridades em relação ao edifício e à coleção, de modo a avaliar as necessidades ambientais e estabelecer os regimes apropriados de manutenção e gestão.

Além disso, concentra-se no ambiente físico, constituído pelas efetivas condições nas quais as coleções são guardadas, expostas e utilizadas. Sendo assim, o objetivo da abordagem do diagnóstico é o desenvolvimento de soluções apropriadas e sustentáveis para os problemas criados pelo meio ambiente que afetam as coleções. Citando Froner (2008), essa análise visa a responder a três perguntas básicas: 1) a que riscos está exposta a coleção, agora e no futuro? 2) quais as condições ambientais que contribuem para a deterioração da coleção (por exemplo, a umidade ou outro fator do ambiente físico)? e 3) que fatores contribuem para essas condições ambientais (aspectos de manutenção predial, vazamentos etc) ?

Os suportes documentais são vulneráveis a diferentes fatores de riscos, pois sofrem alterações químicas e físicas, decorrentes de sua exposição a esses agentes e das condições de uso e armazenamento. Na gestão de bibliotecas, identificar a origem dos mais variados danos sofridos pela coleção é essencial para evitá-los.

No que diz respeito ao combate dos agentes de deterioração e à prevenção de danos, é importante destacar os agentes que representam um potencial risco ao acervo. Segundo o caderno técnico sobre meio ambiente do projeto de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos:

Livros, fotografias e outros artefatos de papel são muito vulneráveis a danos provenientes do ambiente em que se encontram. Calor, umidade, luz e poluentes produzem reações químicas destrutivas. O calor e a umidade favorecem processos biológicos como o mofo e infestação de insetos. (...). Embora não possamos eliminar todas as causas da deterioração que afetam nossos registros culturais sem restringir o acesso a seus acervos, podemos retardar em muito a deterioração agindo sobre o ambiente. (...). Rápidas flutuações na temperatura e na umidade relativa também aceleram a deterioração, possivelmente devido à expansão e encolhimento das fibras de papel com as mudanças do nível de umidade (BECK, 1997, p.19 apud LIMA, 2016, p.53-54).

A deterioração do acervo bibliográfico é causada por fatores internos, inerentes à constituição física dos materiais, tais como as características do papel, da tinta e da encadernação, e externos, provenientes do meio ambiente e que contribuem para degradação do papel. Os internos resultam da fabricação do papel: tipos de fibras utilizadas; processo mal realizado de cozimento das fibras; emprego excessivo de alguns produtos químicos; depósito de partículas metálicas na polpa, ocasionando a oxidação do papel; uso de tintas ácidas. Já os externos dividem-se em agentes físicos, químicos, biológicos e humanos, detalhados no quadro 2, abaixo:

QUADRO 2- CLASSIFICAÇÃO DOS AGENTES DE DETERIORAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DOS AGENTES DE DETERIORAÇÃO	
AGENTES FÍSICOS	ILUMINAÇÃO - A luz é um dos fatores mais agravantes no processo de degradação dos materiais bibliográficos. Tanto a luz natural como a luz artificial emitem raios que prejudicam livros. Isso acontece quando a luz solar ou de lâmpadas incide diretamente sobre os papéis e tintas o que pode tanto clarear, quanto escurecer. A incidência de luz provoca danos irreversíveis e acumulativos ao papel, tornando-os frágeis, quebradiços e amarelados. (SPINELLI JUNIOR, 1997, p.30)
	TEMPERATURA/UMIDADE - O calor danifica os materiais e a umidade facilita a proliferação de fungos e de insetos. Esses fatores quando não estão devidamente calibrados provocam no acervo uma dinâmica de contração e alongamento dos elementos que compõem o papel, além de favorecerem a proliferação de agentes biológicos. (LUCCAS; SERIPIERRI, 1995, p.19)
AGENTES BIOLÓGICOS	Fungos e bactérias, insetos (traças, baratas, cupins, brocas, piolhos de livros) e os roedores estão entre os principais agentes biológicos. As razões de sua presença em bibliotecas dependem do conforto ambiental promovido pela temperatura e umidade relativa elevada, pouca circulação de ar, falta de higiene, acesso a alimentos, entre outros. Além de nocivos ao acervo, muitas dessas pragas também são nocivas ao homem, contaminando o ambiente e colocando em risco sua saúde. (LUCCAS; SERIPIERRI, 1995; CASSARES, 2000)
AGENTES QUÍMICOS	A poluição atmosférica contribui consideravelmente para a deterioração dos materiais de arquivos e bibliotecas. A poeira age como abrasivo na superfície dos documentos, propiciando o desenvolvimento de colônias de fungos e bactérias. Agentes químicos podem ter origem nos próprios ambientes dos acervos, a exemplo do que ocorre com a aplicação de vernizes, madeiras, adesivos, tintas ou outros produtos que emitem gases prejudiciais à conservação dos suportes documentais. O controle da qualidade do ar é essencial num programa de conservação de acervos. (SERIPIERRI et al, 2005, p.24-25)

AGENTES HUMANOS	O manuseio incorreto e as condições inadequadas de acondicionamento e armazenamento dos documentos são efeitos dos agentes humanos. Tocar nos documentos com as mãos sujas é prejudicial, uma vez que a gordura e a sujeira passam para o papel, provocando manchas e alterando seu pH. Também são nocivos outros desleixos decorrentes de manuseio incorreto como rabiscar, rasgar, dobrar, colocar cliques e grampos metálicos, remendar com fita adesiva etc. Grande parte dos problemas de acondicionamento e armazenamento dos documentos decorre de más condições construtivas, que não levam em conta as necessidades específicas dos acervos. (SERIPIERRI et al, 2005, p.29-30)
----------------------------	---

Fonte: Compilação da autora

Dos agentes apresentados no quadro acima, são apontados como fatores de riscos prioritários para danos nas coleções em climas quentes e úmidos: os danos biológicos da proliferação de micro-organismos; os danos mecânicos devidos às variações de umidade e também de temperatura e os danos químicos, esses de menor risco (MAEKAWA *et al* 2015 *apud* FLAESCHEN, 2017, p.42). As coleções que estão em locais de clima quente e úmido estão sujeitas a um risco maior em virtude de altas temperaturas e umidade ambiente, além de suas flutuações ocasionais, infestação por insetos e ataques microbiológicos (FRONER, 2008).

A temperatura é um fator de grande importância nos processos de biodeterioração dos acervos, assim como a umidade relativa do ar. Esses dois fatores, combinados e em desequilíbrio, geram um contexto favorável à proliferação de agentes biológicos no ambiente de guarda das coleções.

A Umidade Relativa (UR) é a relação percentual entre a quantidade de vapor de água presente no ar de um ambiente, a uma determinada temperatura, e a quantidade máxima de vapor de água que o ar desse ambiente pode conter, na mesma temperatura. O controle da temperatura e da UR do ar é fundamental para a preservação dos acervos de arquivos e bibliotecas. Flutuações provocam aceleração na deterioração dos documentos, proliferação de fungos e bactérias, além de ataque de insetos (SERIPIERRI *et al*, 2005, p.24).

Segundo Callol (2013 *apud* FLAESCHEN, 2017, p.29), a umidade acima de 65% é responsável pela degradação química e pelo desenvolvimento de micro-organismos. Já a umidade inferior a 30%, considerada baixa, resseca os suportes e os torna quebradiços. Sendo assim, as flutuações relacionadas à umidade e temperatura provocam a ruptura das estruturas da celulose ocasionadas pelo esforço físico da contração e dilatação constantes. De acordo com Maekawa *et al* (2015 *apud* FLAESCHEN, 2017, p.29-30), a faixa de temperatura

indicada pelos padrões norte-americanos e europeus é entre 20° C e 25° C e 50% para umidade relativa. Porém, Flaeschen (2017) observa que essas condições ambientais, em um clima tropical quente e úmido como o da cidade do Rio de Janeiro, são difíceis de serem mantidas. Como relatado em Costa *et al* (2012, apud FLAESCHEN, 2017, p.30), as faixas recomendadas seriam de 25° C a 30° C para temperatura e 60% a 65% de umidade relativa.

Segundo Beck (1985 apud STOCKER, 2008, p.55), as condições adequadas de temperatura e umidade relativa do ar são elementos vitais para prolongar a sobrevivência do material bibliográfico. Se os níveis de umidade relativa (UR) são muito baixos, aumenta-se o risco de quebra das fibras e esfarelamento dos materiais orgânicos fibrosos. Para pergaminhos e encadernações em couro, a UR abaixo de 40% é perigosa, e o papel também sofre abaixo desses níveis. Já nas faixas de UR acima de 65%, crescem micro-organismos e ocorrem reações químicas danosas. A faixa segura de UR é, portanto, entre 45% e 55%, com variação diária de +/- 5%; a temperatura ideal para documentos é de 20°C, com variação diária de +/- 1°C. A estabilidade da temperatura e da UR é especialmente importante, e as mudanças bruscas ou constantes são muito danosas.

As condições geralmente aceitas de exposição e armazenagem de acervos mistos de objetos estáveis são de 50% de umidade relativa (UR) e temperatura de 20°C (CASSAR, 2001, p.305).

Para Craddock (2001), as mudanças repentinas de temperatura e umidade devem ser evitadas. A umidade deve modificar-se com variações de 2% ao mês, ao descer ou subir. No cotidiano, é fácil controlar a temperatura em uma faixa de variação de um ou dois graus, enquanto as oscilações de umidade devem ser controladas em variações de +-5%. (CRADDOCK, 2001, p.69-70). As faixas de temperatura 19° a 22° C e de umidade relativa de 45% a 65% não são apropriadas para todos os materiais.

Segundo Garcia, existe uma variação aceitável para a temperatura e a umidade relativa:

[...] a temperatura não deve variar mais do que 2°C, e que a umidade relativa não deva variar mais do que 3% (2% seria preferível) em qualquer período de 24 horas a temperatura e a umidade devem ser moderadas. Temperaturas acima de 21°C e umidade relativa acima de 55-60% favorecem o desenvolvimento de fungos e insetos. Danos adicionais ocorrem em extremos climáticos: alta umidade relativa aumenta a formação de ácidos; umidade relativa muito baixa torna quebradiços os papéis, pergaminhos, adesivos, emulsões fotográficas e outros materiais (GARCIA, 2012, p.24)

Os registros do ambiente interno e externo ao longo do ano indicam as faixas diárias e sazonais dos níveis de temperatura e umidade e mostram a rapidez com que o interior dos prédios reage às mudanças do tempo. É preciso determinar as variações de temperatura e

umidade relativa e circulação do ar nos diferentes níveis do prédio e em diferentes salas (CRADDOCK, 2001, p.75): Corroborando com a ideia de Craddock, Flaeschen complementa:

as taxas médias locais devem ser comparadas com as taxas médias de umidade do ambiente gerenciado; os fatores ambientais locais e os internos devem ser analisados como fatores que podem apresentar riscos para as coleções; identificar as vulnerabilidades das coleções e como os fatores climáticos podem resultar em riscos; reconhecer a performance térmica e de umidade do edifício, para estabelecer que condições devem ser mantidas e o reconhecimento de que o edifício pode ter seu próprio conjunto de vulnerabilidades e riscos climáticos, especialmente se as condições interiores podem ser afetadas pelas condições externas; estabelecer estratégias para mitigação dos riscos presentes no clima exterior, levando em consideração as vulnerabilidades específicas das coleções e a capacidade do prédio funcionar como uma barreira de proteção ao ambiente exterior (FLAESCHEN, 2017, p.42).

Percebe-se que as flutuações de temperatura e de umidade relativa do ar são danosas. Os materiais de bibliotecas e arquivos são higroscópicos, absorvendo e liberando facilmente a umidade. Esses reagem às mudanças sazonais de temperatura e umidade relativa do ar expandindo-se e contraindo-se. Tais mudanças dimensionais aceleram a deterioração e acarretam danos visíveis, tais como ondulações e franzimento do papel, descamação de tintas, empenamento de capas de livros e rompimento de emulsões fotográficas (OGDEN, 2001, p.7)

Sendo assim, o melhor ambiente para os acervos é o estável. Isso significa um ambiente em que haja apenas alterações moderadas da temperatura e da umidade relativa do ar (UR). As oscilações extremas de qualquer uma delas podem exercer sobre os objetos uma pressão significativa, cujos resultados podem ser destrutivos (PEARSON, 2001, p.35).

Enfim, a velocidade dos danos é determinada pela temperatura e pela umidade relativa, por isso deve-se estar atento à avaliação desses fatores no ambiente em que se localizam as coleções.

Percebe-se que não há um consenso quanto às temperaturas e à umidade relativa ideal para a preservação de diferentes tipos de materiais; somente em relação à estabilidade dessas variáveis há uma concordância. De acordo com o manual do projeto de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), para um bom controle climático são sugeridos, para temperatura, manter até 21°C e, para umidade relativa, até 50%. Esse padrão foi o utilizado para as análises realizadas neste trabalho.

4.1 Metodologia do diagnóstico de conservação da Coleção Professor Celso Cunha

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois discorre sobre o estado de conservação e os principais danos causados à Coleção, universo da problemática aqui apresentada. Ademais,

pode ser considerado um estudo aplicado, pois pretende gerar conhecimentos para subsidiar a implantação futura de estratégias de preservação e conservação preventiva desse patrimônio cultural. Quanto à abordagem, é qualitativa, visando à elaboração de conhecimentos que possibilitem a compreensão e transformação da realidade do acervo em relação ao tema apresentado.

No âmbito da preservação, não existe uma metodologia padrão para diagnósticos. Cada instituição escolhe uma metodologia de trabalho. Sendo assim, como possibilidade metodológica, apresenta-se a conservação preventiva de acervos – escolhida como metodologia da pesquisa, pelos materiais produzidos especificamente para a Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, o CPBA, organizado por Ingrid Beck.

Para a identificação dos riscos relacionados ao espaço de guarda da coleção e dos agentes de deterioração do acervo, foi utilizada a metodologia estabelecida pelo ICCROM e o *Canadian Conservation Institute*. Essa metodologia foi utilizada parcialmente e apenas para a identificação dos riscos relacionados ao espaço de guarda.

Um levantamento bibliográfico na literatura especializada sobre o tema em questão foi também realizado, para a identificação de exemplos de diagnósticos elaborados por instituições públicas e privadas, brasileiras e estrangeiras, que contemplem o tipo de acervo objeto deste estudo.

Enquanto procedimento metodológico, esta pesquisa foi realizada com a técnica de coleta de dados, por meio de observação sistemática não participante da Coleção Professor Celso Cunha²³, pelo período de um ano. Como instrumento para o levantamento das informações sobre as obras integrantes do acervo, foi utilizado um formulário estruturado (ver Anexo 1), elaborado a partir da ficha de diagnóstico de conservação da Biblioteca Nacional, da ficha de diagnóstico da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz e da ficha de diagnóstico elaborada na dissertação de Mestrado de Jandira Helena Fernandes Flaeschen, *Qualidade do ar e microclima*. Esse instrumento subsidiou a análise das ações a serem adotadas. Por fim, a análise material das publicações foi realizada no período de março a julho de 2018.

As publicações foram analisadas por amostragem, de acordo com os seguintes critérios: i) as publicações que foram destacadas na descrição da biblioteca do Professor Celso Cunha, arrolada no processo de compra da coleção; e ii) as 20 obras que estiveram na

²³Essa técnica consiste em uma observação passiva da coleção, sem interferência na coleta de dados. Eles são coletados em um formulário (Ver Anexo 1) de segunda a sexta nos horários fixos das 10h e das 15h e, depois, inseridos em uma planilha de Excel.

exposição “Celso Cunha: dez anos de saudade”, em 1999, na Biblioteca Nacional. Essas publicações foram escolhidas como amostra devido à avaliação prévia realizada por dois professores especialistas na área, que prepararam a descrição bibliográfica da coleção pela ocasião da compra do acervo: Paulo Pereira, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e Cilene da Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A amostra foi composta por 413 obras. O desenvolvimento da pesquisa foi realizado de acordo com as etapas detalhadas a seguir.

O diagnóstico foi a primeira etapa do processo de planejamento das ações de intervenção da coleção, visando a salvaguardar esse patrimônio. Concentrou-se em examinar o macroambiente da Biblioteca (entorno) e as salas que abrigam o acervo (meio ambiente); responder a que tipo de risco o acervo está exposto, que condições e fatores ambientais contribuem para sua deterioração e o que causa essas condições; e propor recomendações relativas às coleções e ao ambiente.

Foi realizado um detalhamento do estado geral da amostra do acervo bibliográfico e do seu local de armazenamento, além de um exame analítico e completo de identificação dos principais danos aos livros para a avaliação do estado de conservação. Os resultados desse levantamento servirão para auxiliar na definição das ações de preservação e conservação de salvaguarda do acervo. O roteiro de execução do diagnóstico para as obras bibliográficas seguiu o formulário estruturado (ver Anexo 1).

Na segunda etapa, que se deu concomitante à primeira, foram instalados aparelhos de medição de temperatura e umidade (termo-higrômetros) nas duas salas de armazenamento do acervo – identificadas nesta pesquisa, para fim de análise, como salas A e B –, visando a propiciar uma análise tanto das oscilações dessas variáveis, como das ações necessárias à preservação do patrimônio bibliográfico que compõe a coleção. Os resultados obtidos no transcorrer desta pesquisa, decorrentes de medições, foram compilados por meio de planilhas no Excel. O monitoramento foi feito manualmente, desde abril de 2017 até março de 2018, sempre nos mesmos horários: às 10h e às 15h, de segunda à sexta, conforme planilha em anexo (ver Anexo 2). Para que seja monitorada a temperatura e a umidade em todas as estações do ano, a coleta foi feita por 12 (doze) meses.

Na terceira e última etapa do diagnóstico, foi feita uma análise criteriosa dos dados coletados nas etapas anteriores, para definição das ações de preservação e conservação que serão sugeridas para implementação no ambiente de armazenamento da coleção e na utilização e salvaguarda do acervo em um momento posterior à pesquisa.

Foi realizado um levantamento documental nos arquivos institucionais da UFRJ, para traçar a trajetória de formação, aquisição e instalação da Biblioteca Pessoal do Professor Celso Cunha na Faculdade de Letras. Além disso, foram realizadas entrevistas com alguns servidores, que participaram do processo de compra e instalação da coleção.

Para a discussão das implicações no gerenciamento da coleção decorrente da representação da memória pessoal do Professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ, foram consultadas na literatura especializada obras de teóricos que desenvolvam esse debate, para a construção de uma reflexão sobre as dificuldades advindas da imortalização de uma memória pessoal no contexto institucional da biblioteca, para a gestão e conservação dos acervos especiais.

O diagnóstico possibilitou identificar o estado de conservação do acervo bibliográfico e constituiu-se como uma ferramenta de gestão importante para auxiliar nas decisões de preservação da coleção.

4.2. Análise dos resultados

Ao pensar a conservação da Coleção Professor Celso Cunha, encontram-se dificuldades advindas de sua diversidade de suportes, que exige condições diferenciadas para sua preservação. Na área de guarda do acervo, estão reunidos objetos museológicos, arquivísticos e bibliográficos, que precisam ser analisados por um grupo multidisciplinar, que identifique, por um lado, objetos de maior relevância e vulnerabilidade e, por outro, as condições físicas e administrativas que direta ou indiretamente interferem em sua preservação. Neste trabalho, integram a amostra somente as publicações bibliográficas.

Ademais, apresentam-se os resultados obtidos e sua discussão, a partir do recorte conceitual adotado e da metodologia descrita no item anterior. São demonstrados os resultados do monitoramento ambiental, abrangendo dados externos coletados das estações meteorológicas da Ilha do Fundão e do Galeão e os dados coletados no interior das salas da Coleção. Com base nesses dados, determinam-se ações de conservação preventiva para salvaguarda do acervo.

No monitoramento ambiental das salas de guarda, extraíram-se os dados de temperatura e umidade relativa mínimas, médias e máximas. Com essas informações, calculou-se a amplitude térmica, por meio da fórmula “a máxima menos a mínima”. Optou-se por fazer um estudo por período de um ano, para que pudesse ser observado o comportamento das condições ambientais de temperatura e umidade relativa da sala.

Em termos de danos físico-mecânicos, a análise integrada dos ciclos de flutuação de temperatura e umidade relativa indica que as publicações sofrem com as oscilações no espaço da coleção nas quais estão abrigadas. Para avaliar os riscos de deterioração química, não foram realizados exames laboratoriais, mas somente considerou-se pesquisa bibliográfica na área de papel, que apresenta situações semelhantes à da coleção, o que ajudou na identificação visual dos danos. Quanto aos riscos de deterioração biológica, os resultados obtidos indicaram que há condições para o crescimento de mofo na maior parte do ano, devido aos altos níveis de umidade relativa. Essa evidência foi confirmada pelos resultados do monitoramento.

4.2.1 Análise do monitoramento ambiental

O ambiente físico compreende as condições para o armazenamento e a segurança das coleções bibliográficas. Faz-se necessário avaliar o edifício e o seu entorno, além dos locais de guarda das coleções.

O edifício é considerado o primeiro invólucro de proteção física dos acervos e, por isso, o diagnóstico deve ser iniciado pela descrição de suas características e de seu entorno incluindo aspectos como a localização do sol, a predisposição climática e a proximidade com fatores de riscos para a edificação e para o acervo (IBRAM, 2014. p.29-30)

Uma questão ainda em discussão no campo da conservação preventiva é a dos padrões ambientais a serem adotados para a conservação das coleções. Nesse sentido, verifica-se que não existe consenso em relação ao ideal para a preservação de acervos em papel em relação às variáveis de temperatura e umidade relativa do ar para as áreas de guarda dos acervos.

Desde o início do monitoramento ambiental do acervo, a preocupação foi a identificação das condições nas quais a coleção estava armazenada e como isso refletia na materialidade das publicações. Esperava-se, com esse estudo, chegar a uma solução sustentável para os problemas do espaço de guarda que afetam a coleção bem como conhecer melhor os aspectos de conservação das obras, para definir ações e prioridades de conservação.

O acervo da coleção Celso Cunha necessitava de um mapeamento das condições ambientais: a identificação do comportamento da umidade relativa do ar e da temperatura no espaço de guarda. A partir do monitoramento ambiental desta pesquisa, foi possível um estudo de adequação ambiental da área, que culminou com a solicitação de um projeto de monitoramento climático para o espaço. No momento, aguardam-se a instalação de ar condicionado e a compra do material necessário para o início deste projeto, que foi elaborado pelo sistema Controle Climático de Ambientes (CONCLIMA) – que dispõe de ferramentas

computacionais para cálculo de Índice de Permanência-IP, análise de transporte, análise de fungo, análise craquelê, análise de desumidificação e análise de iluminação –, além de boletins meteorológicos e mapa das estações para melhor controle ambiental da sala de guarda da coleção.

Os dados do monitoramento ambiental foram analisados de acordo com os parâmetros de gestão ambiental para coleções em climas quentes e úmidos, desenvolvidos por especialistas do Getty Conservation Institute e de acordo com os valores de referência para temperatura e umidade do caderno técnico nº 19²⁴, do projeto CPBA. A análise do diagnóstico de conservação caracterizou os itens da coleção e proporcionou a indicação de prioridades e estratégias de conservação preventiva. Os fatores estudados permitiram a elaboração de uma proposta de estudo para o gerenciamento ambiental e da ficha diagnóstico para verificação dos danos ao suporte e à encadernação.

Para Santiago (1994 apud GARCIA, 2012, p.5), o diagnóstico de uma coleção “não se faz apenas pelas características principais dos danos, mas também pelo estudo das condições ambientais e de guarda”. A avaliação de um acervo inclui, “além de um estudo do seu grau de estabilidade ao nível de deterioração, a análise do meio ambiente em que ele se encontra e de suas condições de acondicionamento e manuseio”. O diagnóstico, então, concentra-se no macroambiente, características ambientais da Cidade Universitária da Ilha do Fundão: temperatura, umidade, ventos, iluminação solar; no microambiente da sala Professor Celso Cunha: edifício, sala de guarda, estantes; e no entorno da Faculdade de Letras da UFRJ: presença de elementos que constituem riscos para o acervo:

Os acervos são afetados pelas condições de guarda, uso e exposição. A análise do ambiente interno e do entorno do edifício da biblioteca contribui para a identificação de riscos e para o estabelecimento da manutenção adequada das áreas de guarda e, conseqüentemente, do acervo (GARCIA, 2012, p.5).

É fundamental o conhecimento dos fatores que tornam os acervos vulneráveis. Para isso, precisa-se conhecer o comportamento do edifício, como ele reage aos fatores ambientais que o circundam, para que, desse modo, possam-se selecionar medidas operacionais que visem à melhoria das condições de guarda do acervo e para que se estabeleça, de fato, uma barreira entre o ambiente interno monitorado e o externo oscilante.

Para Pedersoli (2010, p.10), o espaço de guarda do acervo deve ser analisado sob a influência dos dez agentes de deterioração que têm reflexo sobre o objeto, o que ele chama de

²⁴ REILLY, James M. Novas ferramentas para preservação: avaliando os efeitos ambientais a longo prazo sobre coleções de bibliotecas e arquivos. Rio de Janeiro: CPBA, 2001. Disponível em: <http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/08/19.pdf>. Acesso em: 13 de out. 2018.

“camadas de invólucro”, isto é, região, entorno, biblioteca, sala, mobiliário, estante, prateleira e livro: A análise do entorno é importante para compreender como esse estudo contribui para a preservação do acervo. Na figura 15, esses diversos níveis de proteção aos acervos são demonstrados. A análise da região, do entorno, do prédio da Faculdade de Letras e da biblioteca serão apresentados no item 4.2.1.1. Enquanto o ambiente interno da Sala Professor Celso Cunha, mobiliário, será analisados no item 4.2.1.2 Já o livro, último item na escala das camadas envoltórias, será analisado o acervo bibliográfico no item 4.2.1.4, enquanto que no item 4.2.1.3 se apresentará o resultado do monitoramento ambiental do espaço de guarda da coleção.

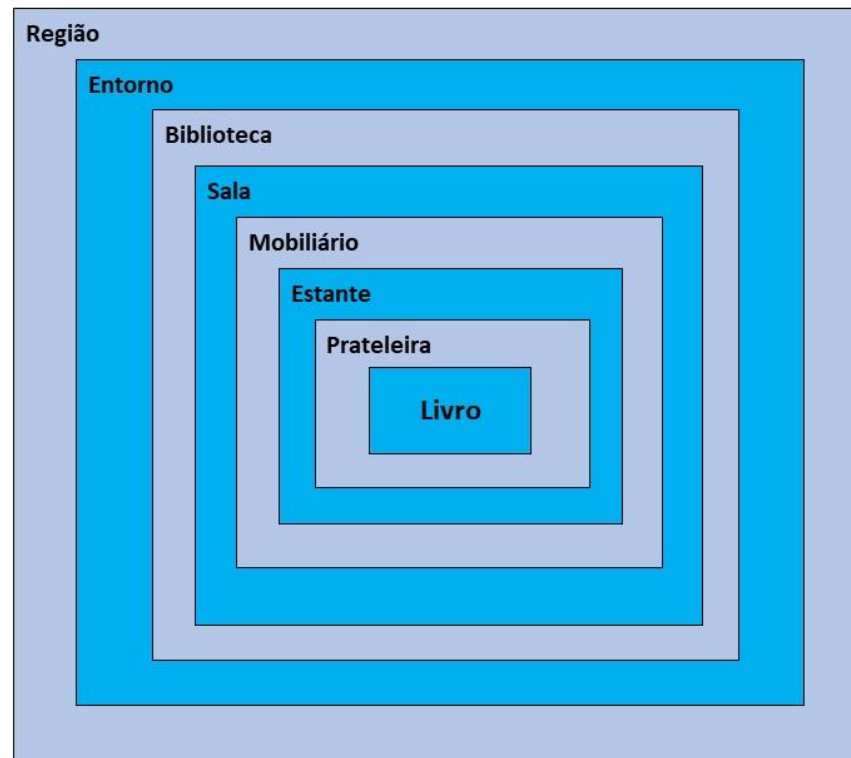
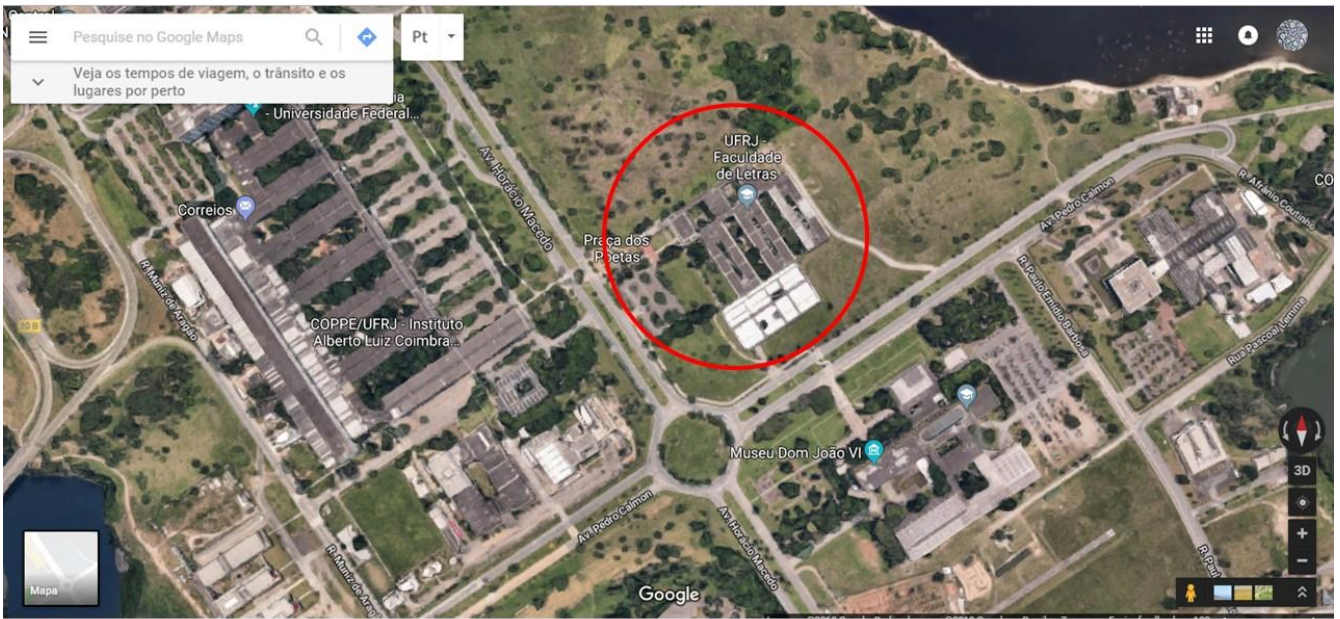


Fig. 15 - Níveis de proteção que envolvem o acervo

Fonte: Adaptado pela autora, 2018



Região



Entorno



Biblioteca



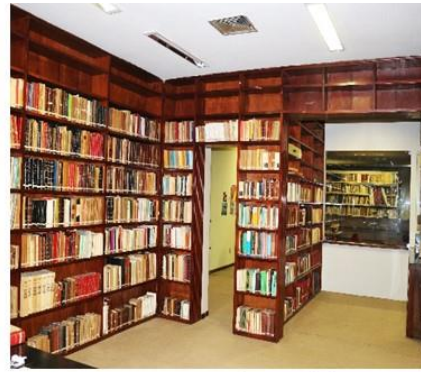
Sala



Mobiliário-acervo (reprodução do escritório)



Mobiliário-acervo da coleção



Estantes de madeira



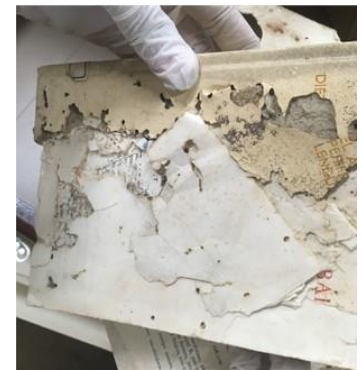
Estantes de metal



Prateleira de metal



Prateleira de madeira



Livro

O controle ambiental possibilita estratégias de conservação preventiva para a coleção, que excluem as condições favoráveis à biodeterioração. Os ambientes desfavoráveis podem abrigar vários ciclos de vida dos microorganismos e insetos que se instalam dentro dos objetos do acervo. Devido à fragilidade do material de que é composto o acervo, sua deterioração por esses organismos é muito rápida e, caso o espaço já tenha sofrido uma infestação, aconselha-se um mapeamento físico das coleções e desse espaço. Os agentes biológicos, geralmente, são introduzidos em coleções, arquivos e museus pelo ambiente externo ou a partir do contato com outros materiais infestados trazidos de outros edifícios (FRONER; SOUZA, 2008, p. 3). Essa investigação por meio do mapeamento facilitará o reconhecimento da área onde houve a infestação, facilitando o saneamento e possibilitando deixar o espaço em alerta.

4.2.1.1 Análise do entorno: Ilha do Fundão e prédio da Faculdade de Letras

O clima tropical é predominante em todo o estado do Rio de Janeiro. De acordo com Guerra (1965, p.540), “o verão é úmido e chuvoso, enquanto o inverno é seco. São microclimas devidos à influência do relevo, modificando as temperaturas e a distribuição das chuvas”. Para o estudo do clima da Ilha do Fundão, estabelecer-se-ão como parâmetro de

análise as condições climáticas da Ilha do Governador, dadas a sua proximidade e a ausência de medições em carácter climatológico que tratem exclusivamente da Ilha do Fundão.

A Ilha do Fundão está situada ao sul da Ilha do Governador, sendo um bairro localizado neste distrito, na Zona Norte do município do Rio de Janeiro (RJ). Trata-se de uma ilha estabelecida na margem oeste da Baía de Guanabara, criada a partir do aterro de um pequeno arquipélago de ilhas: Baiacu, Bom Jesus, Cabras, Catalão, Fundão, Pindaí do Ferreira, Pindaí do França e Sapucaia, para construção da Cidade Universitária, entre 1949 e 1952, sede da UFRJ. Feito o aterro, a Ilha Universitária do Fundão deveria ficar com uma área de 5.596.000 m², mas, de acordo com dados atuais, ela tem aproximadamente 4.500.000 m² de área útil. Localizada entre a enseada de Manguinhos e a Ilha do Governador, foi realizado um enorme trabalho de desmonte e terraplanagem das ilhas existentes e a retirada de quase toda a vegetação nativa:

Os aterros necessários foram obtidos pela dragagem e recalque de areias de bancos contíguos, além do desmonte de colinas presentes nas ilhas do conjunto, fornecendo material de aterro. [...] Foram desmontadas 12 colinas presentes nas ilhas, restando apenas seis das 18 existentes, com altura média de 35 metros de altura. As demais cotas da ilha após os aterros e desmontagem flutuam em relação à maré média, entre 7, 8 e apenas 2,0 metros de altura. Os trechos resultantes do desmonte das colinas são bem compactos classificados como “modelos duros” no trecho entre as Ilhas Fundão e Sapucaia, o subsolo apresenta-se essencialmente arenoso- argiloso (UNIVERSIDADE...,1952, p.65-66).

Ao redor do campus do Fundão, há vias expressas importantes da cidade: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela, com fluxo intenso de veículos, que trazem poluição à ilha, provocada pela queima de combustíveis.

Além disso, há centros de pesquisa: Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), do Ministério da Ciência e Tecnologia; Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (CENPES) da Petrobras; Centro de Pesquisas em Energia Elétrica (CEPEL) da Eletrobras. Somado a isso, funcionam as seguintes unidades acadêmicas: Reitoria, Faculdade de Letras, Centro de Tecnologia, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, o Centro de Ciências da Saúde, a Escola de Educação Física e Desportos, o Alojamento da Universidade, o Parque Tecnológico, e o Hospital Universitário. Há também a Vila Residencial, uma base do Exército Brasileiro e algumas instituições que fizeram parcerias com a Universidade, para construir centros de pesquisa e laboratórios.

A Faculdade de Letras foi construída na década de 1980, quando houve uma segunda expansão, com a construção de outros edifícios na cidade universitária. Foi nessa etapa que foi construído o prédio da faculdade, em 1985, em frente ao Centro de Tecnologia.

A proximidade com a Baía de Guanabara faz com que o prédio da Faculdade de Letras sofra com a ação dos ventos que sopram, trazendo salinidade do litoral. A vegetação arbórea de pequeno e grande porte, em torno do edifício, funciona como um anteparo para a ação dos ventos, que podem causar oxidação em materiais de suporte papel ao transportarem poeira e gases de todos os tipos.

O edifício que abriga os acervos da Biblioteca da Faculdade de Letras mede aproximadamente 5.000 m², mas hoje, devido à redistribuição dos espaços internos na Faculdade de Letras, a área não representa mais essa metragem. Inaugurado em 6 de março de 1985, ele foi construído com a finalidade específica de ser a Biblioteca Central do Centro de Letras e Artes (CLA), mas, na prática, o espaço reservado à biblioteca terminou por reunir somente o acervo bibliográfico de Letras.

As áreas onde estão localizados os acervos não estão isoladas de outras partes do prédio. Existem danos em partes da construção: teto, parede, piso, telhado. O edifício não é submetido à manutenção técnica periódica, assim como também não é executada dedetização periódica. A iluminação adotada é artificial/fluorescente e há vários pontos de vazamentos hidráulicos e infiltrações.

O prédio apresenta rachaduras nas paredes que, além de apresentarem um risco estrutural, constituem ameaças ao servirem de entrada para insetos e pequenos roedores, infiltração de ar e água. Da mesma forma, são vistas marcas de umidade nas paredes vindas do subsolo da biblioteca (ver Figura 16):

A umidade em paredes constitui uma das ações mais gravosas e simultaneamente mais correntes que afetam os edifícios, provocando um grande desconforto nos seus ocupantes e contribuindo para uma acelerada deterioração dos materiais (HENRIQUES, 2001, p.3).

O terreno onde foi construída a biblioteca contém umidade proveniente do solo. A umidade do terreno é abundante, pois a universidade foi construída em terreno pantanoso, e a umidade relativa do ar na cidade é alta, cerca de 70% em média, geralmente no inverno e na primavera. Portanto, conhecer as condições do terreno quanto à umidade será o diferencial na escolha do tratamento adequado a ele e aos materiais construtivos. Tais medidas evitarão, futuramente, manifestações patológicas na edificação, que poderão interferir na preservação dos acervos.

Subsolo – marcas de umidade**Subsolo – marcas de umidade****Subsolo – marcas de umidade****Subsolo – marcas de umidade****Parede face externa - marcas de umidade ocasionadas pelo acúmulo de água****Parede face interna - acúmulo de água permanente****Fig. 16 – Marcas de umidade na parede do subsolo da biblioteca**

Fonte: fotos da autora

Segundo Thinkley (2001 apud GARCIA, 2012, p.35), a estrutura de um edifício, composta pela fundação, pisos, paredes, portas, janelas e telhado, é semelhante a um “envelope”, atuando como uma barreira entre o ambiente interno controlado e o externo,

considerado severo e instável. É como um filtro que controla a entrada de luz, calor e outros elementos que possam penetrar no seu interior.

Em relação ao risco de incêndios, não existe no prédio um sistema detector de fumaça nem alarme contra incêndio, assim como não existem saídas de emergências, rotas de fuga ou programa de treinamento para funcionários em caso de sinistro, apesar de já ter ocorrido um incêndio no almoxarifado da Faculdade de Letras, em setembro de 2012.

Na Biblioteca José de Alencar, a maioria das áreas de guarda dos acervos está sem climatização; hoje, somente o Museu de Língua e Literatura está climatizado. Não se dispõe de sistema de detecção e nem de combate a incêndios. O número de extintores não é suficiente e não existe rota de fuga no local. A proximidade de estanteria de livros, em relação à iluminação do teto adotada para a biblioteca, é de mais de 50 centímetros. Apesar dessa distância, o risco de incêndio, ocasionado por um curto circuito na fiação elétrica exposta é muito grande, o que pode levar a perda de toda coleção.

Quanto ao subsolo do prédio, a biblioteca fica localizada acima desse local, sendo possível localizar fios elétricos desencapados e expostos, condensadoras dos aparelhos de ar condicionados instalados, que despejam água diretamente nos dois jardins internos da biblioteca e na garagem. Percebem-se, além disso, marcas de umidade nas paredes, pisos e rampas, entulhos, quadros elétricos sem tampa e com emaranhados de fios soltos, também presentes em pontos da garagem, extintores de incêndios em locais inadequados, sem sinalização de indicação onde estão localizados e marcas de infiltração em vários pontos do subsolo (ver Figura 17).

Subsolo – quadro elétrico, fiação exposta



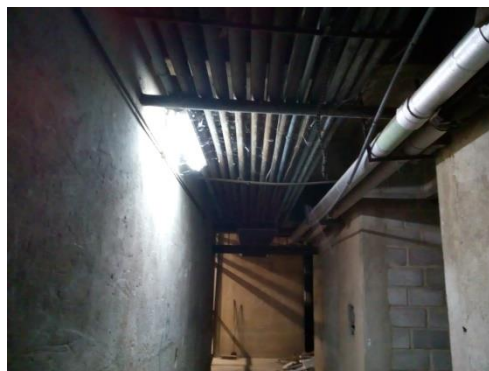
Subsolo – acúmulo de lixo



Subsolo – tubulação enferrujada



Subsolo – tubulação enferrujada

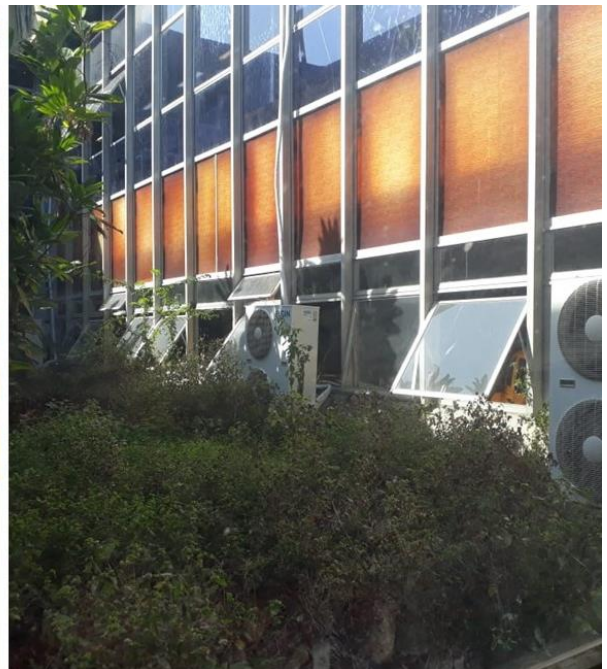


Subsolo – condensadora



Subsolo – condensadora



Subsolo – ausência de hidrante**Subsolo – extintor sem sinalização****Jardim interno do prédio – vista interna****Jardim interno do prédio – vista externa****Fig. 17 – Imagens do subsolo da Biblioteca da Faculdade de Letras**

Fonte: fotos da autora

Portanto, a formação do terreno por aterramento de área pantanosa, com muita umidade proveniente do solo para as construções; a proximidade da edificação da Baía de Guanabara, de onde sopram ventos trazendo salinidade do litoral; a poluição na ilha, provocada pela queima de combustíveis; a falta de manutenção e dedetização técnica periódica; vazamentos hidráulicos; infiltrações muito próximas da rede elétrica; rachaduras no prédio; falta de sistemas detectores de fumaça e alarme contra incêndio; ausência de rota de fuga, saídas de emergência e uma brigada de incêndio; número de extintores insuficientes; presença de insetos e pequenos roedores; fiação elétrica exposta e quadro de luz aberto com

fiOS soltos; tudo isso são riscos do entorno aos quais a Coleção Professor Celso Cunha assim como a Biblioteca José de Alencar estão expostas e que ameaçam seriamente a conservação e preservação de seus acervos nesses espaços. Faz-se, então, urgente a elaboração de um plano de gestão de riscos, a fim de evitar a perda das coleções ali reunidas.

4.2.1.2 Análise do ambiente interno: Sala Professor Celso Cunha

Em 2014, o SiBI elaborou uma instrução com diretrizes gerais para as bibliotecas criarem suas próprias políticas de formação e desenvolvimento de coleções junto às unidades administrativas onde estão vinculadas. Entretanto, ainda não foi elaborada a da Biblioteca de Letras, apesar de já ter havido uma discussão interna inicial no sentido de definir essa política. O ideal seria que esse documento tivesse sido constituído e que as diretrizes de conservação e preservação de seus acervos estivessem contempladas nesse documento.

Discute-se, atualmente, no sistema, a atualização do manual de conservação de acervos bibliográficos da UFRJ, elaborado em 2004, com o objetivo de orientar os profissionais das unidades de informação do SiBI/UFRJ em relação à conservação, à preservação, ao uso e à segurança de acervos bibliográficos da universidade.

No regulamento que estabelece as condições de consulta da Coleção Professor Celso Cunha, não existem orientações relacionadas à maneira adequada de uso e manuseio das publicações para melhor preservá-las. Por isso, faz-se necessário uma equipe multidisciplinar constituída por museólogo, arquivista, bibliotecário e conservador de papel, tecido e metais, dada a diversidade de materiais que integram esta coleção, para se elaborar uma política de preservação do acervo.

Nesta pesquisa, partiu-se do pressuposto de que as condições atuais do espaço de guarda do acervo contribuem para a deterioração da coleção. Isso é o que se tentará demonstrar abaixo.

Conforme já mencionado no capítulo 2, foram realizadas três licitações para dar continuidade às obras da sala Professor Celso Cunha. Segundo consta em ata de reunião da comissão da biblioteca do dia 2 de julho de 1993, as obras ficaram paralisadas por muito tempo. O projeto teve que ser desmembrado em três módulos: obras, material permanente e teto, dados os problemas ocorridos para a conclusão da obra e instalação da coleção. Em agosto do mesmo ano, os reparos finais da sala ainda não haviam terminado. A empresa responsável pela obra desapareceu, e a UFRJ recorreu à justiça para resolver o problema, de modo que o espaço físico novamente ficou interditado. A sala que abriga a Coleção Professor

Celso Cunha só foi inaugurada em 22 de novembro de 1994 e a coleção, possuindo uma área de guarda de 250 m², foi disponibilizada para consulta, um ano depois.

As condições de infraestrutura do ambiente do acervo são inapropriadas, sobretudo em virtude da falta de manutenção do espaço (ver Figura 18) que, no início da pesquisa, funcionava como um depósito de equipamentos e objetos sem uso na biblioteca (ver Figura 19). Além disso, havia pouca iluminação do espaço; a maioria das lâmpadas não acendia corretamente e algumas sequer funcionavam. Ao se entrar no recinto das salas de guarda do acervo, percebe-se um forte odor desagradável, visto que não há ventilação nas salas.

Forro avariado - tubulação hidráulica exposta



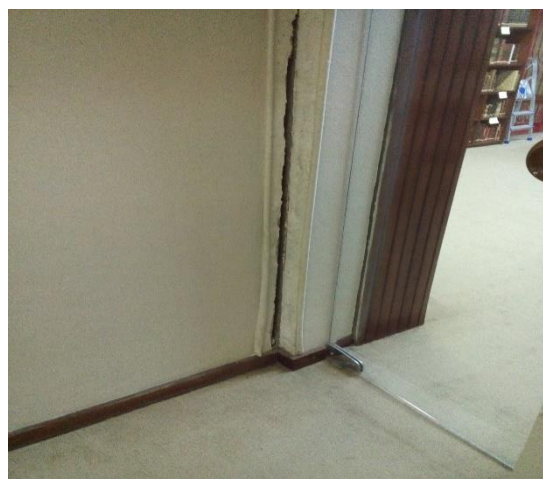
Rachadura no ambiente do acervo



Forro avariado - fiação exposta



Rachadura no ambiente do acervo



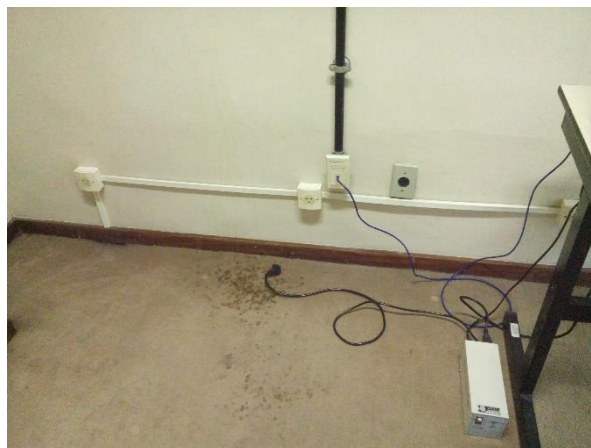
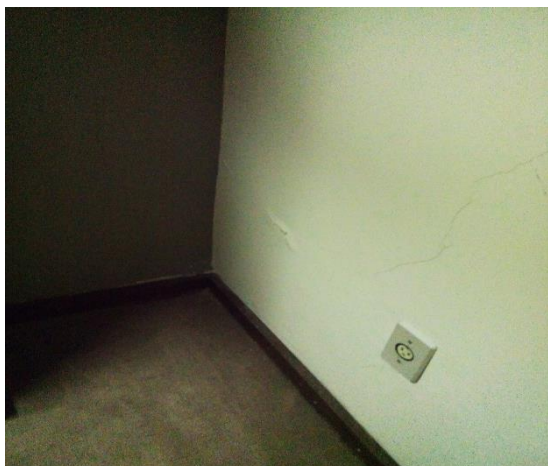


Fig. 18 - Imagens da área de guarda da coleção

Fonte: Fotos da autora

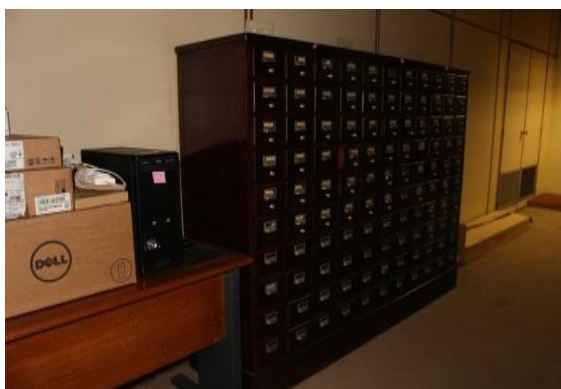




Fig. 19 – Equipamentos e objetos sem uso na biblioteca

Fonte: fotos da autora

As salas não possuem janelas nem refrigeração, e o ar condicionado central deixou de funcionar logo depois da inauguração do espaço. O equipamento de ar central ocupa uma área com largura aproximada de um metro, que segue toda a extensão do acervo, e encontra-se danificado, sem possibilidade de troca de peças e conserto (ver Figura 20). A climatização dos ambientes encontra-se desativada por falta de equipamentos, prejudicando a conservação das coleções. Nessa área, não há troca de ar (aeração) no ambiente, o que possibilita o desenvolvimento de fungos. Além de não existirem janelas no ambiente, há somente duas portas de acesso ao local, que, no início da pesquisa, na maior parte do tempo, ficavam, fechadas.



Fig. 20 – Imagens do ar condicionado central quebrado

Fonte: fotos da autora

Além disso, o piso de carpete que forra as salas que abrigam o acervo está sujo, manchado, molhado em alguns pontos, com insetos visíveis sobre ele (ver Figura 21). O carpete também se encontra comprometido por esses agentes e pelo desgaste natural. Esse tipo de piso facilita o acúmulo de poeira e aumenta a temperatura ambiente.

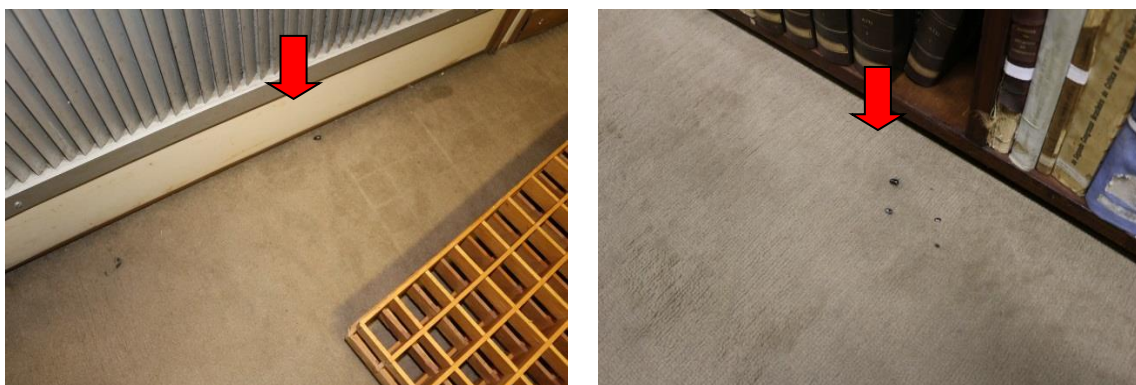


Fig. 21 – Insetos sobre o carpete

Fonte: fotos da autora

Outro aspecto que é necessário salientar é a infiltração na parede e no teto da sala que abriga o acervo. O sistema hidráulico representa um risco, pois as tubulações de água passam pelo teto da área de guarda da coleção. As paredes apresentam algumas infiltrações, percebidas por meio de manchas e pequenas rachaduras, com perda de revestimento.

Deformações nas paredes e móveis também são causadas por infiltração e descolamento de revestimento (ver Figura 22). Na área da circulação, o corredor de entrada e a sala de estar possuem forro de gesso seguido de forro tipo “colmeia”. Ambos estão danificados e têm se desprendido devido, principalmente, a infiltrações, oferecendo grande risco aos funcionários e visitantes. Em alguns pontos onde há vazamento no encanamento sobre o forro, é possível perceber a presença de fiação sem proteção. Diversas partes das placas do forro de gesso se soltaram, apresentando risco não apenas para o acervo, mas também para quem transita no local.

Forro de gesso danificado**Forro de gesso danificado – fiação elétrica****Forro de gesso danificado – fiação elétrica****Forro de gesso danificado – tubulação hidráulica****Fig. 22 – Imagens do teto da Sala Professor Celso Cunha**

Fonte: Fotos da autora

Outro ponto de risco é o telhado. O teto, com rebaixamento de gesso, apresenta infiltrações; já caíram, inclusive, algumas placas, que ainda não foram repostas (ver Figura 23). As instalações hidráulicas nesses pontos estão expostas e com vazamento (ver Figura 24); foi colocado, no local, um contendor de lixo vazio para reter a água que cai da tubulação (ver Figura 24).





Fig. 23 – Teto com infiltrações e buracos

Fonte: fotos da autora

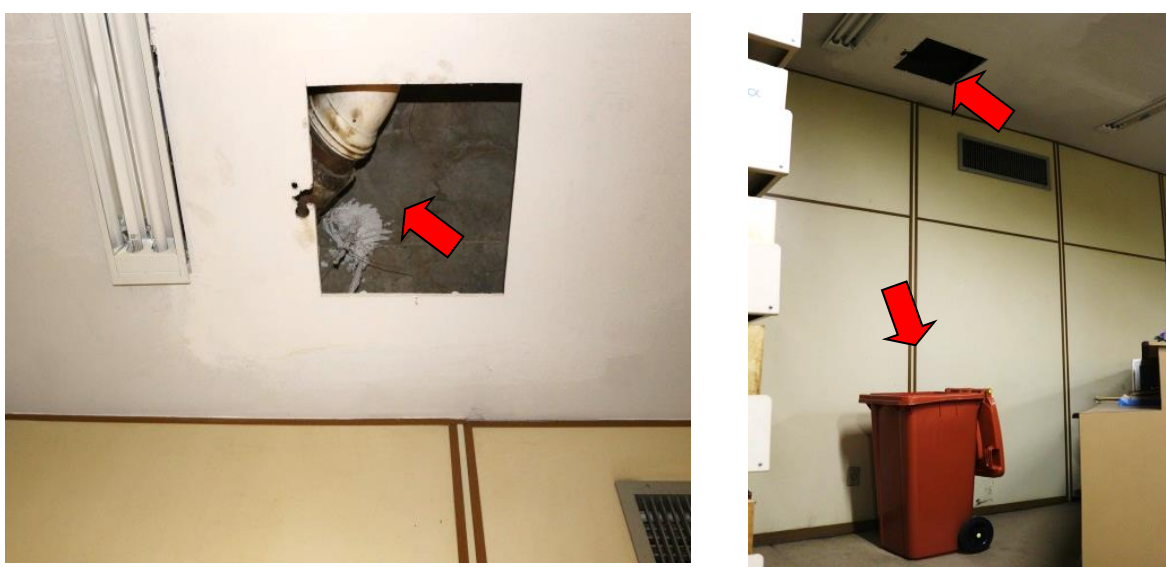


Fig. 24 - Instalações hidráulicas expostas com vazamento

Fonte: Fotos da autora

Como afirmou Trinkley (2001 apud GARCIA, 2012, p.37), “uma das melhores maneiras de proteger coleções do dano da água é assegurar a integridade do telhado”. Consoante ao que já foi dito nesta pesquisa, em carta datada de 23 de julho de 1992, o vice-diretor responsável pela biblioteca manifestou sua preocupação ao diretor da Faculdade de Letras sobre o problema do telhado, quando afirmou ser “uma real temeridade expor o precioso e caro acervo [...] a esses perigos”, pois, para seu espanto, o projeto de modificação do telhado previa “APENAS a transformação da cobertura com telhas. A parte mais perigosa ficará intocável”.

Vê-se que o problema do teto da sala em que está a Coleção Professor Celso Cunha é antigo e recorrente. Como consequência desse vazamento, a área de guarda do acervo é um ambiente úmido, que diminui a cada dia o tempo de vida útil da coleção.

A instalação elétrica constitui outro ponto de risco. Na sala da Coleção, as fiações, além de muito próximas à área de vazamento do teto, o que aumenta a possibilidade de curto circuito, estão expostas em vários pontos do espaço. Observam-se, aí, alguns fios de rede e da fiação elétrica à mostra, junto ao encanamento. O risco de incêndio torna-se ainda maior, dada a ausência de dispositivos de monitoramento (alarmes, detectores de fumaça, calor) e extintores de incêndios vencidos. Sendo assim, o risco de incêndio é iminente, devido à sinalização inadequada, sem indicativos de rotas de fuga, além de danos verificados nos sistemas elétrico e hidráulico que agravam a situação. Em todo o acervo, o sistema de combate e prevenção de incêndio é, pois, inadequado (ver Figura 25).

Extintores vencidos e sem sinalização

Extintor vencido e sem sinalização



Fig. 25 – Imagens da sala Professor Celso Cunha

Fonte: Fotos da autora

A ausência de medidas de segurança que visem a preservar o acervo e protegê-lo contra furtos e roubos, incêndios e inundações pode gerar danos e perdas extremamente prejudiciais e, até, irreversíveis à coleção. Além disso, as condições de temperatura e umidade relativa do ar (UR) são completamente desfavoráveis ao acervo, pois não existe um sistema de climatização no ambiente, o que gera bruscas oscilações de tais condições ambientais. Essas oscilações são prejudiciais para os livros, pois os mesmos absorvem e liberam com facilidade a umidade relativa do ar, provocando alongamento das fibras do papel, causando ondulações, propiciando o desenvolvimento de micro-organismos e insetos que causam graves danos ao acervo.

Alerta Garcia (2012, p.8) que níveis inaceitáveis de temperatura e umidade contribuem para desintegração dos materiais: “o calor acelera a deterioração. Os altos níveis de umidade relativa do ar fornecem o meio necessário para promover reações químicas danosas nos

materiais, e com altas temperaturas, encorajam a proliferação de mofo e a atividade de insetos”.

De acordo com a literatura da conservação, essa umidade pode ser aumentada ou diminuída por água acrescentada ao ambiente (umidificadores e desumidificadores), por vazamentos ou inundações, por materiais que absorvem umidade, como livros ou madeira, ou por mudanças na temperatura (aquecimento ou refrigeração do ar). É um agente agressor das publicações, que se tornam muito vulneráveis a danos provenientes do ambiente em que se encontram:

A condensação da umidade penetra no papel, originando fungos e mofo, os quais, além de destruir os suportes, concorrem para a infestação de vários insetos. Sua associação à temperatura contribui para a deterioração do papel, assim como suas oscilações, que propiciam o desenvolvimento de micro-organismos e insetos (SANTOS; SANTOS, 2017, p.143).

Na perspectiva de diminuir a umidade do espaço, desde janeiro de 2018, dois desumidificadores passaram a ser utilizados, sendo, porém, desligados durante a noite devido à instabilidade da rede elétrica. Além disso, eles não são suficientes para reduzir a alta umidade do local. Apesar de todos os problemas de infraestrutura da sala, o fator de maior impacto na coleção decorre da falta de controle da umidade e da temperatura, o que será demonstrado mais adiante.

A umidade, além de provocar a formação de colônias de fungos, causa descoloração ou manchas no papel, a aderência das folhas e a conseqüente formação de um bloco compacto, impossível de ser aberto sem que se estrague a publicação:

Os materiais orgânicos- que incluem papel, produtos têxteis, plumas, couro, ossos, marfim e madeira- são afetados pelas variações da umidade relativa e da temperatura, que provocam sua expansão e contração, exercendo pressão sobre os objetos e provocando deformações, rachaduras, descamação e deterioração estrutural (BRADLEY, 2001, p.24).

Quanto mais alta a temperatura e mais elevado o teor de umidade do ar, mais rápida é a deterioração dos materiais.

[a] temperatura afeta as reações químicas. Uma regra geral estabelece que as reações químicas dobrem a cada elevação de temperatura de 10°C. No caso especial da celulose, testes artificiais de envelhecimento indicam que cada aumento de 5°C quase dobra a taxa de deterioração, mesmo na ausência de luz, poluentes ou outros fatores (OGDEN, 2001, p.23.).

Na literatura, a recomendação de consenso é manter a temperatura e a umidade estáveis. Os especialistas discordam quanto à medida ideal para conservação de acervos em bibliotecas. Contudo, de acordo com Carvalho (1998, p. 6 e 9), a recomendação consensual é

manter a temperatura no máximo 21°C e a umidade relativa entre um mínimo de 30% e um máximo de 50%.

No caso do local da Coleção em questão, essa umidade alta é decorrente de um vazamento contínuo na área de guarda do acervo, do mobiliário em madeira, do carpete (isolante térmico e sonoro que facilita acúmulo de poeira e dificulta o calor se dissipar no ambiente) e dos papéis de parede, existentes no espaço.

Em relação às condições de armazenamento e acondicionamento nas estantes, observou-se que algumas publicações estão acondicionadas de forma inadequada, na posição horizontal, apoiados sobre o corte da frente, com a lombada virada para cima, na intenção de facilitar a visualização do título. Essa posição pode causar danos, pois o peso do livro tende a forçar a lombada, descolando-se. Outros materiais estão acondicionados em pilhas, o que pode danificá-los. Além disso, estão excessivamente compactados nas prateleiras.

No que se referem às condições do mobiliário, as estantes utilizadas no acervo são de madeira e aço, com o emprego de bibliocantos, para dar sustentação às publicações. Entretanto, o número que se dispõe deles não é suficiente para o quantitativo total de livros e materiais que existe. As estantes em madeira são impróprias para o ambiente de acervo, já que tanto a madeira quanto o compensado, sem cuidados de prevenção, podem atrair insetos, como cupins, por exemplo, e causar, assim, infestações danosas à coleção.

As estantes em aço apresentam pontos de ferrugem e algumas prateleiras estão deformadas por sobrecarga de peso. Estão dispostas lado a lado, com espaço homogêneo para a circulação entre elas e estão posicionadas muito próximas às paredes, com a primeira prateleira distante 9,5 cm do chão. As prateleiras são abertas, o que facilita a aeração do ambiente, mas também permitem a circulação de poeira entre as publicações. Os forros das estantes de madeira não são de boa qualidade e se encontram muito próximos das paredes. Além disso, o carpete e os papéis de parede permitem aos insetos acessá-las com certa facilidade. Para boa circulação de ar das áreas de depósito, as estantes não devem estar em contato direto com as paredes, a fim de não causar bolsões de ar úmido (OGDEN, 2001, p.46).

Também foram encontrados diversos problemas associados a ataques biológicos. Foram identificados vestígios de infestações de traças, de cupins de solo e de brocas no mobiliário, de morcegos no piso e forro da sala e de umidade nos papéis de parede (ver Figura 26). Essas infestações são agravadas por infiltrações, vazamentos hidráulicos e danos ao forro de gesso do teto. Além disso, a temperatura elevada, aliada à umidade excessiva e à falta de ventilação, facilita a proliferação de esporos de fungos e bactérias no ambiente.



Fig. 26 – Marcas de ataque de cupim no mobiliário de madeira

Fonte: fotos da autora

Conforme já foi dito neste trabalho, o local é muito úmido e quente, o que fornece todas as condições necessárias para uma proliferação por insetos e micro-organismos na coleção. Isso já aconteceu quatro vezes com registro de baixas no acervo. Como não houve relatório de quais publicações foram perdidas, resolveu-se inventariar a coleção para a confirmação do número de publicações que estão disponíveis para consulta, por acreditar-se ser o inventário um instrumento de trabalho indispensável em uma biblioteca, pois possibilita localizar e identificar rapidamente qualquer item do acervo. Quantificar o número de publicações existentes no acervo e identificar o seu estado de conservação foi o objetivo do inventário.

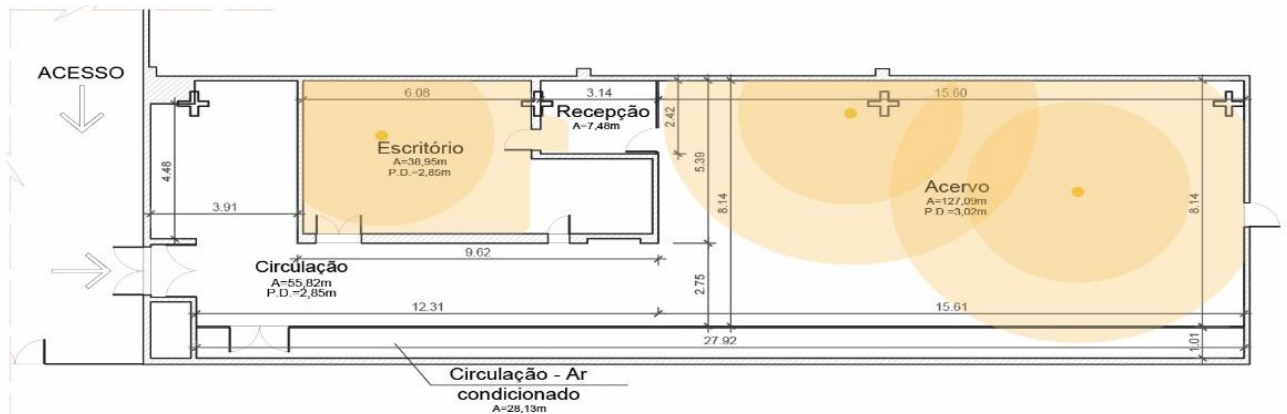
Compreendendo a situação na qual se encontra a estrutura física da sala de guarda do acervo da Coleção Celso Cunha, deteriorada pela ação do tempo, fica evidente a necessidade de intervenção no local, para que se permita que ele cumpra sua função de abrigo seguro e funcional para o acervo e para seus visitantes e funcionários. Ressaltam-se, ainda, os riscos proporcionados aos profissionais que têm contato direto com o acervo. A exposição a esse ambiente pode desencadear doenças e danos à saúde.

Torna-se necessária a elaboração de um projeto arquitetônico que contemple a troca de materiais de acabamento, a cobertura do imóvel, a preservação contra agentes químicos e biológicos e a revisão dos sistemas hidráulico e elétrico, assim como do sistema de ar condicionado. Fica claro que o desequilíbrio térmico no interior da sala Coleção Professor Celso Cunha, a umidade, a iluminação, a inadequação de paredes, pisos e tetos, enfim, o ambiente completo contribui para a degradação da coleção e alerta para a necessidade de intervenções na área de guarda do acervo, que precisam ser planejadas para salvaguardar esse bem cultural.

4.2.1.3 Análise do monitoramento ambiental da Sala Professor Celso Cunha

A referência adotada para o estudo das condições ambientais da Sala Professor Celso Cunha é a recomendada pelo caderno técnico nº 19 do projeto CPBA, intitulado *Novas Ferramentas para Preservação: avaliando os efeitos ambientais a longo prazo sobre coleções de bibliotecas e arquivos*, de James M. Reilly, na qual o autor sugere que os níveis de temperatura devem se manter até 21°C e a umidade relativa do ar, até 50%. Foi esse parâmetro que se utilizou para as análises aqui realizadas sobre o monitoramento ambiental da área de guarda da Coleção.

A coleta de dados foi realizada em duas salas, nas quais existem três pontos com aparelhos de aferições. Na sala A, correspondente ao local de reprodução do escritório do Professor, localiza-se sobre a mesa de trabalho dele o aparelho A; e, na sala B, equivalente ao local de consulta e armazenamento de publicações periódicas, separatas, folhetos e alguns livros, ficam dispostos dois termo-higrômetros: o aparelho B, colocado sobre o armário na sala de consulta, e o aparelho C, que fica na terceira fileira de prateleiras de livros do lado esquerdo da mesma sala, próximo às publicações periódicas, conforme demonstrado na Figura 27.



Localizações aproximadas dos medidores
(com área efetiva de monitoramento)

Fig. 27 – Localização dos espaços e equipamentos de aferições

Fonte: Adaptado pela autora, a partir da planta-baixa do ambiente, 2018

Os equipamentos utilizados para realização da medição da temperatura e umidade relativa do espaço de guarda da coleção são das marcas INCOTERM e ERT. Os três termo-higrômetros digitais modelo 7666.02.0.000, da INCOTERM, possuem a capacidade de armazenar os respectivos valores máximos e mínimos de temperatura e umidade alcançados ao longo de um período de tempo.²⁵ Da marca ERT, utilizou-se o monitor de gás portátil da série Aeroqual 500. É um equipamento para monitoramento da qualidade do ar em ambientes internos e externos, mas que também mede a temperatura e umidade dos lugares onde estão dispostos.²⁶

A coleta de dados foi realizada manualmente, em período e horário pré-determinados (às 10h e 15h), durante o período de estudo, conforme se apresentou na seção 3.1. Entretanto, após consultoria técnica de professores do Instituto de Geociências (IGEO)²⁷ e de um climatologista do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)²⁸, percebeu-se que não seria possível a discussão do monitoramento ambiental como inicialmente previsto na pesquisa, devido ao fato de os horários estabelecidos para a coleta dos dados não garantirem o registro das temperaturas mínima e máxima diária, uma vez que esses valores são frequentemente registrados no início da manhã e no fim da tarde, respectivamente.

A) VALIDAÇÃO DAS AMOSTRAS DE TEMPERATURA E UMIDADE DO AR

A validação técnico-metodológica dos dados foi feita com o uso de um termo-higrômetro digital com *datalogger*, devidamente calibrado, obtido junto à equipe técnica do Departamento de Meteorologia do Instituto de Geociências (IGEO) do CCMN, em um dia teste de estudo comparativo com os registros do termo-higrômetro B. A validação teve como

²⁵ Especificações técnicas do INCOTERM: faixa de temperatura interna: 0°C à 50°C (32°F a 122°F); faixa de temperatura externa -50°C à 70°C (-58°F à 158°F); resolução: 0,1° C / °F; Exatidão int/ext: + - 1°C de 0°C a 50°C, +- 2°C para o restante da faixa; faixa da umidade: 15% a 95% UR; resolução: 1% UR; exatidão +- 5% UR; comprimento do cabo: +- 2,40m; fonte de alimentação: pilhas 1,5V-AAA; dimensões: 3,5X27mm, peso 85g, de material plástico ABS.

²⁶ Especificações técnicas do ERT/AEROQUAL 500: unidade de medição do gás: ppm ou mg/m³; umidade: % ; temperatura °C ou °F; funções de leitura instantânea, mínimo, máximo e médio; recursos de alarme: alarme baixo, alarme alto, mudo (configurável); monitor para cabo USB; Software para PC; capacidade de registro de dados de até 8.188: coleta os dados e os apresenta em um gráfico ou em exibição de tabela, os dados podem ser baixados e visualizados no Excel; condições de operação ambiental: temperatura -5°C a 45°C, umidade 0 a 95% sem condensação; sensor de temperatura e umidade: faixa de -40°C a 124°C (-40°F a 255°F), faixa de 0 a 100% RH; display digital LCD, bateria recarregável de lítio (com tempo de carga de 2h e tempo de funcionamento de 8h); tamanho (com cabeça do sensor) 195X122X54 mm; peso (com cabeça do sensor e bateria): 460g.

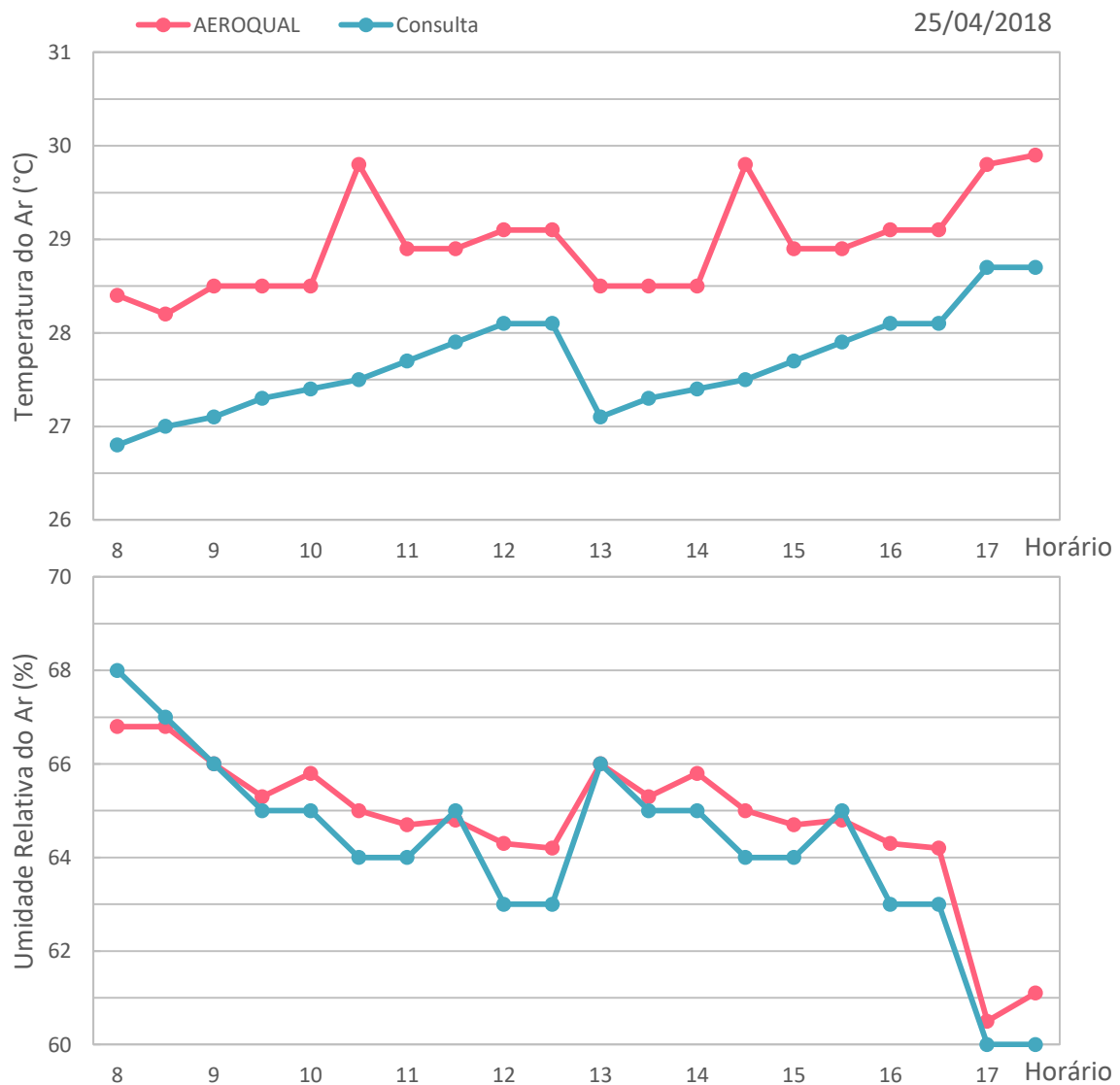
²⁷ Consultoria realizada pelos Professores Doutores Luiz Cláudio Pimentel e Leonardo Aragão, do Instituto de Geociências (IGEO).

²⁸ Laudo realizado pelo Mestre Antônio Carlos dos Santos Oliveira, técnico em meteorologia, climatologista, mestre em arquitetura e museólogo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA).

objetivo verificar o impacto da limitação da pesquisa quanto ao horário de coleta dos dados na acurácia das temperaturas anotadas manualmente nesses horários.

O monitoramento do ambiente interno da biblioteca, com o instrumento Aeroqual 500, foi realizado no dia 25 de abril de 2018. A cada trinta minutos, a leitura era aferida, no período entre 8h e 17h30min. O equipamento foi colocado ao lado do termo-higrômetro B da sala de consulta, para que se pudesse, posteriormente, comparar as medições obtidas, como é demonstrado no gráfico 1, abaixo:

GRÁFICO 1 – Representação das medições de temperatura e umidade relativa do ar no dia teste nos aparelhos AEROQUAL e Sala de Consulta (B).



Na análise do dia teste, identificou-se que a diferença de temperatura é da ordem de 1°C, com algumas variações em horários específicos. Porém, o comportamento diário da temperatura, aparentemente, foi bem representado, indicando corretamente o aumento de temperatura durante a manhã, um leve decréscimo após o meio-dia e, novamente, a elevação da temperatura ao longo da tarde. Independentemente do fato meteorológico, os dois aparelhos mostram grande correlação entre si, sendo que as medidas do aparelho B apresentam registros inferiores em 1°C de temperatura.

No parâmetro da umidade relativa, essa diferença entre o instrumento Aeroqual e o aparelho B não foi observada. Os dois equipamentos apresentaram medidas muito bem correlacionadas ao longo de todo o período de análise. Dessa forma, pode-se dizer que o aparelho utilizado durante o período total de estudo encontra-se de acordo com o instrumento calibrado, o que valida a série de um ano que será apresentada a seguir.

B) ANÁLISE DAS VARIAÇÕES MENSIS DE TEMPERATURA E UMIDADE DO AR

Dada a impossibilidade da coleta manual dos dados fora dos dias e horários de expediente da Universidade, a coleta foi reduzida a três dias da semana: terça, quarta e quinta. Dessa forma, excluiu-se a possibilidade de valores imprecisos, residuais do período de fim de semana nos aparelhos A, B e C, o que não ocorreria se o equipamento usado para o monitoramento possuísse um *datalogger*, que possibilita programar uma coleta de dados de forma ininterrupta.

Dessa maneira, o melhor encaminhamento para garantir a fidelidade da amostra foi calcular-se a média ponderada dos valores coletados diariamente. Estabeleceu-se que a temperatura média diária ponderada (T_{mp}) seria feita de acordo com a seguinte equação:

$$T_{mp} = \frac{(T_{10h} \times 19h) + (T_{15h} \times 5h)}{24h}$$

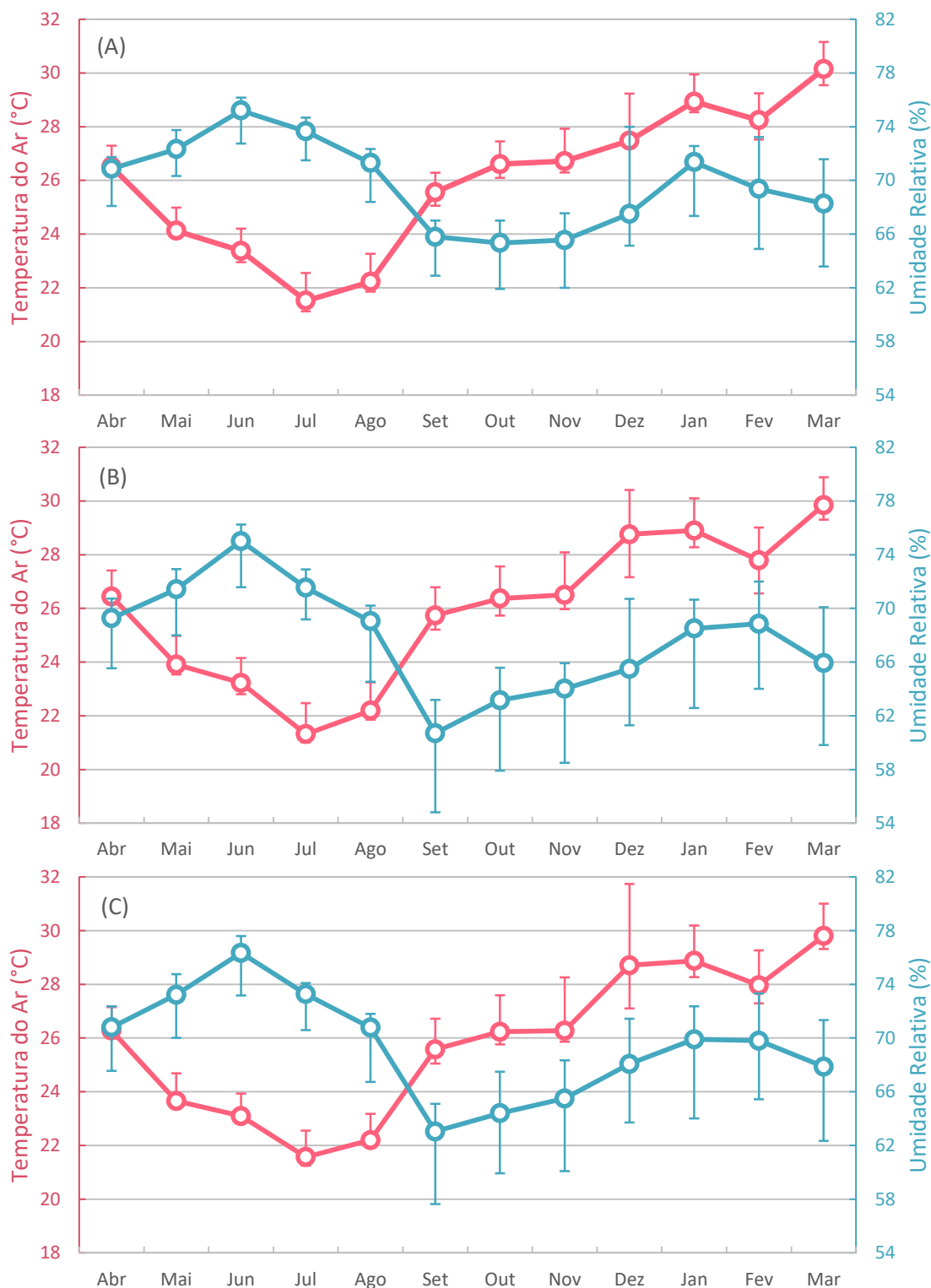
onde T_{10h} é a medida de temperatura do ar média entre os horários de 15h do dia anterior e 10h do dia da coleta, totalizando um período de coleta de 19 horas; enquanto T_{15h} é a medida de temperatura do ar média entre os horários de 10h e 15h do dia da coleta, totalizando um período de coleta de cinco horas. De forma análoga, foram estabelecidos os valores médios diários ponderados para a umidade relativa do ar.

Os resultados obtidos são baseados em médias ponderadas mensais e a média anual dos três aparelhos de coleta, posteriormente, comparados com as médias mensais e anuais de temperatura e umidade das estações meteorológicas do Fundão (localizadas no *campus*

universitário da UFRJ, Ilha do Fundão) e do Galeão (localizadas no aeroporto internacional Antônio Carlos Jobim, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro). O período de estudo foi de abril de 2017 a março de 2018, compreendendo todo o ciclo anual de temperatura e umidade do ar ao longo das 4 estações do ano. Assim, foi possível representar o tempo meteorológico da região onde se situa a biblioteca (ambiente externo), garantindo, dessa maneira, a confiabilidade da amostra e da discussão dos dados.

Analisando-se os dados referentes à temperatura e umidade relativa do ambiente interno da Sala Professor Celso Cunha, chegou-se aos seguintes resultados:

GRÁFICO 2 – Médias mensais de temperatura e umidade relativa do ar (médias diárias) coletadas em (A) escritório, (B) consultas e (C) periódicos entre abril de 2017 e março de 2018. As barras inferiores e superiores em cada ponto demarcam, respectivamente, as médias diárias mínimas e máximas de cada parâmetro.



A temperatura ficou acima do padrão de referência estabelecido pelo CBPA (21°C) em todos os equipamentos de coleta de dados.

A temperatura do ar apresenta ciclo anual bem definido em todas as estações, mostrando grande semelhança de medidas entre elas, com as menores temperaturas durante o inverno e as maiores, no verão, e média anual de temperatura dos aparelhos em 26°C. Registrou-se como valores máximos e mínimos da série em março 30°C e em julho 21°C, respectivamente.

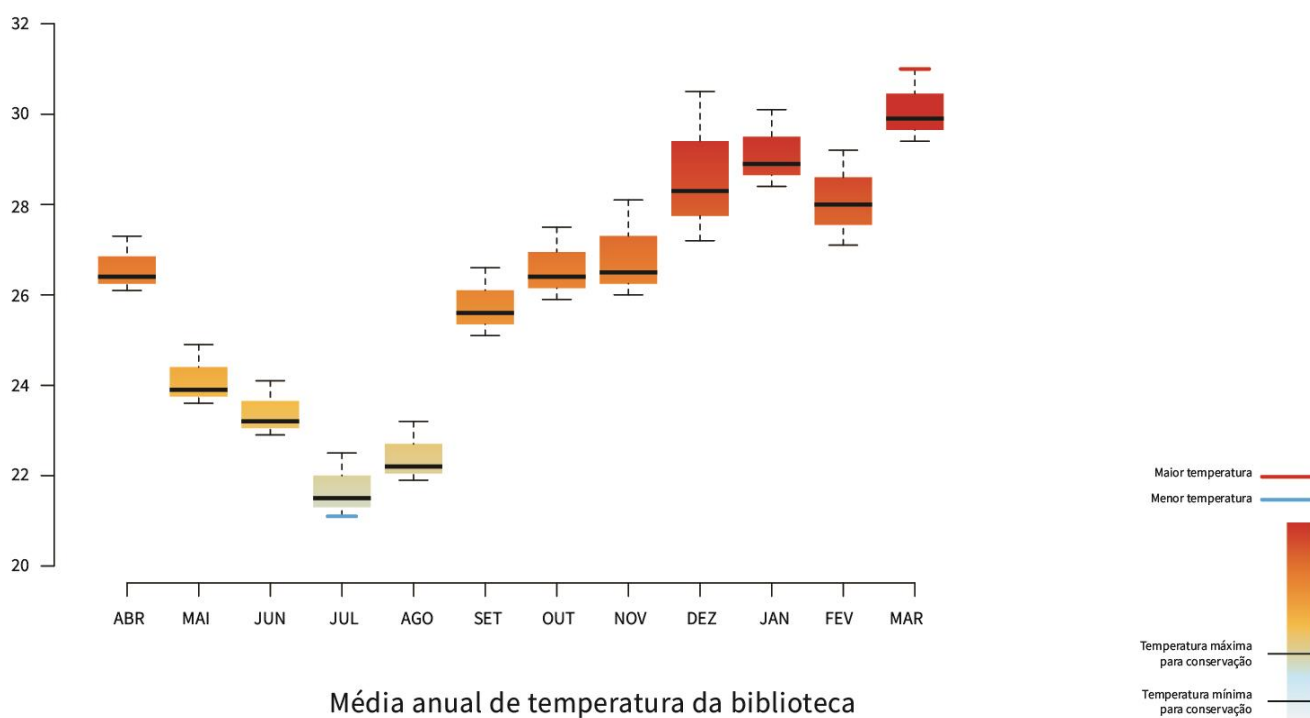
A amplitude térmica (diferença entre temperatura máxima e temperatura mínima diária) representada pelas barras nos gráficos demonstra grande variação diária tanto de temperatura quanto de umidade no espaço de guarda da coleção, o que implica a deterioração acelerada das publicações em papel. O mês que apresentou maior amplitude térmica foi dezembro, quando a estação C (Gráfico 2c) apresentou amplitudes da ordem de 5°C. Isso quer dizer que, na média, os dias desse mês, apresentaram temperaturas mínimas da ordem de 27°C e máximas da ordem de 32°C.

As menores amplitudes foram encontradas durante os meses de outono e inverno, com valores entre 1°C e 2°C de amplitude. Vale destacar que, as amplitudes dos aparelhos B e C, foram maiores que as registradas no aparelho A, sendo que os aparelhos B e C estão localizados na mesma sala.

Em média, foram registradas temperaturas médias 5°C acima do padrão de referência em todos os aparelhos. A estação mais crítica foi o verão e a menos preocupante, o inverno. Os pontos mais críticos do monitoramento interno foram os registrados nos aparelhos B e C, sobretudo nesse último.

Conforme esperado, observou-se que a umidade apresentou comportamento inverso à temperatura, com ciclo anual muito bem definido; a umidade relativa do ar registrou sua máxima em 75% no mês de junho, mais úmido, e a mínima no mês de setembro em 63%, mais seco.

Em relação à amplitude diária de umidade, observaram-se maiores variações nas estações B e C e menores na estação A. No entanto, observando as médias anuais, a umidade relativa média anual da estação A é maior, em torno de 2%, em comparação com as estações B e C.

GRÁFICO 3 – Média anual de temperatura da Biblioteca

Para entender as razões pelas quais a temperatura e a umidade apresentam valores muito acima do recomendado como padrão para conservação de publicações em papel, é importante pontuar algumas questões. A existência de vazamentos, o piso em carpete, o mobiliário em madeira, a falta de ventilação e de climatização do local, tudo isso contribui para o aumento e as oscilações dessas variáveis na área de guarda da coleção. O impacto desses fatores atuando em conjunto com as condicionantes meteorológicas apresentadas resulta no Gráfico 3, no qual as temperaturas médias mensais e suas respectivas amplitudes térmicas diárias médias são confrontadas com os valores de referência para a conservação do acervo.

A amplitude térmica no local colabora para a deterioração das obras em papel, na medida em que fragiliza o material que integra o acervo, tornando suas folhas amareladas, levando a apresentarem bordas quebradiças (oxidação), ondulações, rasgos, manchas por umidade, além de facilitar o ataque por micro-organismos.

C) ANÁLISE DAS CONDIÇÕES EXTERNAS

Nessa seção são apresentadas as comparações dos parâmetros meteorológicos coletados na Biblioteca com aqueles medidos nas estações da região já mencionadas, localizadas respectivamente no Aeroporto Antônio Carlos Jobim (Galeão) e na Cidade Universitária (Ilha do Fundão). A distribuição espacial desses pontos de medição é apresentada no Figura 28.

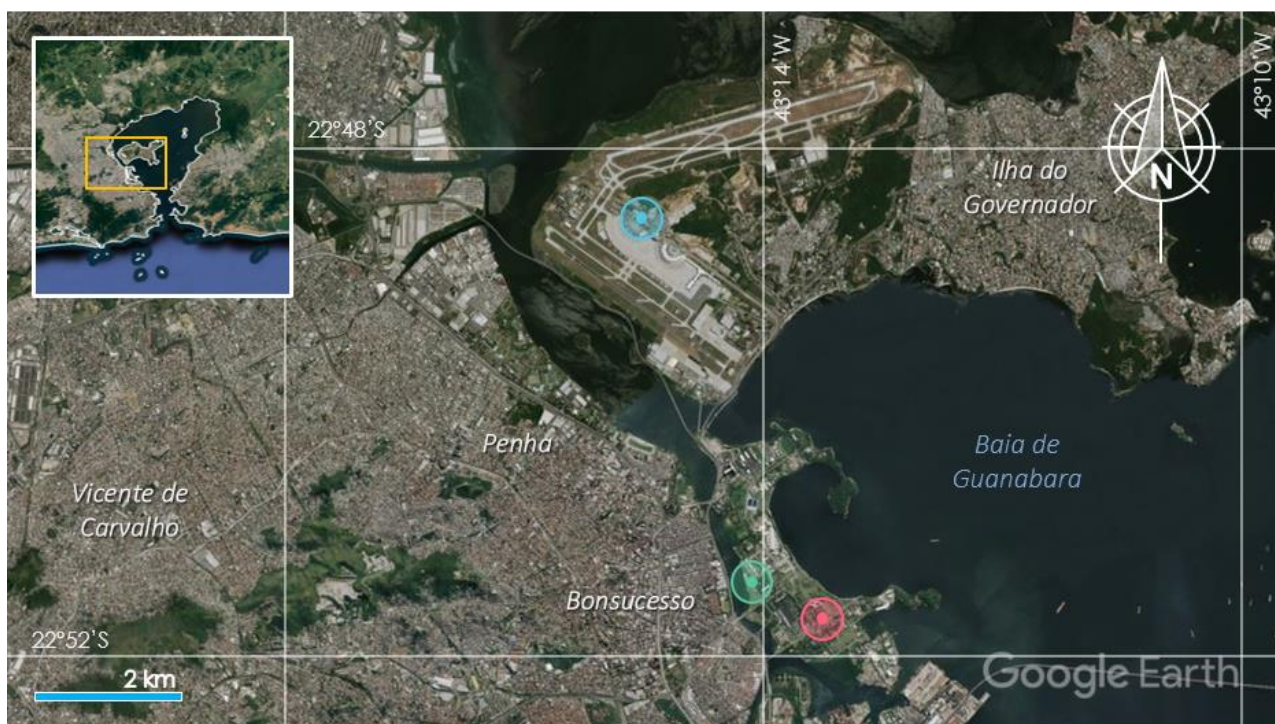


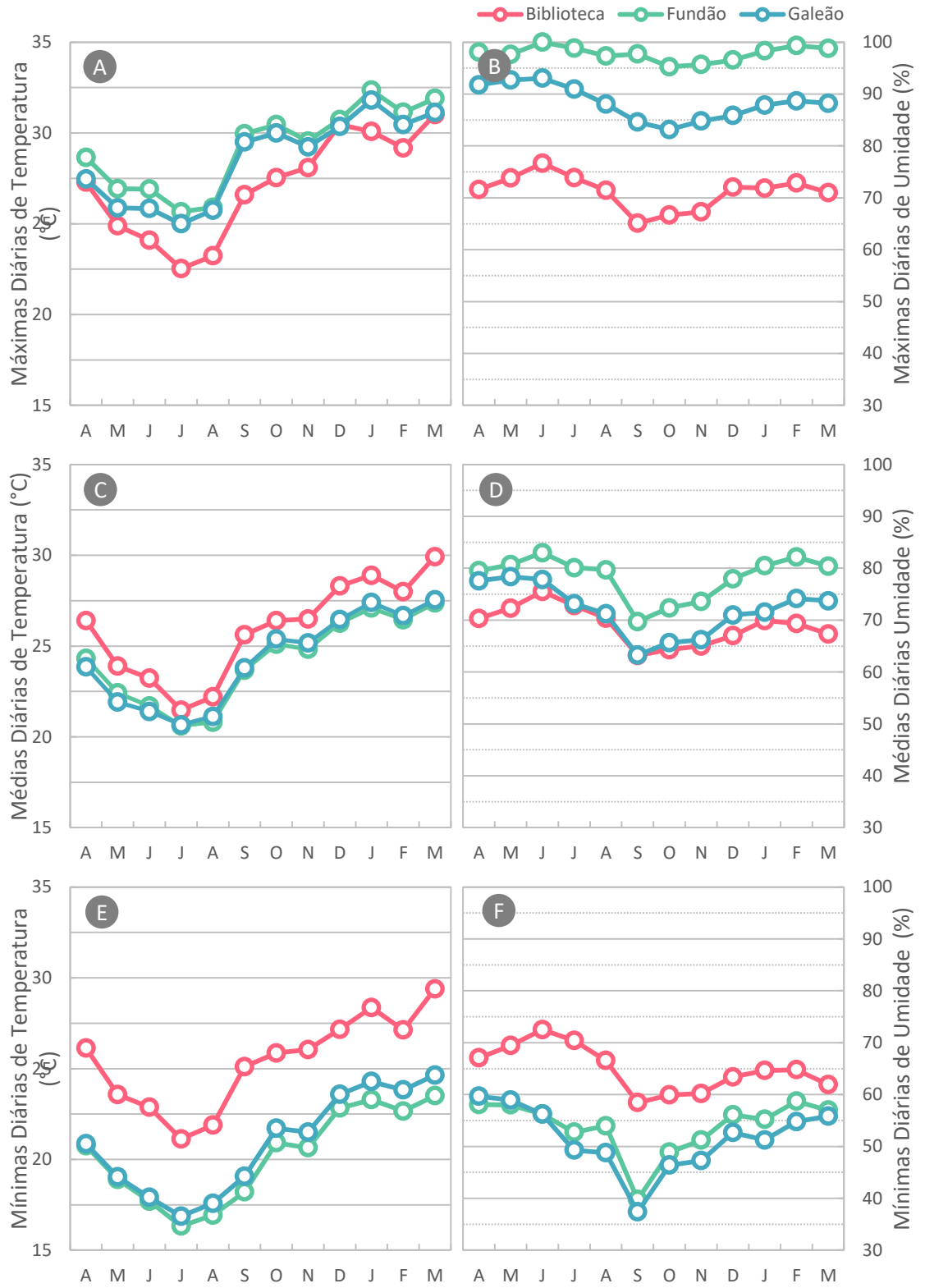
Figura 28 – Imagem de satélite sobre a região de estudo, destacando os pontos das estações meteorológicas de superfície: Galeão (em azul), Fundão (em verde) e da Biblioteca José de Alencar (em vermelho)

Fonte: Google Earth, 2018.

A estação do Galeão encontra-se sobre as coordenadas geográficas: 22°48'26''S de latitude, 43°13'57''O de longitude e 9 metros de altitude; enquanto a estação do Fundão encontra-se nas coordenadas 22°51'26''S e 43°14'07''O de latitude e longitude, respectivamente, e altitude de 2 metros. A biblioteca, por sua vez, encontra-se nas coordenadas 22°51'42''S e 43°13'28''O, a 6 metros de altitude, distante em 6,25 km do Galeão

e em 1,12 km da estação Fundão. A comparação dos dados de temperatura e umidade relativa do ar coletadas nos pontos citados é apresentada no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Médias mensais de temperatura do ar (A) máxima, (C) média e (E) mínima diária e de Umidade Relativa do Ar (B) máxima, (D) média e (F) mínima diária, coletadas na biblioteca e nas estações meteorológicas do Fundão e Galeão entre abril de 2017 e março de 2018.



No Gráfico 4, as curvas em vermelho referentes aos dados da biblioteca representam a média entre os dados coletados nos 3 aparelhos A, B e C. Confrontando-se as médias mensais do ambiente interno com o externo, observou-se que as estações meteorológicas apresentam ciclo anual de temperatura bem semelhante, com pouca variação entre si. As máximas temperaturas médias diárias medidas na biblioteca ficaram menores que aquelas medidas nas estações externas (Gráfico 4^a) enquanto que, na análise das temperaturas mínimas, a biblioteca apresentou maiores valores (Gráfico 4^e), com grande variação diária de temperatura.

Sendo assim, a temperatura mínima esteve mais elevada no espaço interno que a temperatura registrada no ambiente externo. A média das temperaturas máximas internas foi menor que a média da temperatura máxima da estação do Fundão. Esta apresentou valores de temperatura máxima maiores que o registrado no ambiente interno. A estação do Galeão também apresentou valores menores, com exceção da média da temperatura máxima de dezembro de 2017, que foi um décimo maior que a do Galeão (30.4°C), na sala (30.5°C); na do Fundão, o mesmo mês apresentou 30.7°C. Em comparação das médias das temperaturas máximas das duas estações meteorológicas, apresentam-se quase os mesmos valores. Entretanto, a do Fundão apresenta uma pequena diferença para mais em relação à estação do Galeão (ver Gráfico 4).

Conforme esperado, a umidade relativa mínima interna na biblioteca é maior que a mínima das estações meteorológicas do Fundão e Galeão. A umidade relativa média externa do Fundão estava maior que a registrada no ambiente interno da biblioteca. Em comparação com a estação do Galeão, a umidade relativa média da sala também apresentou percentual menor que o registrado pela estação. Em relação aos valores de umidade relativa média das estações meteorológicas, a do Fundão apresentou valores maiores que a do Galeão, conforme demonstrado nos gráficos acima. A umidade relativa máxima da biblioteca está abaixo dos valores da estação do Fundão e da estação do Galeão. A umidade relativa máxima externa está maior que a do ambiente interno da biblioteca. Em comparação com os dados de umidade relativa máxima da estação do Fundão com a do Galeão, a primeira apresentou valores maiores em relação à segunda; os dados da estação do Fundão apresentados são maiores que os valores da estação do Galeão (ver Gráfico 4).

D) IMPACTO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS NA CONSERVAÇÃO DO ACERVO

Com o objetivo de definir a adequação ambiental das salas para conservação e preservação do acervo, é apresentado aqui o impacto dessas condições ambientais a partir de uma simulação no sistema de Controle Climático de Ambientes (CONCLIMA), para análise de temperatura e umidade e de fungo e oxidação da coleção nesse ambiente.

A análise dos dados sugere a necessidade de identificação dos agentes microbiológicos que possam estar presentes no ambiente em forma de esporo e inativos. Porém, em uma situação de aumento de umidade relativa, 75%, que persista por um período maior que 30 dias, poderá ocorrer grande infestação de fungos e mofo atingindo livros não contaminados, usuários e funcionários. A umidade relativa média anual encontra-se no limite superior para propiciar a formação de fungos e mofo, assim como a deterioração do acervo em papel, apresentando um índice de permanência abaixo dos 25 anos e oxidação de tintas ferrogálicas²⁹, conforme se demonstra nos quadros abaixo, utilizando a calculador CONCLIMA³⁰ (ver Quadro 3):

QUADRO 3 – Simulação no Calculador CONCLIMA

Ambiente	(A) Escritório	(B) Consulta	(C) Periódicos	Biblioteca
Temperatura do ar (°C)	27.00	25.90	25.90	25.90
Temperatura do orvalho (°C)	21.06	19.54	19.54	19.54
Amplitude condensação (°C)	5.94	6.36	6.36	6.36
Umidade absoluta (g/m ³)	18.02	16.46	16.46	16.46
Umidade relativa	70.00%	68.00%	68.00%	68.00%
Índice de permanência IP:	0.3116	0.3649	0.3649	0.3649
Permanência em anos:	14.02	16.42	16.42	16.42
Condições de condensação	Não	Não	Não	Não

Ambiente	(A) Escritório	(B) Consulta	(C) Periódicos	Biblioteca
Temperatura do ar (°C)	27.00	25.90	25.90	25.90
Umidade relativa	71.00%	68.00	68.00	68.00
Umidade de ativação	70.30%	70.40	70.40	70.40
Formação de fungo (dias)	119	0	0	0
Probabilidade de oxidação	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Calculador CONCLIMA, 2018.

²⁹ Tipo de tinta na qual seus principais componentes são os taninos e o sulfato de ferro (ou ainda o sulfato de cobre) muito utilizada na Idade Média, e até o século XIX.

³⁰ O Calculador CONCLIMA pode ser acessado pelo *site* <http://www.sco.art.br>.

Conforme demonstrado nos quadros acima, é muito importante o registro contínuo, ininterrupto, dos dados relacionados à temperatura e umidade da área de guarda para preservação dos acervos da biblioteca. A aquisição de equipamento capaz de realizar a medição dessas variáveis é imprescindível para o monitoramento desse ambiente. Só assim, consegue-se aumentar a precisão do controle higrotérmico (ausência de desconforto térmico) nesse espaço. Na imagem abaixo, apresentam-se os pontos de umidade e de risco do referido local (ver Figura 29):

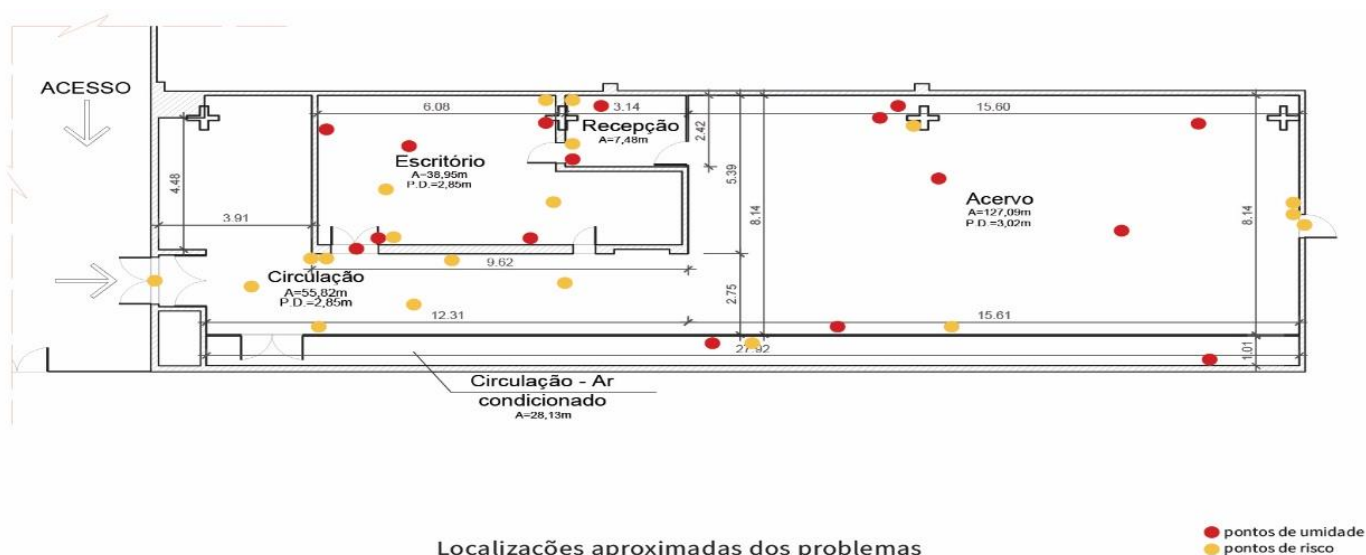


Fig. 29 – Mapa de localização dos problemas identificados na Sala Professor Celso Cunha.

Fonte: Adaptado pela autora, a partir da planta-baixa do ambiente, 2018

4.2.1.4 Mapeamento de danos no acervo bibliográfico

O acervo bibliográfico da Coleção Professor Celso Cunha foi exposto desde o início da sua institucionalização a condições de conservação adversas e não adequadas, as quais causaram expressiva deterioração em alguns exemplares. Com o objetivo de salvaguardar essa coleção para uma intervenção mais ativa no futuro, foram realizados o diagnóstico de conservação e o mapeamento de danos.

A coleção, desde a sua instalação na Faculdade de Letras, sofreu com a demora e a falta de recursos para a sua guarda adequada na instituição. Conforme relatado no capítulo 2, a coleção ficou por quase quatro anos em caixas fechadas nas salas F204, F206 e F208 dessa faculdade.

O local que estava sendo preparado para sua instalação teve sua obra paralisada por várias vezes devido a problemas com as empresas contratadas. Foram necessárias três licitações para que a sala Professor Celso Cunha ficasse pronta. A cada mudança de empresa, o projeto previsto inicialmente era modificado e, durante todo esse período, o acervo continuou encaixotado. Quando começou a ser levada para o local que seria instalada e armazenada nas estantes, houve uma inundação da biblioteca, devido a problemas no telhado ocasionados pelas chuvas, conforme consta em ata da sessão 250^o da Congregação da Faculdade de Letras, realizada em 07 de abril de 1994.

Nenhuma ação de conservação preventiva foi realizada antes de sua instalação na biblioteca, de acordo com depoimento das bibliotecárias que participaram da preparação do acervo para sua inauguração na Faculdade de Letras. Apesar de constar no memorando n^o001911, datado de 18 de novembro de 1993, um pedido de solicitação de serviço de higienização da coleção pela chefia da Biblioteca da Faculdade de Letras à direção, este não foi executado.

Em 28 de julho de 1993, a chefe da biblioteca requisitou ao diretor da faculdade, por memorando, o serviço de desinfestação para roedores (ratos) e insetos (traça barata, cupim, peixinho de prata, broca e fungos). Da mesma forma, antes da inauguração, solicitou por ofício de n^o 003/94, da Faculdade de Letras, ao Diretor Geral do Arquivo Nacional um diagnóstico técnico do acervo da biblioteca, em 6 de julho de 1994.

Houve duas inaugurações dessa coleção: uma para apresentação do espaço ao Ministro de Estado de Educação e Desporto, que liberou o recurso para a aquisição da coleção pela Universidade, em 22 de novembro de 1994; e outra para o público em novembro de 1995. Antes dessa abertura, todavia, como crônica de uma morte anunciada, a Coleção Professor Celso Cunha foi inundada pelas chuvas devido a problemas no telhado – relatado pelo Diretor da Faculdade de Letras na época, conforme consta em ata da sessão 264^a da Congregação da Faculdade de Letras, de 22 de fevereiro de 1995, e alertado o risco do acontecido pelo vice-diretor da faculdade, um pouco antes da inundação. Consta em memorando da chefia da biblioteca ao diretor que a notificação da existência de goteiras na Coleção Celso Cunha foi feita em 28 de março de 1994, onze meses antes do acontecido.

Em outubro de 1994, o acervo geral e as instalações da Biblioteca José de Alencar estavam infestados por ácaros, fungos, insetos e bactérias. Na ocasião, foi solicitado à empresa Agronomia Prestação de Serviços e Planejamento Ltda. que estendesse à Coleção Professor Celso Cunha os serviços de profilaxia ambiental e higienização dos livros e estantes à referida coleção que estava sendo transportada para o recinto da biblioteca. Porém, conforme consta em memorando, não houve essa inclusão, apesar de ser mencionado na justificativa da liberação dos recursos a execução desse serviço, datada de 9 de agosto de 1994.

As obras da Sala Professor Celso Cunha foram concluídas em novembro 1994 e inauguradas, mesmo sem o problema do telhado ter sido resolvido. A coleção sofreu com a umidade do local do espaço de guarda inadequado, que ainda permanece até a presente data. A coleção foi organizada e disposta nas estantes para inauguração sem nenhuma higienização das publicações, apesar de constar em memorandos pedidos feitos pela diretora da biblioteca, para que esse serviço fosse realizado.

Quando da festa em homenagem aos 80 anos do professor Celso Cunha, foi descoberto o primeiro ataque de uma colônia de cupins em algumas estantes de madeira da coleção. Na época, foi solicitada uma visita técnica da Divisão de Conservação e Restauração e do Centro de Conservação e Encadernação da Biblioteca Nacional para avaliação do estado da coleção. Em seu relatório, podemos ler:

O problema básico da coleção é o intenso ataque de colônia de cupins. Fato de extrema gravidade, diante do amplo número de obras contaminadas e da possibilidade de alastramento da contaminação a outras obras da coleção. Toda a estanteria é de madeira, com forração de compensado. As condições climáticas do local de guarda das obras não são propícias à conservação: má circulação de ar, aclimatização deficitária, carpetes. A colônia de cupins está ativa, estando alguns livros perdidos, há intensa presença de resíduos de excrementos de cupins nos cantos de várias prateleiras. Diante da situação atual, é necessário o trabalho imediato de higienização e transferência do acervo. (...) como a colônia de cupim está em plena atividade, é urgente que os trabalhos se iniciem o mais rápido possível, pois as condições climáticas do ambiente em que estão sendo mantidas e a natureza das estantes, leva-nos a acreditar que o acervo corre sério risco de perda (RELATÓRIO..., 1997, p.1-2).

Nessa ocasião, foram perdidas 93 obras e identificadas 12 com possibilidade de recuperação pela Biblioteca Nacional. A coleção ficou fechada para o público, conforme consta em relatório da época. À época, o ar condicionado da sala já não estava mais funcionando, de acordo com documento de solicitação de conserto do aparelho, datado de 19 de fevereiro de 1997.

O segundo ataque ocorreu em março de 1998, com infestação de ratazana (*Rattus norvegicus*), barata de esgoto (*Periplaneta americana*) e cupim subterrâneo (*Coptotermishavilandii*). Segundo relatório de inspeção da COOTRAM (Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos do Complexo de Manguinhos Ltda), as recomendações permaneciam as mesmas já apontadas para solução do problema pela equipe da visita técnica da Biblioteca Nacional, que esteve no local no ano anterior:

[...] a quebra do tripé da vida, fornecendo ao ambiente, condições opostas para a proliferação dos insetos, tais como: resfriamento do ambiente (conserto do aparelho de ar condicionado), remoção do papel de parede, troca do isolamento térmico da junta de dilatação por material que não contenha celulose e redução da umidade relativa do ar (através de desumidificadores) (RELATÓRIO..., 1998, p.2).

No ano seguinte, houve o terceiro ataque: dessa vez, uma infestação de coleópteros (*Brocas*) e cupins de solo (*Coptotermeshavilandii*), de acordo com o relatório datado de 27 de outubro de 1999, da COOTRAM, que realizou o trabalho de desinfestação e de remoção de todos os insetos. Nesse ano, estava programado o evento comemorativo de 10 anos de morte do professor Celso Cunha.

No final de 2008, foi solicitada a higienização da coleção, que foi concluída, em setembro de 2009, pela empresa Combate Rio Prestação de Serviços Ltda (Divisão de acervos bibliográficos e documentais). Foi realizada a higienização de todos os volumes da coleção.

Em breve resumo dos problemas de infraestrutura do espaço de guarda da coleção desde a chegada à Faculdade de Letras, o acervo passou por inundações decorrentes de goteiras no teto, em 1995, e infestação de ratos no mesmo ano; ataques de cupins de solo em 1997, 1998 e 1999; e ataques de brocas, baratas de esgoto e ratos em 1998; não foi higienizada antes de sua inauguração, mesmo tendo ficado por quase quatro anos encaixotada em três salas do segundo andar da Faculdade de Letras.

Posteriormente, como medidas de conservação preventiva, foi higienizada nos anos 2008-2009 e, mais recentemente, no segundo semestre de 2017, parte de sua coleção de publicações periódicas passou por higienização, que precisou ser interrompida, dada a falta de recursos para continuidade do serviço.

Como se pode observar, a coleção sofreu e tem sofrido com a demora e a falta de recurso institucional para uma infraestrutura adequada da área de guarda das publicações. A exposição a altos índices de temperatura e umidade, associada à sujeira e falta de ventilação, entre outros fatores, ocasiona a propensão ao ataque de micro-organismos. As consequências dessa falta de condições adequadas no espaço de guarda da coleção é o que tentaremos demonstrar com os dados do mapeamento de danos no acervo bibliográfico.

É importante lembrar aqui que, ao serem analisados os dados para a pesquisa, constatou-se que a coleção possui obras peculiares, que resgatam seu significado e trajetória, como anotações, identificação dos proprietários, etiqueta de encadernadores, livrarias, entre outros, como, por exemplo, alguns selos e carimbos que são mostrados na imagem abaixo (ver Figura 30). Isso permite ampliar seu uso como fonte de pesquisa para além do conteúdo informativo intrínseco do livro. Será necessário aprofundar os estudos sobre os volumes da coleção para melhor compreensão da sua formação no todo, o que favorecerá sua valoração como coleção rara e especial.

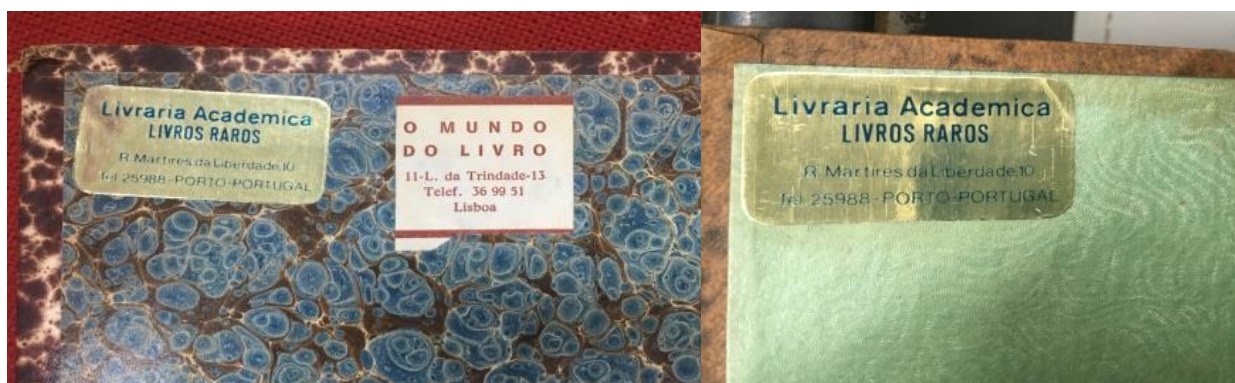


Fig. 30 – Imagens de selos e adesivos de livreiros

Fonte: fotos da autora

Considerando-se o tamanho da coleção, optou-se pelo diagnóstico por amostragem. Apesar de a literatura recomendar que seja feito com 10% do tamanho do acervo, essa opção não foi possível, devido ao pouco tempo disponível para a realização do diagnóstico de conservação e à falta de pessoal para realização deste trabalho. A amostra foi constituída pelas obras destacadas no processo de compra da coleção por especialistas da área de letras na ocasião de sua aquisição. Algumas foram expostas na Biblioteca Nacional como parte de uma exposição em homenagem ao professor Celso Cunha, conforme mencionado no capítulo 2.

Integram a amostra 413 livros. Foram excluídas as publicações periódicas, mesmo tendo recebido destaque no momento da compra, pelas mesmas razões já expostas relacionadas a prazo e mão de obra técnica para o trabalho. Houve três títulos destacados que não foram localizados, são eles: *La Technique Poétique des Trouvères dans la Chanson Courttoise: contribution à l'étude de la Rhétorique Médiévale* de Rober Dragoneth; *Anales de la Universidad de Elule: El verso de arte mayor* de Julio Saavedra M.; e *Homenaje a Vicente Alexandre y Dámaso Alonso*.

A amostra reúne publicações dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, sendo o livro mais antigo datado de 1552 e o mais recente, de 1989. Foram arroladas pelas seguintes temáticas: Filologia, Linguística, Literatura, Textos Medievais, Crítica Textual, Dialectologia, Sociolinguística, Pidgin, Crioulo, Gramáticas, Versificação, Miscelâneas e Homenagens. Das obras que integram a amostra, pode-se destacar: *Cancioneiro da Ajuda - Volumes I e II*, edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de 1904; *História do descobrimento e conquista da Índia e pelos portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda (Edição do século XVI), que possui a singularidade de conter a assinatura do autor; *Memórias de um sargento de milícias*, por um brasileiro, Manuel Antônio de Almeida, Rio de Janeiro, Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1854-1855. 1ª edição da obra clássica de Manuel Antonio de Almeida, publicada sem o nome do autor.

O diagnóstico iniciou-se sem que nenhum teste químico fosse realizado nessas obras. Foi utilizada uma ficha, preenchida após exame minucioso de cada obra integrante da amostra, o que possibilitou o mapeamento dos danos de cada livro e a elaboração de uma tabela com os principais danos presentes na coleção.

A ausência de medidas preventivas de conservação adequadas expõe os acervos de bibliotecas a diversas ameaças, portanto, é necessário estabelecer um conjunto de ações para assegurar a preservação dos acervos em bibliotecas, que perpassam por conhecer a real situação do acervo por meio de seu diagnóstico. Por essa razão, é fundamental verificar a situação em que se encontram os materiais existentes na coleção, as instalações do espaço onde está reunido e a identificação dos agentes de degradação, para, posteriormente, poder definir estratégias de preservação, medidas de contenção, estacionamento e controle, que possam ser tomadas para evitar danos às publicações. O estudo realizado poderá subsidiar a adoção de políticas de preservação, com a implementação efetiva de um programa de conservação para o acervo da coleção.

4.2.1.4.1 Identificação dos danos das obras que integram a amostra

O professor Celso Cunha preocupava-se com a conservação das publicações, manifestando esse interesse na preservação dos acervos, inclusive, ao assumir a Coordenação do Núcleo de Preservação e Patologia do Livro (PRODELIVRO). Além disso, segundo pesquisa desenvolvida pela Professora Ana Paula Correa de Carvalho da Escola de Belas Artes da UFRJ, (ver capítulo 2), defendeu o projeto de criação do Instituto Nacional de Restauro nas reuniões do CEG da UFRJ. Era seu desejo que a Universidade tivesse um centro

de conservação e restauração, um Instituto de Patologia do Livro, nos moldes dos que existiam em Roma e Madri. Por ironia, sua coleção tem sofrido as consequências da falta de um centro de conservação e restauro na Universidade.

Como já foi dito em parágrafos anteriores, o mapeamento dos danos nas publicações, decorrentes da falta de infraestrutura da área de guarda do acervo, foi realizado a partir da aplicação de uma ficha de diagnóstico, que identificou os problemas a serem apontados. A primeira parte da ficha corresponde à identificação da instituição e das obras que compõem a amostra; a segunda parte, às especificações do suporte e de seu estado de conservação; e a terceira parte apresenta as especificações da encadernação e seu estado de conservação. A seguir, os dados serão apresentados de forma descritiva e por meio de gráficos e tabelas que permitiram análises quantitativa e qualitativa das ações de degradação sofridas por esse acervo.

Quanto à caracterização física das obras integrantes da amostra, segue-se o quadro abaixo:

QUADRO 4 – CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DAS OBRAS INTEGRANTES DA AMOSTRA

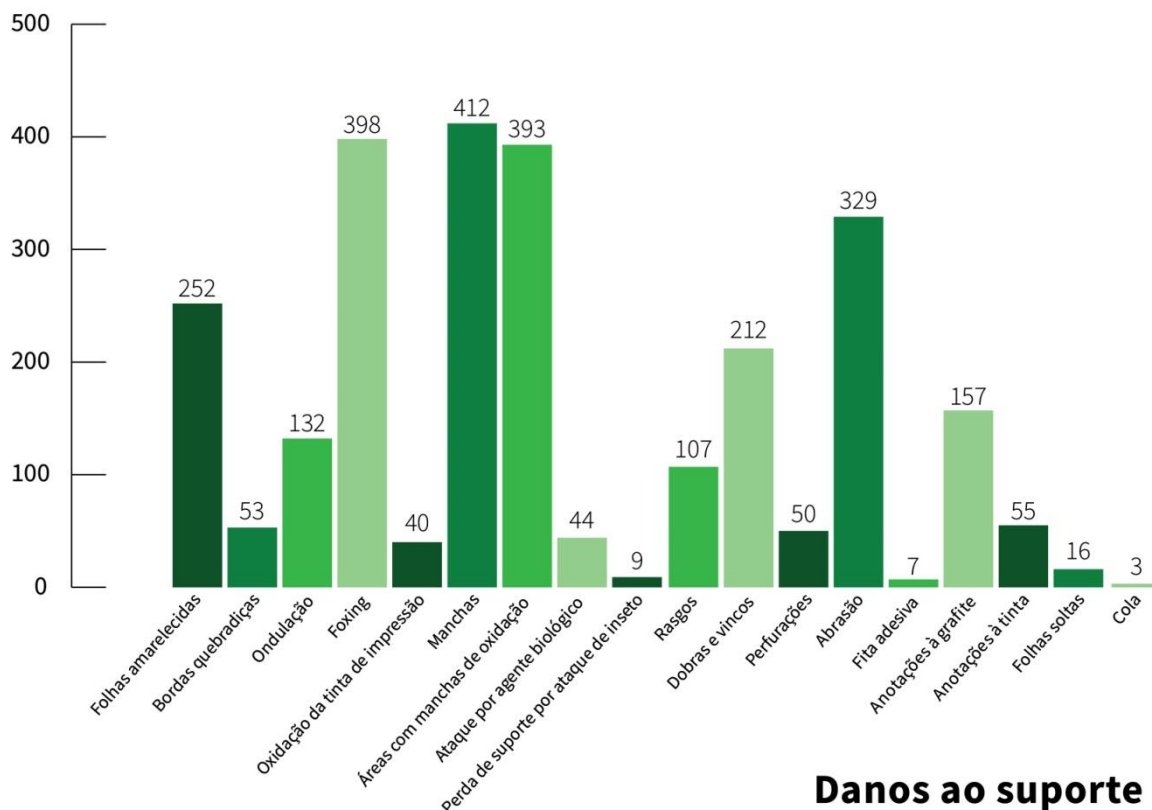
TIPO DE	DESCRIÇÃO
Encadernação	½ com cantos (39), ½ sem cantos (139), inteira (231)
Tipos de revestimento	Couro (86), couro e papel marmorizado (159), couro e papel texturizado (5), couro e tecido (4), papel (77), pergaminho (1), tecido (74), tecido e papel (1), tecido e papel marmorizado (2)
Especificação da obra	Brochura/datilografado (1), brochura/ impresso (76), encadernado impresso (330), encadernado manuscrito (3)
Tipo de papel do livro	Papel <i>couché</i> (15), papel madeira (354), papel trapo (44)
Tipo de papel da guarda	Papel camurça (1), papel <i>couché</i> (2), papel madeira (207), papel marmorizado (161), papel trapo (15), sem guarda (23)

Fonte: Dados de pesquisa da autora.

Dos itens que integram a amostra, somente um perdeu a encadernação; três deles estavam encadernados em caixas; 292 publicações apresentaram douramento na lombada; 267 tinham cabeceado industrial e 36, manuais; e 165 tinham nervos falsos e 44, nervos simples.

No gráfico 5, mostra-se a relação de danos no suporte que foram identificados na amostra:

Gráfico 5 – Danos ao suporte



Fonte: Dados de pesquisa da autora.

O gráfico fornece uma visão geral sobre o estado de conservação das publicações que integram a amostra, assim como dos danos mais recorrentes. Não foram localizadas publicações com resíduos químicos ou com perda de folhas, isto é, não houve registro desses tipos de danos. Identificou-se que 100% dos itens analisados apresentaram dano por sujidade do suporte, por isso não foi tabulado na imagem acima. As sujidades são formadas por partículas e materiais estranhos depositados sobre os documentos, que interferem em seu aspecto geral e, por vezes, causam alterações em sua leitura, propiciando aparência de descuido com o documento (SPINELLI JÚNIOR; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p. 9). De acordo com os mesmos autores, esse acúmulo de partículas que se depositam:

[...] sobre a superfície dos papéis, que em decorrência dos tipos de elementos e materiais que as compõem, costumam favorecer diversas deteriorações. Como p.ex. o aumento da umidade na superfície dos papéis e nos cortes superiores ou cabeça dos livros, possibilitando o desenvolvimento de micro-organismos e o aumento dos efeitos de uma contaminação atmosférica, propiciando o surgimento de oxidações e acidificações (SPINELLI JÚNIOR; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p.10).

A sujidade corresponde a depósitos superficiais ou penetrantes de sujeiras (poeira, restos de comida, borracha, excrementos de insetos, entre outros). Sujidades atraem insetos,

fungos e podem acidificar a região em que se depositam (PAGLIONE, 2017, p.78) (ver Figura 31).

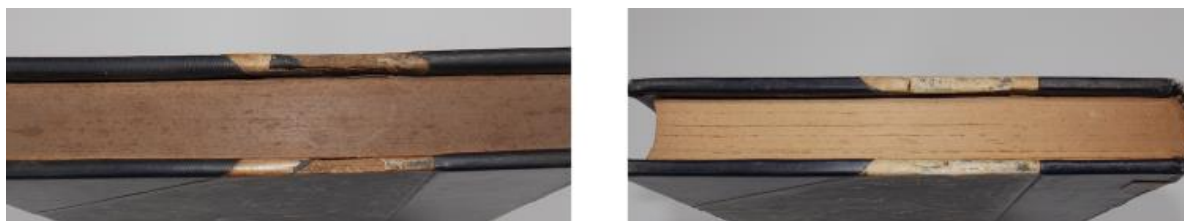


Fig. 31 – Imagens de sujidade nos cortes

Fonte: fotos da autora

O segundo maior dano identificado foram as manchas. Localizaram-se manchas de adesivo, ferrugem, oxidação e umidade; esta última correspondendo a quase 50% das manchas mapeadas na amostra. Uma quantidade significativa dessas manchas de umidade, 95, apresentaram ondulações no suporte, o que faz concluir que esses volumes tiveram contato com fontes de umidade, em um local muito úmido, que provocou tais danos.

As manchas têm as mais diversas causas. Afetam diretamente a integridade física e a aparência estética dos documentos:

Aquelas provocadas por oxidações e por colas são as mais comuns. Devem ser tratadas adequadamente, eliminando as causas que as provocam para que não se transformem em deteriorações para os documentos. As manchas de ferrugem nos papéis são geralmente provocadas pela oxidação de elementos metálicos aderidos e em contato com eles. Estes elementos podem ser grampos, cliques, fechos, etc. que em determinadas condições de umidade oxidam e geram manchas de ferrugem nos papéis. Manchas de adesivos são ocasionadas pelo uso incorreto de fitas adesivas, tipo durex, impróprias aos papéis. Com o tempo o papel, que é higroscópico, absorve a cola ácida deste tipo de fita e, esta perde seu poder de adesão e se desprende do papel gerando manchas irreversíveis no mesmo (SPINELLI JÚNIOR; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p.10-11).

As manchas são danos muito presentes em livros e documentos, tal como o aparecimento de manchas de tom marrom ao longo de uma publicação, como se um líquido escuro tivesse sido derramado sobre a superfície do papel. Essas manchas, chamadas de manchas d'água, são o resultado do acúmulo de poeira na superfície do documento aliada à umidade relativa elevada (STOCKER, 2008, p.54-55) (ver Figura 32).

através de manchas amareladas e de alteração de cores ocorre quando um material ácido entra em contato direto com o papel. A acidez, por sua vez, despolimeriza a celulose, enfraquecendo o papel (PAGLIONE, 2017, p.62) (ver Figura 34).

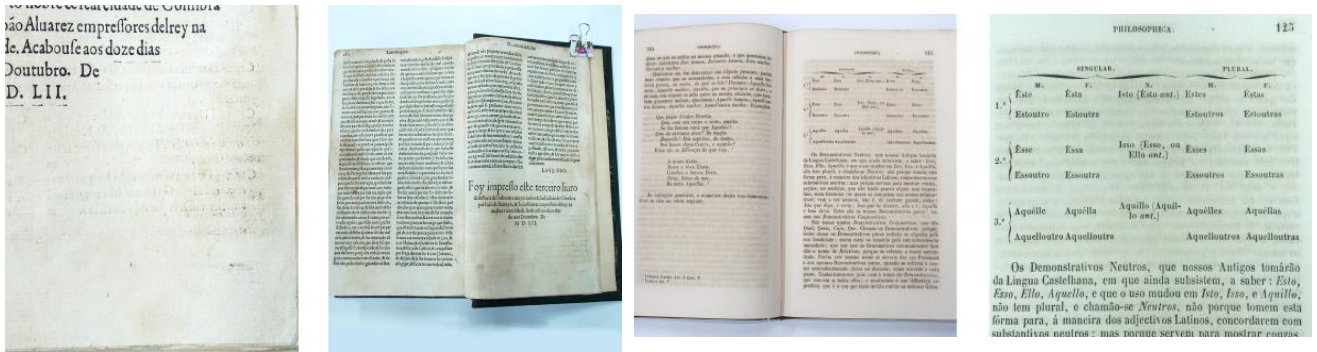


Fig. 34 – Imagens de migração e oxidação da tinta de impressão

Fonte: fotos da autora

O *foxing* foi o terceiro dano mais recorrente. Trata-se de uma deterioração, que se caracteriza pelo surgimento de manchas de cor castanha no papel. Até hoje, sua origem gera controvérsias. Há pesquisadores que pensam tratar-se de um micro-organismo, porém outros defendem que são manchas originárias do processo de oxidação de impurezas metálicas, que ficaram nos papéis durante sua formação. Esse tipo de deterioração tende a aparecer em documentos que tenham ficado em contato direto com papéis ácidos ou em obras que tenham sido emolduradas com cartões e papéis de baixa qualidade arquivística (SPINELLI JÚNIOR; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p.13) (ver Figura 35).

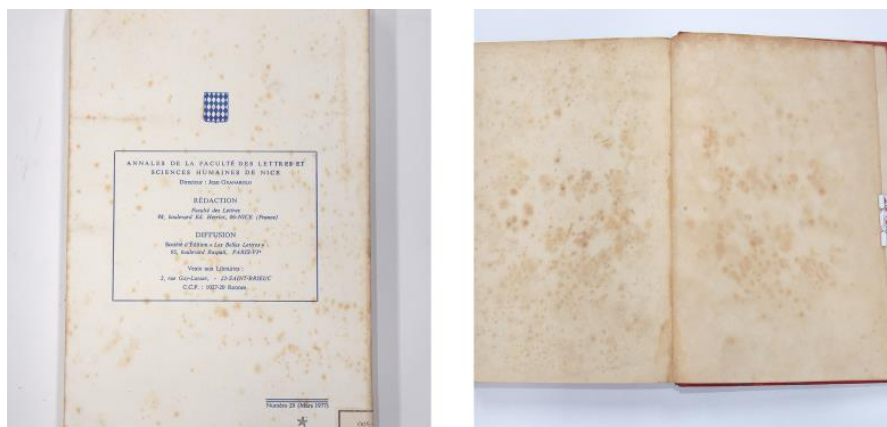


Fig. 35 – Imagens de foxing

Fonte: fotos da autora

Segundo Menezes, o *foxing* biológico é causado pelo fungo que reage com o papel em um processo lento, podendo estar associado aos sais de ferro presentes no papel. É um sério problema de conservação, já que a mancha migra para páginas sucessivas, causando danos irreversíveis. Já o *foxing* mineral é resultado da oxidação de materiais contidos na impureza do papel, durante o processo de manufatura (RAKOTONIRAINY *et al*, 2007; SARANTOPOULOU *et al*, 2003 apud MENEZES, 2009, p.8).

A abrasão também teve grande incidência na análise. Define-se como um desgaste de superfície decorrente de ação mecânica causadora de atrito. A abrasão fragiliza o material, ajudando os processos de rasgos e perdas. Muitas vezes, a abrasão em capas de couro é confundida com *red rot*³¹ (PAGLIONE, 2017, p.26) (ver Figura 36).



Fig. 36 – Imagens de abrasão e desgaste

Fonte: fotos da autora

³¹ Trata-se da desintegração do couro em um pó vermelho, conhecido como *red rot*.

Seguindo-se a esses danos, dobras e vincos são o quinto mais recorrente (ver Figura 37). A dobra é a parte do material que se sobrepõe à outra parte de si; a dobra é um dano físico, que acarreta o enfraquecimento das fibras do papel na região (PAGLIONE, 2017, p.46). Já o vinco consiste na deformação decorrente da dobra e que fragiliza o papel. São áreas mais propensas a rasgos e perdas de material (PAGLIONE, 2017, p.80). O manuseio incorreto e as condições inadequadas de acondicionamento e armazenamento de publicações contribuem para esse tipo de dano.



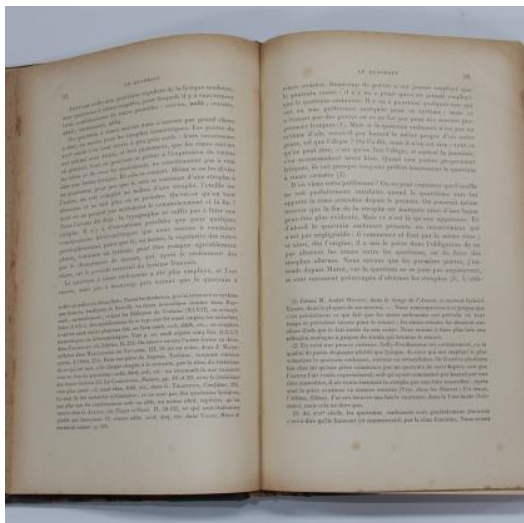
Fig. 37 – Imagem de dobras e vincos

Fonte: fotos da autora

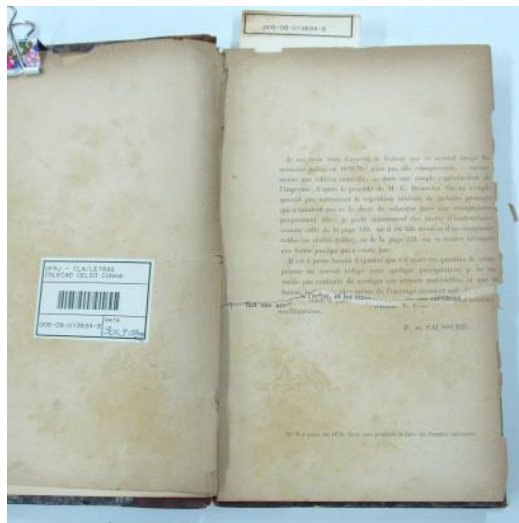
As folhas amarelcidas podem decorrer de um papel ácido ou de uma variação de temperatura e umidade (ver Figura 38). A contração e alongamento das fibras do papel, ocasionada por este desequilíbrio, também leva à ocorrência de outros danos, como bordas quebradiças e rasgos. Não foi possível realizar teste de PH para identificação do nível de acidez dos papéis das publicações da amostra.

O rasgo é dano físico em que as fibras do papel são rompidas por uma força física aplicada, deixando bordas irregulares (PAGLIONE, 2017, p.70), provocado por manuseio incorreto, armazenamento inadequado ou fragilidade do papel decorrente, de uma umidade e temperatura elevadas. Em relação às causas do amarelecimento dos papéis, duas se destacam: 1º) o grau de acidez do papel, que pode gerar escurecimento, amarelecimento e fragilidade; 2º) a luz que, como é um dos principais agentes de degradação dos papéis, facilita o surgimento do processo de oxidação, que é acentuado quanto maior for a quantidade de lignina existente no papel (SPINELLI JÚNIOR; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p.12).

Folhas amarelecidas



Rasgos



Bordas quebradiças



Fig. 38 – Imagens de publicações com folhas amarelecidas, bordas quebradiças e rasgos
Fonte: fotos da autora

Dos 413 volumes selecionados para a amostra, 252 estão com as folhas amarelecidas e, deste conjunto, 49 possuem bordas quebradiças. As bordas ficam mais expostas à poeira.

O enfraquecimento do papel é ocasionado pelo movimento de contração e dilatação na sua estrutura. Independentemente do tipo de fibra, ele absorve e perde água de acordo com a taxa de umidade existente no local em que está sendo mantido. Essa oscilação de umidade faz com que as fibras se dilatam, ao absorverem excesso de umidade, e se contraíam, ao perderem umidade, e que leva ao seu enfraquecimento. Além da fragilização do papel, são decorrentes da umidade: a destruição da celulose, colas e outros adesivos, fios de encadernação, couros, pergaminhos e plásticos. Quando a umidade encontra-se em equilíbrio, com a temperatura em torno de 21°C e a umidade relativa do ar em torno de 50%, a força mecânica do papel aumenta.

Outro dano mapeado foram as ondulações. Essas são deformações causadas pela interferência da umidade nas fibras do papel, que secou de modo não uniforme. São mais pronunciadas quando um suporte é aderido a outro com sentido de fibra diferente (PAGLIONE, 2017, p.64) e podem ocorrer a partir de manchas de umidade. Esse dano foi provocado pela umidade do local de guarda da coleção e agravado pelo vazamento dentro da área de acervo (ver Figura 39).

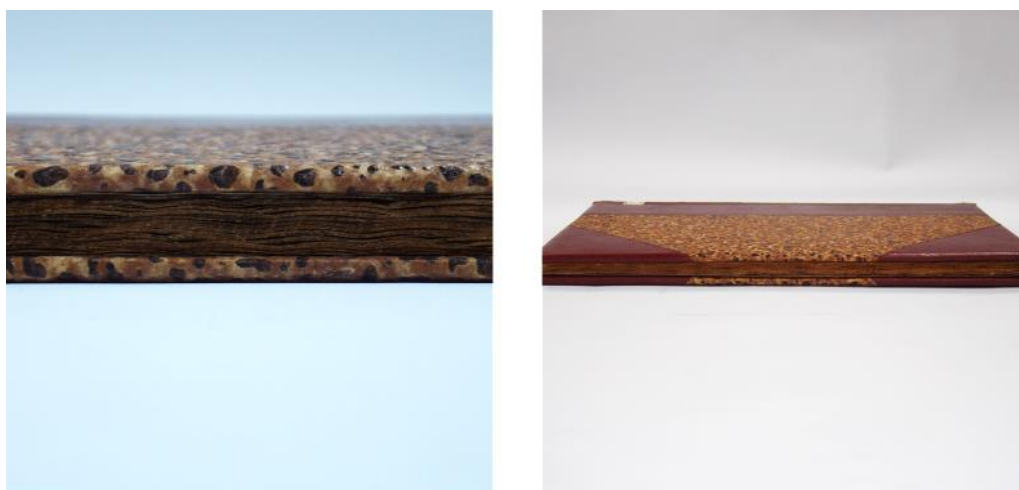


Fig. 39 – Imagens de Ondulações

Fonte: fotos da autora

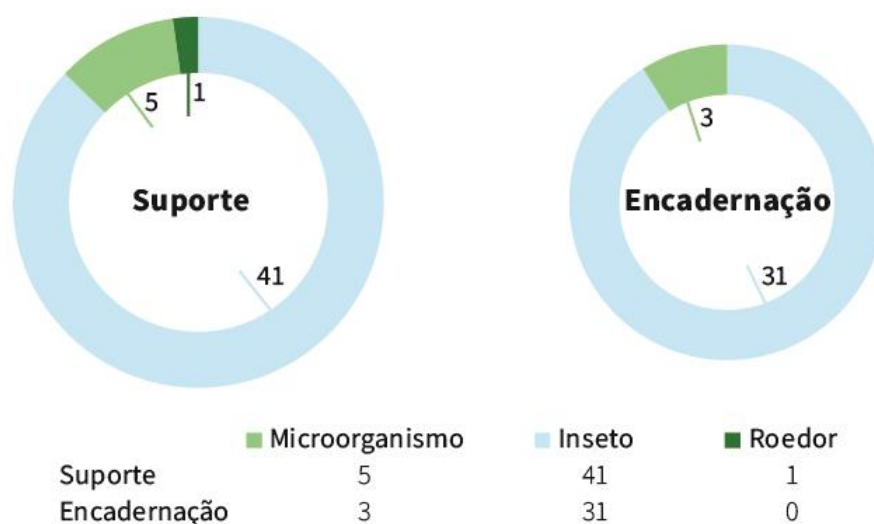
Os danos relacionados ao uso de fita adesiva, de cola, anotações a grafite e à caneta³² são muito ligados à ação do homem. Rabiscar, dobrar, colocar cliques e grampos metálicos, remendar com fita adesiva, entre outras ações, contribuem para a degradação do acervo. A fita adesiva corresponde a tiras de plástico com cola, usadas comumente para remendos de rasgos e cortes. A cola da fita adesiva provoca manchas e danifica o suporte, deixando frágil a região na qual fora aplicada (PAGLIONE, 2017, p.50). A incidência desses tipos de danos foi pequena na amostra. Além disso, não foram identificadas obras que tenham perdido folhas nem que tivessem resíduo de produto químico; o número de folhas soltas foi pequeno diante do tamanho da amostra. Somente com uma educação patrimonial de usuários e funcionários sobre o manuseio, acondicionamento e armazenamento adequados dos livros pode-se evitar esse tipo de dano às publicações.

³² As anotações a grafite e à caneta são consideradas também características do item, dependendo de sua procedência, valoriza a publicação. São as chamadas marginalias de grande relevância nos estudos das bibliotecas particulares. Na perspectiva da conservação, são vistas como danos, mas sob a ótica da história do livro são marcas de leitura.

Calor e umidade interagem de maneira combinada com outros fatores e potencializam as degradações por radiação e por deposição de poluentes, bem como promovem um ambiente favorável à proliferação biológica nessa tipologia de acervos orgânicos (SOUZA; FRONER, 2008).

Os danos por ataque de agentes biológicos estão diretamente relacionados ao controle de umidade e temperatura do acervo: quando esses dois fatores estão elevados, proporcionam o ambiente ideal para o desenvolvimento de micro-organismos na coleção. Como já foi dito nos parágrafos anteriores, nos quais se relatou o histórico de ataques sofridos pelo acervo, o ambiente quente e úmido leva à proliferação desse agente de deterioração nas publicações (ver Gráfico 6):

Gráfico 6 – Ataque biológico ao suporte e a encadernação



Fonte: Dados de pesquisa da autora.

Sofreram ataque biológico ao suporte, 41 publicações por inseto, 5 por micro-organismo e 1 por roedor (Figura 40), conforme apresentado no gráfico acima. Considera-se como ataque inativo aquele ocasionado por insetos e roedores e como ataque ativo os ocasionados por micro-organismos. Não foram realizados exames laboratoriais para essa confirmação. Dessa maneira, 5 estão ativos e 42, inativos. O miolo das obras foi mais atacado do que as suas encadernações. A encadernação das obras foram atacadas por 31 insetos e 3 micro-organismos, mas nenhum roedor. Do ataque à encadernação, 3 estão ativos e 28,

inativos. Como pode ser visto, as publicações foram mais atacadas por insetos do que por micro-organismos. Houve 9 perdas de suporte e 50 obras com perfurações decorrentes de ataques por insetos.

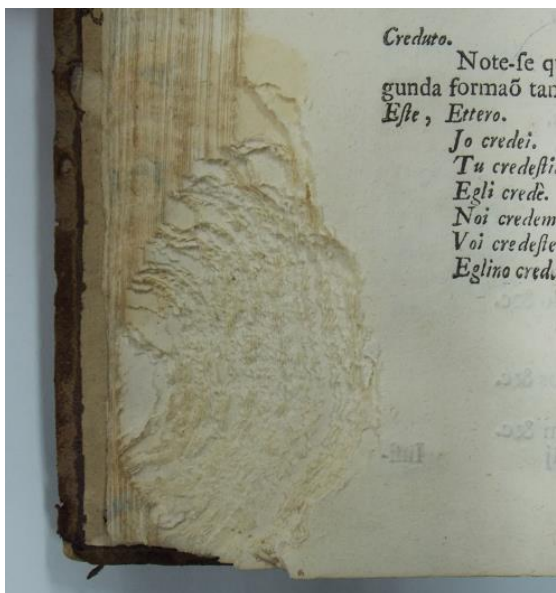
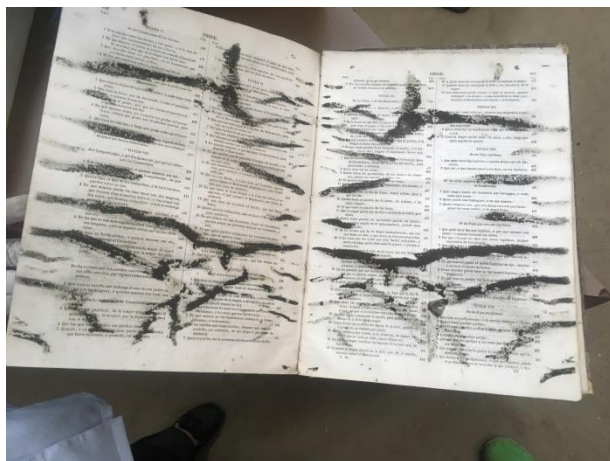
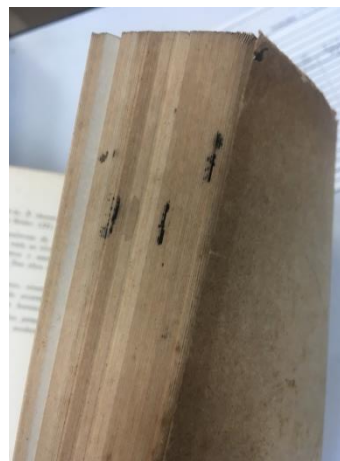


Fig. 40 – Ataque de roedor

Fonte: fotos da autora

A proliferação de agentes biológicos pode causar sérios danos ao acervo. Fungos, bactérias, insetos e roedores resultam de inobservância de cuidados com o acervo e com o ambiente (ver Figura 41). Para que atuem e se proliferem, esses agentes necessitam de temperatura e de umidade elevadas, de pouca circulação de ar e de falta de limpeza do local. Entre os insetos, estão as traças (*Tisanuros*), que penetram nos livros; as baratas (*Blattaria*), que se alimentam de papel e das colas usadas nas encadernações; as brocas (*Anóbios*), que danificam livros e documentos desde a sua fase larval e se instalam já quando nascem e permanecem ali, abrindo caminho à medida que seu tamanho e sua fome vão crescendo; os cupins (*Térmitas*), que também podem causar grandes estragos a livros e documentos, e podem ser de madeira seca ou cupins de solo, sendo este último o mais devastador, pois forma grandes ninhos subterrâneos, alcançando facilmente as edificações por meio de galerias e, conseqüentemente, a biblioteca, alimentando-se de papel, em especial úmido e infestado de micro-organismos. Os micro-organismos mais conhecidos, presente nos suporte papel, são os fungos e bactérias, que atacam os livros e documentos e deixam manchas irreversíveis, alimentando-se da celulose e de outras substâncias presentes no papel.

Ataque por inseto**Ataque por cupim****Ataque por fungo****Ataque por fungo****Fig. 41 – Imagens de ataque biológico**

Fonte: fotos da autora

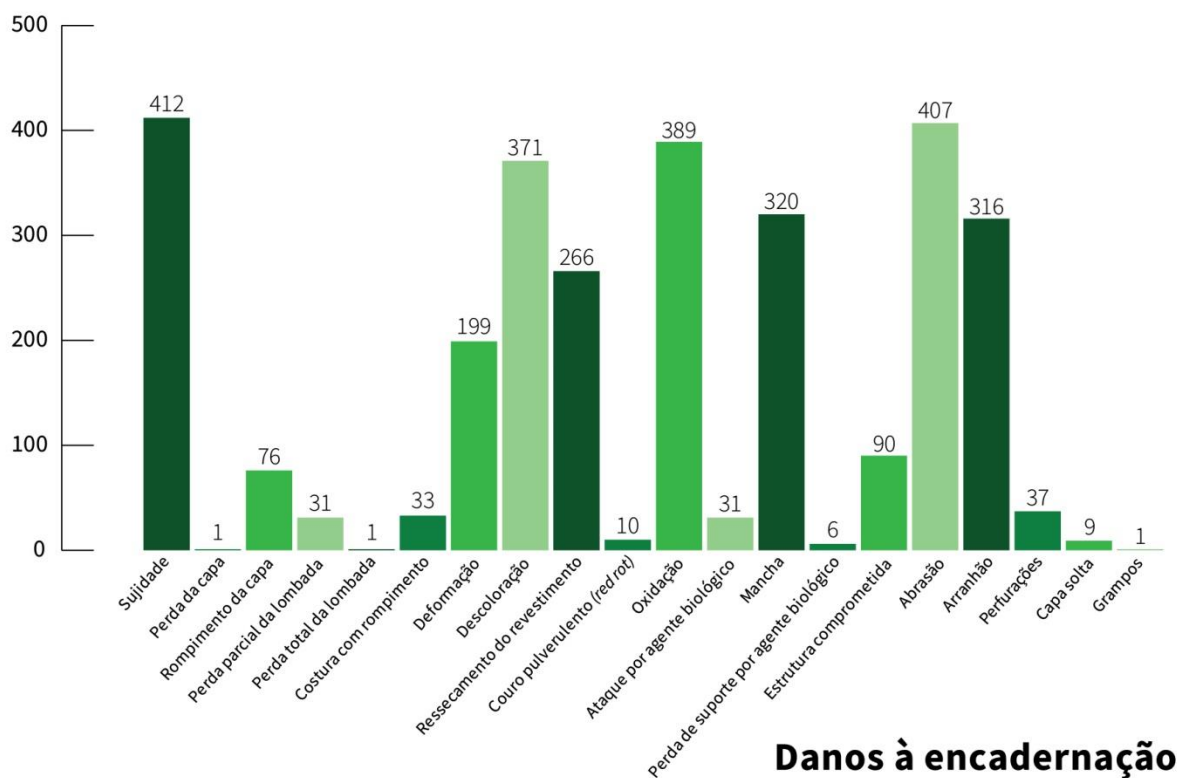
De acordo com Spinelli Júnior, Brandão e França, as causas dessas deteriorações são decorrentes principalmente de dois fatores: existência de alimentos nos componentes formadores do papel, como celulose, açúcares e glicose, e ambientes adequados em termos de umidade e temperatura que favorecem a vida, o desenvolvimento e a reprodução destes agentes (SPINELLI JÚNIOR; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p.12).

Em suma, os danos encontrados no miolo das publicações, em sua maioria, são decorrentes das variações de temperatura e umidade da área de guarda da coleção: folhas amarelcidas, *foxing*, áreas com manchas de oxidação, perfurações (insetos), bordas quebradiças (oxidação), oxidação da tinta de impressão, ataque por agentes biológicos, rasgos,

ondulação, manchas (ferrugem, umidade, agravada oxidação, dado o desequilíbrio entre a T e a UR), folhas soltas, o que se depreende por causa dos rasgos ocasionados pela hidrólise.

Podemos verificar a relação dos danos identificados nas encadernações da amostra no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Danos à encadernação



Fonte: Dados de pesquisa da autora.

De acordo com o gráfico acima, um dos volumes da amostra perdeu a encadernação e somente um perdeu a capa; 76 obras tiveram rompimento de capa, 25 na capa anterior, 7 na capa posterior e 44 apresentaram rompimentos na anterior e posterior; 31 tiveram perda parcial da lombada e somente um teve perda total. Em relação à costura das encadernações, 33 apresentaram rompimento e 199 tiveram deformação da encadernação (ver Figura 42). A descoloração foi identificada em 371 encadernações; assim como 266 apresentaram ressecamento do material de revestimento (ver Figura 42); O couro pulverulento foi identificado em 10 encadernações; 389 apresentaram oxidação das capas e 31 sofreram ataque por agente biológico; 6 perderam o suporte por ataque de inseto; 320 estavam manchadas; 90 tiveram comprometimento da estrutura da encadernação; 407 com abrasão, 316 com arranhão, 37 com perfurações na capa (ver Figura 42); 9 itens com capa solta e 1 com grampos.

Deformação



Ressecamento do revestimento da encadernação



Perfuração na encadernação



Arranhão



Fig. 42 – Imagens de danos na encadernação

Fonte: fotos da autora

Ressalte-se que foi localizado *foxing* em 21 capas de brochura e, nas sobrecapas, identificaram-se 44 volumes com abrasão, oxidação, descoloração, rasgos, sujidade, *foxing* e mancha de umidade; destaca-se, ainda, que as capas dos livros com sobrecapa apresentaram melhor estado de conservação. Nas lombadas, também se identificaram: rasgos na coifa (ver Figura 43), desprendimento, perda, intervenção em papel japonês e rompimento de guarda.



Fig. 43 – Rasgos na lombada

Fonte: fotos da autora

Assim como identificado nos danos ao suporte, as encadernações também apresentaram sujidade em sua totalidade. A abrasão foi o segundo maior dano levantado, ocasionado por atrito entre as publicações, que fragiliza as capas e pode provocar rasgos e perdas de lombadas (ver Figura 44). A oxidação foi o terceiro dano mais recorrente; ela utiliza o oxigênio do ar e quebra as moléculas do material (ver Figura 44).

Abrasão na encadernação



Oxidação na capa

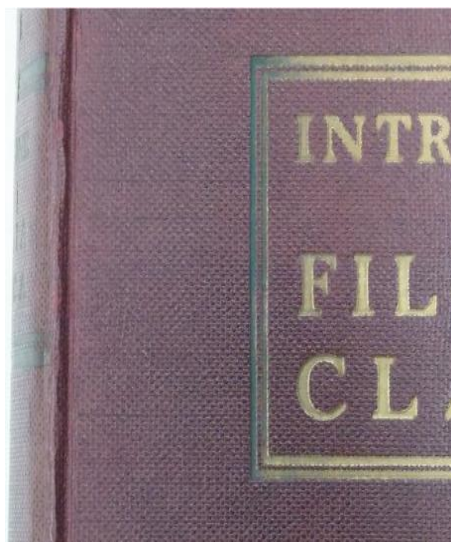


Fig. 44 – Danos de abrasão e oxidação na capa

Fonte: fotos da autora

A descoloração das encadernações ocorre quando o pigmento do elemento sustentado (tinta, lápis, impressão) sofre alguma decomposição físico-química, causando esmaecimento

ou alteração visual (PAGLIONE, 2017, p.42). Desse modo, trata-se da perda de intensidade da cor original da capa (ver Figura 45).



Fig. 45 – Imagens de descoloração

Fonte: fotos da autora

Os volumes em couro apresentaram mais danos nas encadernações. Algumas delas estão esfarelando-se, em processo de desintegração, o que caracteriza o couro pulverulento. Segundo Beck (2014), este dano ocorre principalmente pela reação da acidez intrínseca do couro com a luz, umidade e poluentes, levando à quebra da estrutura da fibra de colágeno. As lombadas foram as mais expostas a esse processo, pois, em virtude de as capas ficarem mais protegidas nas prateleiras, mantiveram-se em melhor estado (ver Figura 46).



Fig. 46 – Imagens de publicações com couro pulverulento

Fonte: fotos da autora

Outro dano mapeado foi o rompimento total ou parcial da lombada das publicações. Isso pode ter ocorrido por mau uso ou pela gradual deterioração química do couro, detalhada no parágrafo anterior. A lombada, ao se desprender, deixou a costura exposta, conforme se pode notar nas figuras abaixo (ver Figura 47). Os danos na costura ocorreram quando esta se

rompeu e os cadernos soltaram-se, deixando o miolo da publicação sem proteção e levando ao desprendimento de folhas do suporte.

Rompimento na capa



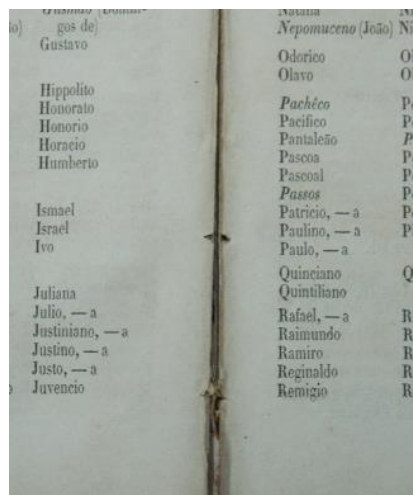
Rompimento de estrutura



Capa solta



Costura com rompimento no miolo



Rompimento na guarda



Folhas soltas

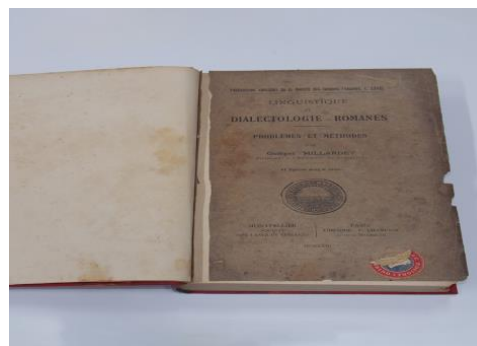


Fig. 47- Imagens de danos na encadernação

Fonte: fotos da autora

O ataque por agente biológico ocorreu em algumas encadernações. As de couro, sobretudo, foram as mais atacadas por cupins e brocas (ver Figura 48). Desses insetos, as brocas são as que preferem atacar as encadernações, porque as fêmeas adultas depositam seus ovos em fendas ou ranhuras das lombadas e capas (BECK, 2014). A infestação está inativa, porém os sinais de perfurações e excrementos estão presentes nos volumes. Os danos por ataque de insetos colaboram para o desprendimento de capas e lombadas.

Ataque por inseto



Ataque por microorganismo



Perfurações

Perfurações



Perda da capa



Fig. 48 – Imagens de danos por ataque biológico na encadernação

Fonte: fotos da autora

Analisando as informações do gráfico 7, vê-se que o comprometimento da estrutura das encadernações devido aos danos foi de 21,79%. Os volumes da amostra em melhores condições são as encadernações em tecido. Dos volumes com capa em couro 2,42 % tiveram a estrutura comprometida. Além disso, apresentaram o maior número de perda parcial de lombada e de rompimentos na costura.

Estabelecendo uma prioridade de tratamento de conservação e acondicionamento em relação aos danos observados nas encadernações, optou-se por tratar primeiro os 10 volumes em capa de couro pulverulento, para que não migrem para os outros itens; em segundo lugar, os 33 volumes que tiveram rompimento da costura; e, por último, os itens com rompimento na capa, na guarda e na lombada.

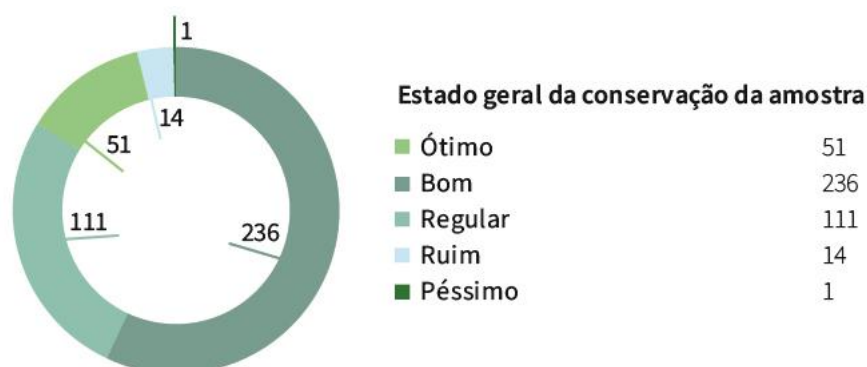
No quadro 5 abaixo, apresentam-se, resumidamente, os danos identificados tanto no suporte quanto na encadernação das publicações que integraram a amostra do diagnóstico de conservação, classificados por agente de deterioração.

Quadro 5 – Relação de danos físicos, químicos e biológicos identificados na amostra

Relação de dano por tipo na amostra			
	Físico	Químico	Biológico
Danos ao suporte	Anotações à tinta, anotações à grafite, rompimento de guarda, ondulação, rasgos, dobras/vincos, perfurações, abrasão, manchas de umidade	Folhas amarelecidas, bordas quebradiças, <i>foxing</i> , oxidação da tinta de impressão, migração da tinta de impressão, mancha de ferrugem, mancha de adesivo, mancha de oxidação, fita adesiva, cola	<i>Foxing</i> , ataque por agente biológico (microorganismos, insetos e roedores), perda de suporte por ataque de inseto, sujidade
Danos à encadernação	Perda da capa, rompimento de capa, perda parcial de lombada, perda total de lombada, costura com rompimentos, deformação, abrasão, arranhão, perfurações, capa solta, mancha de umidade	Descoloração, ressecamento do material de revestimento da encadernação, oxidação	Couro pulverulento (<i>red rot</i>), ataque por agente biológico (microorganismos, insetos e roedores), perda de suporte por ataque de inseto, sujidade

Fonte: Dados de pesquisa da autora.

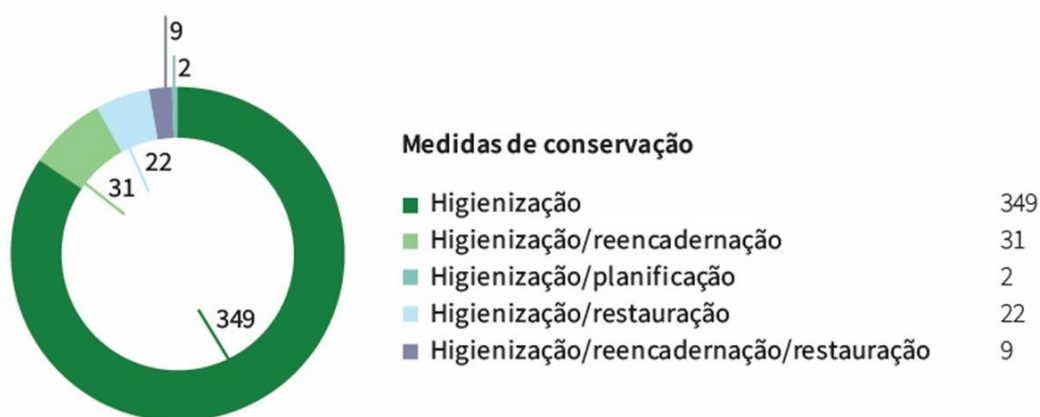
O estado geral de conservação do miolo e das encadernações das publicações da amostra foi categorizado em: ótimo, bom, regular e péssimo. Nos casos considerados **ótimo**, a publicação apresenta pouca abrasão, pouca mancha, pouco desgaste, sem rasgos, sem dobras e vincos e sem comprometimento da estrutura do livro e da encadernação. Considera-se como **bom** a publicação que apresenta pouca abrasão, pouca mancha, pouco desgaste, sem rasgos, sem dobras e vincos, com marcas de uso e sem comprometimento da estrutura da encadernação. **Regular** refere-se à publicação que sofreu algum tipo de intervenção decorrente de ataques por agentes, rompimento da guarda parcial ou total, folhas soltas e ondulação. **Ruim** atribui-se à publicação que apresenta folhas amarelecidas, quebradiças, ondulação, manchas, rasgos, abrasão/desgaste, *foxing* ou qualquer outro dano que dificulte a leitura e a consulta da obra, exija um cuidado maior para uso e apresente comprometimento parcial da estrutura. Como **péssimo** classificam-se as publicações que apresentam todos os itens anteriormente descritos, além do comprometimento total da estrutura do livro e da encadernação. No gráfico 8 abaixo, demonstra-se essa categorização:

Gráfico 8 – Estado geral de conservação da amostra

Fonte: Dados de pesquisa da autora.

Avaliando o conjunto da categorização das publicações, percebe-se que mais de 69,49% estão em ótimo e bom estado de conservação, somente 3,39 % estão ruins e apenas um item foi considerado péssimo. Apesar das condições de guarda inadequadas à coleção, em seu conjunto ela encontra-se em bom estado de conservação, o que demonstra um equilíbrio da coleção nesse ambiente.

Levando-se em consideração a análise do diagnóstico de conservação da Coleção Professor Celso Cunha, constata-se que os itens estão, em sua maioria, em bom estado de conservação. Conforme demonstrado no gráfico a seguir, foram recomendadas algumas medidas de conservação para preservação da coleção.

Gráfico 9 – Medidas de conservação

Fonte: Dados de pesquisa da autora.

Como medida de conservação preventiva, recomenda-se a higienização de todas as publicações. Entretanto, fazem-se necessárias, além da higienização, algumas outras ações, como:

- reencadernação de obras com rompimentos na lombada e na capa e que apresentam couro pulverulento;
- planificação de alguns itens que apresentam ondulações decorrentes do desequilíbrio entre a temperatura e a umidade do espaço de guarda;
- restauração de obras muito danificadas que apresentam comprometimento de sua estrutura, que estão com a guarda e costura rompidas, com ataques de insetos e folhas quebradiças ocasionadas pela oxidação das publicações causadas pela variação de temperatura e umidade.

Foi na intenção de identificar a vulnerabilidade desta coleção, diante da ação dos agentes de deterioração, para melhor planejar sua preservação para gerações atuais e futuras, que se buscou entender os processos de deterioração da Coleção Professor Celso Cunha e foi visando a preservar a diversidade dos objetos do acervo, que se mapearam os danos das publicações e da área de guarda.

5 CONCLUSÃO

“[...] antes esgota-se o pesquisador que o assunto pesquisado”.

Luiz Milanesi

O diagnóstico de conservação da coleção professor Celso Cunha pretendeu avaliar o estado de conservação do acervo e de como o espaço de guarda interfere na sua preservação.

Foram objetivos da pesquisa a identificação dos riscos aos quais a coleção está exposta, o levantamento da história da institucionalização dessa coleção particular e a discussão da representação dessa memória pessoal nesse lugar de memória especial que é a Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ, espaço de sua preservação.

A pesquisa buscou investigar as condições ambientais às quais a coleção está exposta e de que maneira isso se reflete no estado material das publicações bibliográficas como parte de seu diagnóstico. Destacou-se a necessidade de controle e monitoramento da temperatura e umidade relativa do ar, a partir das variações identificadas no período do estudo. Além disso, foram identificados micro-organismos nos itens da coleção, entre outros fatores de perda e danos efetivos já encontrados. Torna-se agora necessária a ação de uma equipe multidisciplinar formada por bibliotecários, arquivistas, museólogos e conservadores, para se elaborar um plano de conservação preventiva a partir do resultado desse diagnóstico.

Os três aspectos estudados na pesquisa estão intrinsecamente relacionados. A história do pesquisador e a formação de sua biblioteca se entrelaçam com a história da institucionalização desse acervo especial na UFRJ, trajetórias que se cruzam na formação de um mesmo acervo que se quer ver preservado para o uso de estudantes, estudiosos e apaixonados pelos temas colecionados.

No bojo desse processo, a discussão sobre o gerenciamento da coleção fundamenta essas questões. A réplica do escritório do professor Celso Cunha na área de guarda do acervo, isto é, a imortalização de uma memória individual em um espaço de memória coletiva, impacta diretamente a conservação e a preservação dessa coleção. Na medida em que as publicações são armazenadas em mobiliário de madeira, em uma sala com piso de carpete, para prestar homenagem ao possuidor da coleção, materiais considerados inadequados para sua preservação impactam o seu gerenciamento. Além disso, há a escassez de recursos financeiros e de pessoal, para tratamento de um acervo apartado dos demais, o que também impacta a sua gestão.

Apesar de tudo isso, sabe-se da importância de reunir a coleção em um só lugar para estudo dos rastros de memória deixados por seu possuidor nos itens do acervo e para reconstituição de um caminho de pesquisa indicativo da construção de uma área de conhecimento a partir do olhar de um dos maiores pesquisadores da Língua Portuguesa, além da identificação de um plano de leitura da produção científica de uma área de Letras.

Cabe ressaltar que, ao estudar o ambiente da área de guarda da coleção mapeando-se os danos nas publicações, decorrentes do espaço inadequado para sua preservação, pretendeu-se ampliar a visão dos riscos ao acervo e, assim, subsidiar a elaboração de um plano de conservação preventiva para coleções especiais a ser implantado na instituição.

Levando em consideração a análise do diagnóstico de conservação da coleção professor Celso Cunha, enumeraram-se algumas estratégias e ações de conservação preventiva:

- Manter a umidade relativa e a temperatura estável para prevenir a deterioração do acervo;
- Promover a higienização da Coleção e o acondicionamento dos itens mais fragilizados para garantia de uma guarda adequada;
- Reduzir a poeira do ambiente com a manutenção de uma rotina de limpeza da área de guarda e das publicações.
- Fazer inspeções periódicas pela área de guarda para identificação de insetos, roedores e micro-organismos na coleção;
- Instalar telas de bloqueio nas saídas dos dutos de ventilação do ar condicionado central desativado para evitar a entrada de insetos e roedores no acervo;
- Listar os itens da Coleção de acordo com os critérios de prioridade para realização de procedimentos de conservação e restauro apresentados no capítulo 4, como medidas a serem tomadas em relação aos volumes mais danificados;
- Formar uma equipe multidisciplinar para elaboração de um plano de conservação preventiva para o acervo a partir dos resultados do diagnóstico de conservação realizado na coleção Professor Celso Cunha.

As bibliotecas universitárias têm como objetivo dar apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão, suprir as necessidades informacionais, tanto acadêmicas quanto científicas, de estudantes, professores, pesquisadores da instituição e externos, além da

comunidade acadêmica em geral. Com essa missão, o acervo da instituição deve estar disponível para o acesso. Pensar na preservação e conservação da Coleção é imprescindível.

Na biblioteca da Faculdade de Letras existem outras coleções especiais e na Universidade tem-se pelo menos uma coleção especial em cada uma das bibliotecas que integram o sistema, e que necessitam todas com urgência de diagnóstico, tratamento emergencial e armazenamento em local adequado. Partes da memória institucional e científica continuam a pedir socorro não só na Letras, mas nas diversas bibliotecas da UFRJ. É necessário um projeto de investimento coletivo nas coleções especiais da Universidade a fim de evitar sinistros e perda da memória científica, acadêmica e institucional nela produzidas.

O professor Celso Cunha preocupava-se com a conservação e preservação de livros, os seus e os de outros. Em sua casa, dispunha de isolamento especial contra a umidade para preservação de sua biblioteca. Na Universidade, foi um defensor da criação de um centro de conservação e restauração na UFRJ. Como paradoxo, a coleção professor Celso Cunha sofre com a inexistência desse centro e com a ausência de ações de preservação e conservação de seu acervo.

A coleção encontra-se hoje, como foi apresentado nesta pesquisa, em condições inadequadas para sua preservação e conservação. O que determinará a sua permanência como fonte de conhecimento e lugar de memória serão as escolhas que fizermos e o impacto que essas escolhas terão sobre a coleção. Por isso, as ações de conservação precisam ser vistas como atividades permanentes e rotineiras dos serviços prestados por essa biblioteca – como de resto, de todas as bibliotecas. E somente dessa maneira, poderão ser garantidas a manutenção e a longevidade do acervo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ABREU, Regina. O Museu Histórico Nacional e a nostalgia de um império idealizado. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Org.). **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001.

ATHAYDE, Austregésilo. Adeus ao acadêmico Celso Ferreira da Cunha. **Revista da Academia Brasileira e Letras**, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 53-54, jan./jun.1989.

ATKINSON, Ross W. Seleção para preservação: uma abordagem materialística. In: PLANEJAMENTO de preservação e gerenciamento de programas. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. p. 17-29. (CPBA, 34).

AZEVEDO, Elisa de Mello Kerr. **O Espaço da Biblioteca e os fatores que impactam a preservação das coleções**. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; LINO, Lúcia Alves da Silva. **O inventário da Biblioteca Lélío Gama**: recuperação da memória e relevância para estudos afins. In: Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 128, ano 2008, p. 219-229, 2010. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2008_00128.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2017.

BARBOZA, Kleumanery de Melo. **Gestão de riscos para acervos museológicos**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

BARROS, Manoel de. Menino do mato. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017. p.85.

BATISTA, Denise Maria da Silva; RANGEL, Marcio Ferreira. Museus Castro Maya: de coleção privada a museu público. In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST - v.5, n. 2, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Micro/Downloads/265-963-1-PB.pdf>. Acesso em 23 mar. 2018.

BECK, Ingrid. **Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos**: sobre o projeto. Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: <<http://www.arqsp.org.br/cpba/>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

BECK, Ingrid. O diagnóstico como ferramenta de conservação preventiva: aspectos históricos. In: BECK, Ingrid. **Manual de diagnóstico de conservação para acervos arquivísticos e bibliográficos**. Brasília, DF: IBRAM, 2014.

BECK, Ingrid. **O Ensino da Preservação Documental nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia**: perspectivas para formar um novo profissional. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

BECK, Ingrid. A importância do planejamento de preservação. **Arq. & Adm.**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.19-30, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4177736/mod_resource/content/1/duranti%20Rumo%20a%20uma%20teoria%20arquiv%C3%ADstica%20de%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20digital.pdf> Acesso em: 8 mar. 2018.

BECK, Ingrid. **Manual de conservação de documentos**. Rio de Janeiro: ACAN, 1985. (Publicações Técnicas, 42).

BECK, Ingrid (Org.). **Caderno técnico: meio ambiente**. Rio de Janeiro: Projeto de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-191.

BRADLEY, Susan M. Os objetos têm vida finita? In: MENDES, Marilka et al (Org.). **Conservação: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. p. 15-34.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

THE BRITISH LIBRARY. National Preservation Office. **Preservação de documentos: métodos e práticas de salvaguarda**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2003.

CABRAL, Maria Luísa Rosendo. **Patrimônio bibliográfico e bibliotecas na construção da identidade coletiva entre um conceito e o seu desenvolvimento, 1750-1800**. 2013. (Tese). Disponível em: <<file:///C:/Users/Micro/Downloads/1.%20Vol.%201%20Tese%20Doutoramento.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de Memória: uma proposta de definição**. São Paulo: SESC, 2015.

CÂNDIDO, Antônio. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. **Notícia bibliográfica e história**. Campinas, n.135, p. 82-86, 1990.

CARDOSO, Wilton. Celso Cunha e a Filologia Nacional. **Linguagem: revista brasileira de estudos de língua e literatura**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 9-13, 1990.

CARREIRA, Almir Rodrigues. Carta do Diretor da Divisão de Contratos e Serviços enviada a Cinira Cunha solicitando informações referentes ao acervo da biblioteca do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 28 de fev. 1991.

CARVALHO, Ana Paula Corrêa de. **O Curso de Especialização em Conservação de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da UFRJ: contribuições para a preservação do patrimônio**. 2017. 00 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2018.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de. **O espaço como elemento de preservação dos acervos com suporte em papel.** 1998. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 13 abr. 2000.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de. Preservação, Arquitetura e Clima. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES E RESTAURADORES DE BENS CULTURAIS - ABRACOR, 9., 1998, Salvador. Anais... Salvador, 1998. **Anais...** Salvador: ABRACOR, 1998. p. 282-288.

CARVALHO, Cláudia Rodrigues. **O projeto de conservação preventiva do museu Casa de Rui Barbosa.** Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB ClaudiaCarvalho Projeto de conservacao preventiva do museu Casa de Rui Bar bosa.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB%20ClaudiaCarvalho%20Projeto%20de%20conservacao%20preventiva%20do%20museu%20Casa%20de%20Rui%20Barbosa.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2018.

CARVALHO, Daphne Conte de. **Celso Cunha e a política da Língua Portuguesa no Brasil.** 1996. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Preservação de acervos documentais:** conceitos, agentes deteriorantes e controle. Belo horizonte: UFMG, Escola de Biblioteconomia, 1997.

CASPER, Gerhard. O futuro da universidade e o futuro das bibliotecas. In: CASPER, Gerhard. **O futuro da universidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 35-54.

CASSAR, May. Os museus do Reino Unido: abordagem estratégica da gestão ambiental. In: MENDES, Marylka et al (Org.). **Conservação:** conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. p. 305-319.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, C. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas.** São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2000.

CASSARES, Norma Cianflone; TANAKA, Ana Paula Hirata (Org.). **Preservação de acervos bibliográficos:** homenagem à Guida Mindlin. São Paulo: Associação Brasileira de Encadernação e Restauro, 2008.

CASTRO, Ivo. Celso Cunha, o não-gramático. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 23-28, jan./jun. 1993.

CASTRO, Manoel Antonio de. Carta enviada ao Diretor da Faculdade de Letras da UFRJ relatando os problemas do telhado da Biblioteca José de Alencar e da Coleção Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 23 de jul. 1992. 2f.

CATALDO, Fabiano. Conservação preventiva: uma atividade necessária a todo tipo de biblioteca. Rio de Janeiro, 24 de março de 2018. 38 slides. Apresentação em Power Point. Palestra proferida no Centro Cultural José Bonifácio. Museu da Escravidão e da Liberdade.

CAVICCHIOLI, Andrea; ALEGRE, Priscila Leitão Denardi. **Microambientes e conservação preventiva em áreas indoor: o caso do espaço interior não climatizado da Casa de Dona Yayá, em São Paulo.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 2017,

vol.25, n.3, p.291-340. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n3/1982-0267-anaismp-25-03-291.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2018.

CHILD, Margaret S. Considerações complementares sobre “seleção para preservação: uma abordagem materialística”. In: PLANEJAMENTO de preservação e gerenciamento de programas. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001a. p. 31-40. (CPBA, 35).

CHILD, Margaret S. Planejamento para preservação. In: PLANEJAMENTO e prioridades. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001b. p. 7-15. (CPBA, 30).

CHILD, Margaret S. Políticas de desenvolvimento de coleção e preservação. In: PLANEJAMENTO e prioridades. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional, 2001c. p. 17-20. (CPBA, 31).

COELHO, Carla Maria Teixeira. Plano de conservação preventiva. In: AGUIAR, Bárbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa Gamboa. **Arquitetura moderna e sua preservação**: estudos para o plano de conservação preventiva do pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: In-fólio, 2017. p. 32- 41.

COELHO, Gislene Teixeira. A biblioteca como representação metafórica da intelectualidade latino-americana. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Gislene-Teixeira.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

COLLECTA, Processos, Produto e Coleta de Dados. Relatório da primeira parte da mudança do acervo da biblioteca particular do Professor Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1992a.

COLLECTA, Processos, Produto e Coleta de Dados. Relatório apresentado ao SiBI/UFRJ, relativo à produção do período de 01 de abril a 15 de abril de 1992 na implantação do sistema de registro patrimonial da Coleção Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 15 de abril de 1992b.

COLLECTA, Processos, Produto e Coleta de Dados. Relatório da segunda parte da mudança do acervo da biblioteca particular do Professor Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1992c.

COMBATE RIO: Divisão de acervos bibliográficos e documentais. Relatório de realização do serviço de higienização e desinfestação do acervo da Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2009. 2p.

COMO gerir um museu: manual prático. ICOM- Conselho Internacional de Museus. 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

CONWAY, P. **Preservação no universo digital**. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <<http://www.arqsp.org.br/cba/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

CORADI, Joana Paula; EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Técnicas básicas de conservação e preservação de acervos bibliográficos**. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/588/693>>. Acesso em: 22 set. 2018.

CRADDOCK, Ann Brooke. Controle de temperatura e umidade em acervos pequenos. In: MENDES, Marylka et al (Org.). **Conservação: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. p. 65-82.

CRIPPA, Giulia. Memórias: geografias culturais entre história e ciência da informação. In: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta Editora, 2010. p.79-110.

CUNHA, Celso. **Posse na Academia Brasileira de Letras**: discurso de posse de Celso Ferreira da Cunha e discurso do acadêmico Abgar Renault. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

CUNHA, Celso. O ensino do português. In: PEREIRA, Cilene da Cunha. (Org.). **Sob a pele das palavras: dispersos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 407-417.

CUNHA, Celso. Filologia e vida. In: PEREIRA, Cilene da Cunha. (Org.). **Sob a pele das palavras: dispersos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 419-429.

CUNHA, Cinira. Carta ao Diretor da Faculdade de Letras, manifestando seu agrado pelo interesse da UFRJ em comprar a biblioteca particular do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 21 de nov. 1990a. 2f.

CUNHA, Cinira. Carta em resposta a solicitação feita pelo Diretor da Divisão de Contratos e Serviços. Rio de Janeiro, 22 de mar. 1991b. 4f.

CUNHA, Cinira. Carta ao Reitor da UFRJ com a descrição da biblioteca do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1991c.

CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária na encruzilhada. **Data Grama Zero: revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14869>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DARNTON, Robert. O que é a história do livro?: revisitado. **ArtCultura**, Uberlândia, v.10, n.16, p.155-169, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/R_Darnton.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017.

DIAS, M.M.K.; PIRES, D. **Formação e Desenvolvimento de coleções e serviços de informação**. São Carlos: EDUFSCAR, 2003.

DUBY, Georges; LARDREAU, GUY. A memória, e o que ela esquece. In: DUBY, Georges; LARDREAU, GUY. **Diálogos sobre a nova história**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989. p.61-73.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FERREIRA, Tânia Maria Bessone. A biblioteca de Rui Barbosa no palácio dos livros. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Catálogo da biblioteca de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 28-50.

FERREIRA, Tânia Maria Bessone. **Palácio de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros, Rio de Janeiro, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2014.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Org.). **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 247-263.

FLAESCHEN, Jandira Helena Fernandes. **Qualidade do ar: relações e interferências na preservação da Coleção Miscellanea Curiosa**. 2017. 157f. (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos em Ciência e Tecnologia, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://site.mast.br/ppact/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jandira%20PPACT%20MAST%202017.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

FONSECA, Cintia Cibele Ramos. **Avaliação de raridade bibliográfica da coleção João Luiz Rolla do Acervo Histórico da Biblioteca da Escola de Educação Física-UFRGS**. 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117397>>. Acesso em: 25 maio 2017.

FONSECA, Edson Nery da. Celso Cunha e os livros. **Jornal do Commercio**, Recife, 01 out. 1995. [não paginado].

FRANCO, Solange Alves Otto. É preciso motivar a criação de equipe de conservação preventiva em bibliotecas. In: ABRUNHOSA, J. J. (Org.). **Coletânea sobre preservação & conservação de acervos em bibliotecas brasileiras**. Nova Friburgo: Êxito, 2008. p. 21-36.

FREITAS, Carlos Machado de. A contribuição dos estudos de percepção de risco na avaliação e gerenciamento de riscos relacionados aos resíduos perigosos. In: SISINNO, Cristina Lucia Silveira; OLIVEIRA, Rosália Maria de (Org.). **Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 111-128.

FRONER, Yacy-ara; ROSADO, Alessandra. **Princípios históricos e filosóficos da conservação preventiva**. Belo Horizonte: UFMG/EBA/LACICOR, 2008.

FRONER, Yacy-Ara; SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Roteiro de avaliação e diagnóstico de conservação preventiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <<http://www.lacicor.org/demu/pdf/caderno1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

GARCIA, Ana Cristina de Oliveira. **Arquivo de História da Ciência do MAST: análise das áreas de guarda de acervo**. 2012. 68 f. (Especialização) - Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos em Ciência e Tecnologia, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2012.

GARLICK, Karen. Planejamento de um programa eficaz de manutenção de acervos. In: PLANEJAMENTO e prioridades. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva para Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. p. 21-29 (CPBA, 32).

GONÇALVES, Willi de Barros. **Métricas de preservação e simulações computacionais como ferramentas diagnósticas para a conservação preventiva de coleções**. 2013. 492 f. (Tese) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: < [file:///C:/Users/Micro/Downloads/willi_de_barros_goncalves%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Micro/Downloads/willi_de_barros_goncalves%20(1).pdf)>. Acesso em: 5 maio. 2018.

GONÇALVES, Willi de Barros; SOUZA, Luiz A. C. Considerações sobre sistemas de climatização empregados no gerenciamento ambiental de coleções, visando sua conservação preventiva. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 46, p. 91-107, 2014.

GRIEBLER, Ana Cristina de Freitas; MATTOS, Ana Maria. Preservação de documentos: educar para conscientizar. In: ABRUNHOSA, J. J. (Org.). **Coletânea sobre preservação & conservação de acervos em bibliotecas brasileiras**. Nova Friburgo: Êxito, 2008. p. 37-51.

GUERRA, Antônio Teixeira. Paisagens físicas da Guanabara. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v.27, nº 4, p.539-568, out./dez. 1965. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1965_v27_n4.pdf. Acesso em: 21 de abr. 2018.

GUICHEN, Gael. La Conservation preventive: un changement profond de mentalité. *Studyseries, ICOM-CC/ULB*, Bruxelas, v.1, n. 1. p. 4-5, 1995.

GUICHEN, Gael. Medio siglo de conservación preventiva. Entrevista a Gael de Guichen. **GE-Conservacion**: publicacion digital hispano-lusa de conservacion y restauracion, n. 0, p. 35-44, 2009. Entrevista concedida a Marisa Gómez y Benoît de Tapol, do Comité Científico Técnico del GEIIC, em agosto de 2009. Disponível em: <<http://ge-iic.com/revista/volumen>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Colecionismo e lugares de memória. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. p. 228-233.

GUIMARÃES, Lygia. Preservação de acervos culturais. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (Org.) **Segurança de acervos culturais**. Rio de Janeiro: MAST, 2012. p. 73-108.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: FAPERJ, 2007. p.23-41.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia: (1950-1987)**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

GUTHS, Saulo. **Degradação de acervos: parâmetros ambientais e métodos de controle**. São Paulo: SENAI, 2006.

GUTHS, Saulo; CARVALHO, Cláudia S. Rodrigues de. **Conservação preventiva: ambientes próprios para coleções**. Rio de Janeiro, MAST, 2007. p. 25-43. Disponível em: <http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_9.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GUTIERREZ, Ângela. Coleções: entre o público e o privado. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. p. 254-257.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANNESCH, Ozana. **Patrimônio arquivístico em museus: reflexões sobre seleção e priorização de conservação-restauração de documentos em suporte papel**. 2013. xvi, 229 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2013. Disponível em: <http://ppgpmus.mast.br/dissertacoes/ozana_hannesch.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2017.

HAZEN, Dan. C. Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções. In: PLANEJAMENTO de preservação e gerenciamento de programas. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. p. 7- 15. (CPBA, 33).

HENRIQUES, Fernando M. A. **Humidade em paredes**. 3. ed. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2001. Disponível em: <<https://www.upload.engenhariacivil.com/files/00477644296044263126.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

HEYMANN, Luciana Quillet. **Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller**. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>>. Acesso em: 19. mar. 2017.

HOLLOS, Adriana Cox. Fundamentos da Preservação Documental no Brasil. **Acervo**: revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 13-30, jul./dez. 2010.

HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI Junior, José Luiz. **Gerenciamento de riscos**: uma abordagem interdisciplinar. Ponto de Acesso, Salvador, v. 3, n. 1, p. 72-81, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3314/2424>>. Acesso em: 06 jan. 2013.

HOUAISS, Antônio. SESSÃO de Saudade dedicada ao acadêmico Celso Ferreira da Cunha. **Revista da Academia Brasileira e Letras**, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 62-63, jan./jun.1989.

HOUAISS, Antônio. Uma obra: a propósito de Celso Cunha. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco; HOUAISS, Antônio. Homenagem a Celso Cunha. **Boletim do Conselho Federal de Cultura**, Rio de Janeiro, ano 20, n. 75, p.125-134, abr./jun.1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Manual de diagnóstico de conservação para acervos arquivísticos e bibliográficos. Brasília, DF: IBRAM, 2014.

IPHAN. **Coletânea de leis sobre Preservação do Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 9-17.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização**: problemas teóricos de restauro. São Paulo: Ateliê Editorial: FAPESP, 2008.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Viollet-le-Duc e o Verbete Restauração. In: KÜHL, Beatriz M. (Org.). Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc - Restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006, v. 1, p. 9-25.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 21-44.

LEE, Mary Wood. **Prevencion y tratamiento Del moho en las colecciones de Bibliotecas, con particular referencia a las que padecem climas tropicales**: un estudio del RAMP. Paris: UNESCO, 1988.

LESSA, Ricardo. Bibliotecas particulares do Rio estão em extinção. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jun. 1979. Caderno Cidade, p. 22.

LIMA, Gilvânia Faria de. **Os desafios da preservação e da exposição de obras de arte: o caso do acervo Piranese na Biblioteca Nacional**. 2016. 125f. (Mestrado). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16816/ARQUIVO%20FINAL%20FGV%20GILV%C3%82NIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. SESSÃO de Saudade dedicada ao acadêmico Celso Ferreira da Cunha. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 55-56, jan./jun.1989.

LINO, Lúcia Alves da Silva; HANNESCH, Ozana; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Política de preservação no gerenciamento de coleções especiais: um estudo de caso no Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 123, ano 2003, p.60-75, 2007. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/anais_123_2003.pdf> Acesso em: 19 fev. 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LOUREIRO, M. L. N. (Org.). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 61-82. (Mast Colloquia, 11).

LUCCAS, Lucy; SERIPIERRI, Dione. **Conservar para não restaurar: uma proposta para preservação de documentos em bibliotecas**. Brasília, DF: Thesaurus, 1995.

MACULAN FILHO, Nelson. Carta a Cinira Cunha informando sobre a solicitação ao Ministério da Educação (MEC) do recurso necessário para à aquisição da biblioteca particular do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 22 de jan. de 1991.

MACULAN FILHO, Nelson. Depoimento [maio 2018]. Entrevista concedida a Rosângela Coutinho. Rio de Janeiro: COPPE: UFRJ, 07 de maio de 2018. Tempo de duração: 40min.

MATTOS, Lorete. Conservação de bibliotecas: valores, agentes de degradação e riscos associados. In: SANTOS, Jussara Pereira (ORG.). **Gestão Ambiental em bibliotecas: aspectos interdisciplinares sobre ergonomia, segurança, condicionantes ambientais estética nos espaços de informação**. 2. ed. rev. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p.131-140.

MELLO, Paula Maria Abrantes Cotta de. Gerenciando a fragmentação: os muitos acervos raros da UFRJ. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, v.130, ano 2010. p.341-348, 2014. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2010_00130.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2017.

MELLO, Paula Maria Abrantes Cotta de. Panorama das bibliotecas universitárias brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 26., 2015. São Paulo. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/index.php/manuais-e-publicacoes>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

MENDES, Marylka et al (Org.). **Conservação: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/MENESES_Ulpiano_O-campo-do-patrimonio-cultural---uma-revisao-de-premissas.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MENEZES, Adriana Araújo Reis. **Fungos em Bibliotecas: frequência dos gêneros em livros e elaboração de teste para avaliação da biorreptividade em papéis.** 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/42/42132/tde-21102009-163833/pt-br.php>>. Acesso em: 22 set. 2018.

MICHALSKI, Stefan. **Conservação e preservação do acervo.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

MICHALSKI, Stefan; Pedersoli, José Luiz. Manual de Gestión de Riesgo de Colecciones, 2009_03_27, v.t.1 carta. ICCROM, 2009, 93 p. [DRAFT VERSION]) Disponível em: <<http://collectionrisk.info/MCRM/MCRMWelcome/htm>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

MILANESI, Luiz. **O que é Biblioteca.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.9.

MONTELLO, Josué. A missão de Celso Cunha. **Revista da Academia Brasileira e Letras**, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 65-71, jan./jun.1989.

MONTELLO, Josué. Mestre Celso Cunha. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. LVII-LIX

MOTTA, Lia. Valor de patrimônio e saber técnico institucional. In: CUREA, Sandra et al (Coord.). **Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural.** Belo Horizonte: Editora Fórum, 2011. p. 183-199.

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI. **Biblioteca Nacional-Obras Raras.** Catálogo da Exposição. Rio Grande do Sul, 2000. p.13.

NAPOLEONE, Luciana Maria; BEFFA, Maria Lucia ; MARIA, Maíra Cunha de Souza; JASTWEBSKI, Silvia Mara de Andrade. Livros e bibliotecas como bens culturais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.** São Paulo, v.12, n. especial, p.203-207, jul./dez. 2016. Disponível em: < <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/615>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

NASCENTES, Antenor. Saudação do Professor Antenor Nascentes a Celso Cunha na solenidade de posse na cadeira de Português do Externato do Colégio Pedro II pronunciado no Salão Nobre do Colégio aos 22 de novembro de 1952. In: CUNHA, Celso. **O Ensino de Português.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1954.

NASCIMENTO, Guilherme C. **Avaliação da qualidade do ar em ambientes internos: biblioteca pública.** 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Universidade de São

Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../NASCIMENTO_GuilhermeC.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OGDEN, Sherelyn. **Armazenagem e manuseio**. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

OGDEN, Sherelyn. **Meio ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/08/14_17.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

OGDEN, Sherelyn. Planejamento para preservação. In: OGDEN, Sherelyn; GARLICK, Karen. **Planejamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

OGDEN, Sherelyn. Políticas de desenvolvimento de coleção e preservação. In: OGDEN, Sherelyn; GARLICK, Karen. **Planejamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

OLIVEIRA, Phelipe de. Sobre o acervo de Celso Cunha. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rosangelacoutinho@letras.ufrj.br> em 24 mar.2016.

PAGLIONE, Camila Zanon. **Glossário visual de conservação**: um guia de danos comuns em papéis e livros. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/sites/default/files/publicacoes/bbm_glossario_visual_conservacao.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

PARA lembrar Cunha: exposição e edição de livro marcam os 10 anos sem o gramático. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 nov.1999. Caderno B, p.2.

PEARSON, Colin. Preservação de acervos em países tropicais. In: MENDES, Marylka et al (Org.). **Conservação**: conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. p. 35-40.

PEDERSOLI Junior, José Luiz. ENTREVISTA com José Luiz Pedersoli. **Acervo**: revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 7-12, jul./dez. 2010.

PEDERSOLI Junior, José Luiz. **Gerenciamento de risco para acervos culturais**. Apostila do I Curso de Preservação de Acervos Culturais, 21 a 25 de novembro de 2011, Rio de Janeiro: MAST / Coordenação de Documentação e Arquivo, 2011, p. 21-39.

PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PEREIRA, Cilene da Cunha. Esboço biográfico. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. XV-XXIII.

PEREIRA, Cilene da Cunha (Org.). **Sob a pele das palavras**: dispersos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004.

PEREIRA, Cilene da Cunha. **Celso Cunha**: cadeira 35, ocupante 4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). **Celso Cunha**: dez anos de saudade. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro: Ed. UFRJ, 1999. Catálogo de exposição, 18 nov.-18 dez. 1999, Biblioteca Nacional.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Saudades de Celso Cunha. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. IX-XIII.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **Livro raro**: formação e gestão de coleções bibliográficas especiais. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.

PINHEIRO, Ana Virgínia; SANTOS, Cássia Rosania Nogueira dos; ROCHA, Vânia Melo da; GODOY, Rosani. O histórico da biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Trabalhos...** Belo Horizonte: SNBU: UFMG, 2014. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/549-2341.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

PINHEIRO, A. V. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H. de C.; BARROS, M. H. T. C. de (Org.). **Ciência da informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária, 2009. p.31-44. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

PLAN para la preservación de colecciones. Apoyo; Library of Congress [Estados Unidos] (editores), com apoio do ICCROM, 2000. Disponível em: <http://www.cciicc.gc.ca/bookstore/viewCategory_e.aspx?id=20> . Acesso em: 21 jan. 2016.

POMIAN, Krzystf. Coleção. In: Enciclopedia Einaudi: Memória-História. Lisboa: Imprensa: Casa da Moeda, 1984. Vol.1. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/114242983/Pomian-Colecao>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

PORTELLA, Eduardo. O saber sensível. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. LXI-LXIII

PORTELLA, Eduardo. O saber sensível. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). **Celso Cunha, dez anos de saudade**: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro: Ed. UFRJ, 1999. Catálogo de exposição, 18 nov.-19 dez. 1999, Biblioteca Nacional.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). Rio de Janeiro: características geográficas, 07 de dez. 2009. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/caracteristicas-geograficas>. Acesso em: 28 set. 2018.

REILLY, J. M.; NISHIMURA, D.W.; ZINN, E. **Novas ferramentas para preservação**: avaliando os efeitos ambientais a longo prazo sobre coleções de bibliotecas e arquivos. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

RELATÓRIO da Cooperativa dos trabalhadores autônomos do complexo de Manguinhos (COOTRAM). Rio de Janeiro, 26 de junho de 1998.

RELATÓRIO de visita técnica realizada à Biblioteca da Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1997. Fundação Biblioteca Nacional: Departamento de Processos Técnicos: Coordenadoria de preservação: Divisão de conservação e restauração.

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, n. 155, 1988.

ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: ROSSI, Paolo. **O passado, a memória e o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed.UNESP, 2010. p.15-38.

SALLES FILHO, Antônio. Celso: o amigo fiel. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.LXV-LXVIII.

SANTIAGO, Monica Cristina. Diagnóstico de Acervo. In: CONSERVAÇÃO de Documentos. Rio de Janeiro, FCRB: 1994.

SANTOS, Marília de Oliveira; SANTOS, Jussara. A preservação dos suportes informacionais em bibliotecas. In: SANTOS, Jussara Pereira (ORG.). **Gestão Ambiental em bibliotecas**: aspectos interdisciplinares sobre ergonomia, segurança, condicionantes ambientais estética nos espaços de informação. 2. ed. rev. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p.141-151.

SEBERA, Donald K. **Isopermas**: uma ferramenta para o gerenciamento ambiental. Rio de Janeiro: Projeto de conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo nacional, 1997.

SERIPIERRI, Dione et al. **Manual de conservação preventiva de documentos**: papel e filme. São Paulo: Edusp, 2005.

SESSÃO de Saudade dedicada ao acadêmico Celso Ferreira da Cunha. **Revista da Academia Brasileira e Letras**, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p.55-67, jan./jun.1989.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UFRJ. Apresentação [Site]. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/index.php/o-sibi/quem-somos>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

SILVA, Sergio Conde de Albite e. **Algumas reflexões sobre a preservação de acervos em arquivos e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Centro de Memória, 1998. (Comunicação Técnica, 1).

SOUZA, Gabriela Lúcio de. et al. **Preservação do acervo bibliográfico do espaço memorial Carlos Chagas Filho: primeira etapa**. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48525>>. Acesso em: 19 set. 2018.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Diagnóstico de conservação: modelo proposto para avaliar as necessidades de gerenciamento ambiental em museus**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. Disponível em: <<http://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2013/04/Diagn%C3%B3stico-de-Conserva%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2015.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz; FRONER, Yacy-Ara. **Reconhecimento de materiais que compõem acervos**. Belo Horizonte: UFMG/EBA/LACICOR, 2008. Disponível em: <<http://www.lacicor.org/demu/pdf/caderno4.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz; FRONER, Yacy-Ara (Org.). **Roteiro de avaliação e diagnóstico de conservação preventiva**. Belo Horizonte: UFMG/EBA/LACICOR, 2008. Disponível em: <<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2014/04/Roteiro-de-Avalia%C3%A7%C3%A3o-e-Diagn%C3%B3stico.doc.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

SPINELLI JUNIOR, Jayme. **A conservação de acervos bibliográficos e documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. Disponível em: <<http://planorweb.bn.br/documentos/ConservacaoAcervosBibliograficosDocumentais.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

SPINELLI JUNIOR, Jayme. Guia de preservação e segurança. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.127, p.7-98, 2010. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf> Acesso em: 21 abr. 2018.

SPINELLI JUNIOR, Jayme; BRANDÃO, Emiliana; FRANÇA, Camila. **Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais: CNJ**. [Rio de Janeiro]: Arquivo Nacional: Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em: <<https://folivm.files.wordpress.com/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.

SPINELLI JUNIOR, Jayme; PEDERSOLI, José Luiz. **Biblioteca Nacional: plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda e emergência**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

STOCKER, Claudia T. Cuidados especiais com acervos bibliográficos: preservação e conservação. In: ABRUNHOSA, J. J. (Org.). **Coletânea sobre preservação & conservação de acervos em bibliotecas brasileiras**. Nova Friburgo: Êxito, 2008. p. 53-63.

TEIXEIRA, Regina. Herança Literária. **Gazeta Mercantil**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1999.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, M. L. N. (Org.). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 61-82. (Mast Colloquia, 11).

THIESEN, Icléia. **Memória Institucional**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.

THIESEN, Icléia. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. Disponível em:
<<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

TRINKLEY, Michael. **Considerações sobre preservação na construção e reforma de bibliotecas: planejamento para preservação**. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos Arquivo Nacional, 2001.

TRUDGILL, Peter; Hernández Campoy, J. M. **Diccionario de Sociolingüística**. Madrid: Editorial Grados, 2007. p. 245.

UNIVERSIDADE DO BRASIL. Escritório Técnico da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 1952.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando 254/90 enviado ao Diretor do Escritório Técnico da Universidade (ETU) pelo Diretor Adjunto de Administração e Finanças relatando goteira no teto da Biblioteca José de Alencar. Rio de Janeiro, 03 de maio. 1990a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Faculdade de Letras. Ata da 195ª sessão da Congregação. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1990b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de visita técnica realizada a residência da família do Professor Celso Cunha para emissão de parecer bibliotecário sobre a aquisição de sua biblioteca. Rio de Janeiro, 05 de dez. 1990c.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando nº674/90 do Diretor de Administração e Finanças da Faculdade de Letras para o Reitor com uma exposição de motivos para a compra da biblioteca particular do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 17 de dez. 1990d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Escritório técnico da Universidade (ETU). Processo nº 23079.042479/90-55 para instalação da Coleção Professor Celso Cunha na Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 19 de dez. 1990e.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de visita técnica realizada a residência da família do Professor Celso Cunha para emissão de parecer estético sobre o mobiliário da biblioteca particular para aquisição. Rio de Janeiro, 19 de dez. 1990f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de atividades da Biblioteca Central do Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro, 1991g. 24f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando nº280/91 do Diretor da Faculdade de Letras para o Reitor com a descrição da biblioteca particular do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 15 de maio. 1991h.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Termo de contrato de compra e venda da Coleção Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 26 de jul. 1991i. 2f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de acompanhamento da primeira etapa de transferência do acervo da Biblioteca particular do Professor Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 27 de fev. 1992j.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Escritório técnico da Universidade (ETU). Processo nº 23079.014809/92-10 para instalação da Coleção Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 09 de abr. 1992l.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Escritório técnico da Universidade (ETU). Processo nº 23079.010053/92-95 para aquisição de material permanente para a Coleção Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 09 de abr. 1992m.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de acompanhamento da segunda etapa de transferência do acervo da Biblioteca particular do Professor Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 06 de maio 1992n.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando nº179/92 da Diretora da Biblioteca Central (SiBI) para o chefe de Gabinete do Reitor sobre a Coleção Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 12 de maio. 1992o.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando s/nº enviado ao chefe do Departamento da Faculdade de Letras de Ciência da Literatura pelo Vice-Diretor responsável pela biblioteca, sobre a Biblioteca Celso Cunha. Rio de Janeiro, 24 de jul. 1992p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Escritório técnico da Universidade (ETU). Processo nº 041164/91-90 para instalação da Coleção Professor Celso Cunha na Biblioteca da Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 28 de set. 1992q.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de acompanhamento da terceira etapa de transferência do acervo da Biblioteca particular do Professor Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 30 de jul. 1993r.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Requerimento do Diretor da Faculdade de Letras para o Reitor solicitando autorização para alocação na Faculdade de

Letras de recursos no montante de CR\$ 1.450.000,00 (Hum milhão, quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros reais) para pagamento dos serviços de desinfestação da Coleção Professor Celso Cunha e da Biblioteca da Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 17 de nov. 1993s.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando nº001911/93 da Chefe da Biblioteca para o Diretor da Faculdade de Letras solicitando a higienização do acervo da biblioteca . Rio de Janeiro, 18 de nov. 1993t.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando nº000349/94 da Chefe da Biblioteca para o Diretor da Faculdade de Letras solicitando a desinfestação do ambiente e a fumigação do acervo da Coleção Professor Celso Cunha . Rio de Janeiro, 28 de mar. 1994u.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Memorando nº350/94 da Chefe da Biblioteca para o Diretor da Faculdade de Letras relatando a existência de goteiras no teto da sala da Coleção Professor Celso Cunha, no setor de Referência, no setor de periódico, no salão do acervo geral e em diversas dependências da biblioteca . Rio de Janeiro, 28 de mar. 1994v.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Ofício nº003/94 da Chefe da Biblioteca da Faculdade de Letras ao Diretor Geral do Arquivo Nacional solicitando diagnóstico técnico do acervo da Biblioteca. Rio de Janeiro, 06 de jul. 1994w.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de atividades da Biblioteca da Faculdade de Letras: Setembro 1993 – novembro 1994. Rio de Janeiro, 20 de dez. 1994x. 27f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Faculdade de Letras. Ata da 264ª sessão da Congregação. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1995y.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Relatório de atividades da Biblioteca da Faculdade de Letras: 1990-1991-1992-1993. Rio de Janeiro, 31 de ago. 1995z. 50f.

VAILLANT CALLOL, Milagros. **Biodeterioração do patrimônio histórico documental: alternativas para sua erradicação e controle.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

VAILLANT CALLOL, Milagros. Conservação preventiva para instituições cariocas que custodiam bens culturais. **Acervo:** revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 77-88, jul./dez. 2010.

VALLE, Clarimar Almeida. **Subsídios para uma política de preservação e conservação de acervos em bibliotecas universitárias brasileiras.** 1991. 105 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Faculdade e Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1991. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5504?mode=full>> Acesso em 03 jun. 2017.

VASSÃO, Carolina Fauth; SANTOS, Jussara Pereira. A segurança das edificações de bibliotecas contra inundações e ventos fortes. In: SANTOS, Jussara Pereira (ORG.). **Gestão Ambiental em bibliotecas**: aspectos interdisciplinares sobre ergonomia, segurança, condicionantes ambientais estéticas nos espaços de informação. 2. ed. rev. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 101-110.

YAMASHITA, Marina Mayumi; PALLETA, Fátima Aparecida Colombo. Preservação e conservação do acervo da DBDCQ/USP. STOCKER, Claudia T. Cuidados especiais com acervos bibliográficos: preservação e conservação. In: ABRUNHOSA, J. J. (Org.). **Coletânea sobre preservação & conservação de acervos em bibliotecas brasileiras**. Nova Friburgo: Êxito, 2008. p. 9-19.

ZÜÑIGA, Solange Sette Garcia de. A importância de um programa de preservação em arquivos públicos e privados. **Registro**: revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba, Indaiatuba, v. 1, n. 1, p. 71-89, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1- FICHA DE DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES

FICHA DE DIAGNÓSTICO

IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO
Instituição: Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ
Seção de Guarda: Sala Professor Celso Cunha
Acervo: Coleção Professor Celso Cunha
IDENTIFICAÇÃO DA OBRA
Autor:
Título:
Editor/Tipografia/Local:
Data da Obra:
Edição/Tomo
Número de Páginas:
Dimensões:
Número de chamada:
Registro patrimonial:
ESPECIFICAÇÃO DO SUPORTE
Livro: <input type="checkbox"/> Brochura <input type="checkbox"/> Encadernado
<input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Manuscrito <input type="checkbox"/> Datilografado
Tipo de papel: <input type="checkbox"/> Papel <i>couché</i> <input type="checkbox"/> Papel de trapo
<input type="checkbox"/> Papel madeira <input type="checkbox"/> Papel jornal <input type="checkbox"/> Pergaminho
Guarda: <input type="checkbox"/> Papel marmorizado <input type="checkbox"/> Papel de trapo <input type="checkbox"/> Papel madeira <input type="checkbox"/> Papel <i>couché</i> <input type="checkbox"/> Sem guarda
ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO SUPORTE
Sujidade <input type="checkbox"/>
Folhas amarelcidas <input type="checkbox"/>
Bordas quebradiças <input type="checkbox"/>
Ondulação <input type="checkbox"/>
Foxing (pontos amarelados/ fungos) <input type="checkbox"/>
Oxidação da tinta de impressão <input type="checkbox"/>
Migração da tinta de impressão para o verso <input type="checkbox"/>
Mancha: <input type="checkbox"/> de umidade <input type="checkbox"/> de adesivos <input type="checkbox"/> de ferrugem
Áreas com manchas de oxidação <input type="checkbox"/>
Ataque por agente biológico: <input type="checkbox"/> Micro-organismo <input type="checkbox"/> Inseto <input type="checkbox"/> Roedor

Perda de suporte por ataque de insetos []
Rasgos []
Dobras/ vincos []
Perfurações []
Abrasão/ desgaste []
Fita adesiva []
Carimbo []
Anotações à grafite []
Anotações à tinta []
Perda de folhas []
Cola []
Estado geral da obra: [] Ótimo [] Bom [] Regular [] Ruim [] Péssimo
Observações:
ESPECIFICAÇÃO DA ENCADERNAÇÃO
Obra encadernada [] Obra sem encadernação []
Encadernação: [] Couro [] Papel [] Tecido
Tipo de encadernação: [] Inteira [] ½ Com cantos [] ½ Sem cantos
Lombada: [] Com douração [] Sem douração [] Manuscrita [] _____
Nervos: [] Duplo [] Falso [] Simples [] Sem nervos
Cabeceado: [] Industrial [] Manual [] Sem cabeceado
Tapa: [] Madeira [] Papelão
Observações:
ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ENCADERNAÇÃO
Sujidade []
Perda de capa: [] Anterior [] Posterior
Rompimentos na capa: [] Anterior [] Posterior
Perda parcial de lombada []
Perda total de lombada []
Costura íntegra []
Costura com rompimentos []
Sem costura []
Deformação []
Descoloração []
Ressecamento do material de revestimento da encadernação []
Couro pulverulento []
Oxidação []
Ataque por agente biológico: [] Micro-organismo [] Inseto [] Roedor
Mancha de umidade []
Perda de suporte por ataque de insetos []
Estrutura da encadernação comprometida devido aos danos []
Estrutura da encadernação sem comprometimento []
Abrasão []

Arranhão []
Buraco []
Capa solta []
Sem capa []
Folhas soltas []
Grampos []
Observações:

